

ABBY TYLER

UM RECOMEÇO PARA O

Amor



Bookmarks



ABBY TYLER

UM RECOMEÇO PARA O
Amor

Tradução:
Andréia Barboza

1ª edição
2020

Bookmarks

Título Original: *The Sweetest Match*

Copyright © 2019 por Abby Tyler

Copyright da tradução © 2020 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Andréia Barboza

Copidesque: Luizyana Poletto

Capa e projeto gráfico de miolo: Luizyana Poletto

Imagem de capa: @ bernardbodo / Depositphotos

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por

Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972

contato@editorabookmarks.com

www.editorabookmarks.com

Índice

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Epílogo](#)

Torta de chocolate gelada de Gertrude e Maude

Sinopse

Ela escondia mensagens secretas na cobertura dos bolos achando que ninguém notaria...

Quando Sandy Miller decide encarar o mundo depois de anos de isolamento em sua casa na periferia da cidade, ela consegue um emprego como decoradora de bolos em uma pequena loja na Town Square.

E então, todo mundo começa a encontrar palavras secretas de amor e saudade em seus bolos.

Andrew McCallister é o primeiro a admitir que nunca esqueceu Sandy, desde que ela abandonou o ensino médio e desapareceu. Mas agora ela está de volta.

Ele só precisa ter coragem para falar com ela.

Quando a cidade convoca a dupla para planejar a festa do centenário da escola, Andrew e Sandy descobrem que são os únicos membros do comitê. Enquanto tentam reacender a chama perdida, Sandy percebe que suas mensagens devem ter sido notadas pelos moradores da cidade.

E que o amor é ainda mais doce da segunda vez.

Prólogo

ATA DA REUNIÃO

PROPRIETÁRIOS DA PRAÇA DA CIDADE DE APPLEBOTTOM

Gertrude Vogel, secretária

Principalmente porque ninguém mais fará isso.

Hoje nos reunimos na Applebottom Pie Shoppe.

Mal havíamos conseguido tomar nosso café quando Betty Johnson, a dona do Tea for Two, que não serve um único item do cardápio que pode alimentar uma velha por mais de cinco minutos, insistiu que deveria ser a primeira a falar.

Seu rosto estava tão rosado quanto a roupa de jogging, o que combinava de um jeito irritante com os lacinhos do cachorro que ela costumava a levar a todos os lugares, violando a legislação sanitária ou não. Com os cabelos brancos soltos, ela parecia o fantasma de um biscoito de dia dos namorados. Sendo que ela poderia comer alguns. Se ficasse com algumas das fatias da minha torta de brownie, ganharia um pouco de peso.

Ninguém confia em uma cozinheira magra.

Maude Lewis, uma das sócias da Applebottom Pie Shoppe, deve ter pensado a mesma coisa, pois se levantou e pegou uma torta de chocolate na geladeira. Ela cortou fatias para todos e o nosso prefeito, T-bone (ninguém

sabe o nome verdadeiro dele e temos medo de perguntar), estava babando na toalha da mesa.

Peguei a fatia maior e passei para Betty, que tentou recusar. Mas pelo menos quatro mãos empurraram o prato mais para perto, então ela deu uma pequena garfada, como se fosse Scarlett O'Hara prestes a ser amarrada em um espartilho.

Depois do nosso dever cívico ter sido cumprido, começamos a conversar até Betty nos lembrar que ela tinha um assunto urgente. Há alguns meses, ela havia contratado Sandy Miller para decorar bolos, já que seus olhos não estavam mais tão bons.

Embora tivéssemos acabado de servir a melhor torta da região de Tri-Lakes, Missouri, ela trouxe uma caixa cheia de seus *cupcakes*.

Não era comida suficiente para um passarinho, se você me perguntar. Eram bolinhos com pouco mais de dois centímetros de diâmetro. Provavelmente, não havia calorias suficientes neles para manter uma barata viva.

Maude me cutucou para que eu prestasse atenção. Betty estava falando sobre a complexidade de todo o trabalho floral nos bolos. Eu estava prestes a colocar seu botão de rosa chique na boca quando Maude bateu na minha mão. Bem na frente de todo mundo!

Betty disse que eu estava perdendo o foco e alinhou todos os bolos em sequência. Foi aí que eu vi. Claros como um sino, os traços curvilíneos se transformaram em letras, que se tornaram uma palavra.

Lindo.

Perguntei a Betty para quem eram esses bolinhos e ela disse que para ninguém em especial. Então ela nos mostrou fotos de uma torta retangular

com *talvez um dia* escondido entre a decoração de glacê.

Em outro bolinho, se você pulasse as outras linhas curvilíneas, leria *arrependimento*.

Eu disse que era provável que aquela garota tivesse muito do que se arrepender, e Delilah me mandou calar a boca. Betty, Maude e o grupo inteiro me encararam, então fiquei quieta, rabiscando essas anotações aqui como se eu não tivesse nada melhor para fazer.

Topher Smith-Cole, da Applebottom Blossoms, disse que era romântico e que deveríamos descobrir quem era esse homem lindo.

T-bone disse que Betty deveria observar os olhos da garota, pois eles a denunciariam se o homem ainda estivesse por perto.

Betty disse que Sandy sempre ficava nos fundos da loja e todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, dizendo para fazê-la sair, que isso era importante e, finalmente, Betty disse que pediria a ela para fazer algumas tarefas no salão. Assim, poderia observá-la, como sugerido por T-bone.

Concordamos que iríamos descobrir quem ele era e bolar uma maneira de juntá-los. Não havia nada como uma boa união de dois moradores para deixar uma cidade pequena orgulhosa.

Também comemos nossa torta e os *cupcakes*.

Reunião encerrada.

Um

Quando Andrew McAllister passou pela porta do Tea for Two, Sandy sabia que havia algo errado.

Ficou tão surpresa com a chegada inesperada da sua paixão de longa data que se atrapalhou com o pincel e atingiu acidentalmente a lateral do bolo de casamento que estava decorando.

Puxou a ponta, franzindo a testa para o buraco na cobertura perfeitamente lisa.

Por que Andrew estava aqui? Ela trabalhava na loja há dois meses e nunca o havia visto lá.

Mas o olhar malicioso no rosto da sua chefe lhe deu a resposta.

Betty sabia. Ela viu as palavras secretas na cobertura e descobriu.

Sandy desejou não ter feito aquilo.

Manteve os olhos fixos no bolo a sua frente quando ele se aproximou do balcão. Não conseguia olhá-lo. Não se atreveria.

O que ela estava pensando ao assumir esse risco? Primeiro, algumas curvas em uma série de *cupcakes* que formaram a palavra *lindo*.

Então as palavras, *se apenas e não correspondidas*, foram escondidas nos redemoinhos de um bolo de casamento. Estava indo para Branson! Ninguém ali sabia de nada.

Mas havia *arrependimento* na decoração em arabesco do bolo de

aposentadoria de Josefina. Com certeza, ninguém viu. Estava parcialmente coberto de flores de fondant.

Ainda assim, ele estava aqui, e Betty parecia o gato que comeu o canário. Isso não podia ser bom.

Sua pele formigou como se Betty tivesse aumentado o termostato. Mas é claro que ela não tinha feito isso. As aulas mal haviam recomeçado e o tempo ainda estava bem quente. Na verdade, Sandy podia sentir o vento suave na parte de trás do pescoço.

Independentemente disso, seu corpo estava em *chamas*.

Betty se levantou do banquinho que ficava atrás do balcão bem lentamente e com cautela, o que não era comum para uma pessoa tão agitada quanto ela.

— Andrew McAllister — ela falou, e o tom da sua voz colocou Sandy em alerta novamente. Betty só falava assim com Clementine, seu poodle.

— Boa tarde, sra. Johnson — Andrew falou.

A voz dele era baixa e profunda. O som fez seu estômago tremer. Sandy não o ouvia falar há meses, desde que ele disse algumas palavras na formatura da Applebottom High School.

Ficou feliz pelas três camadas do bolo. Se inclinou o máximo que pôde, apertando os braços nas laterais do corpo. Fingiu estar incrivelmente focada nas pétalas de peônias que caíam em cascata na parte de trás.

— Ora, Andrew, você é um homem adulto — Betty falou, ainda com a voz alta e estridente, como se estivesse conversando com um bebê. — Pode me chamar de Betty.

Sandy revirou os olhos. Isso era demais. A mulher nunca agia assim. O que ela estava tentando fazer? Mostraria a ele uma das mensagens secretas

dos seus bolos?

Andrew falou novamente.

— Com todo o respeito, não sei se me sinto confortável em chamá-la de Betty. Foi assim que minha mãe me ensinou.

— Um menino tão bom — Betty falou, e Sandy reprimiu um gemido. Isso era ridículo.

Sandy e Andrew estavam na casa dos trinta anos. Trinta e três, na verdade. Estudaram juntos no ensino médio. Sandy tinha uma queda terrível por ele, até sua cabeça ter sido virada pelo erro mais tolo que já cometeu na vida.

Se sentiu um pouco fraca. Isso não podia estar acontecendo. Applebottom, no Missouri, era pequena demais para que algo tão suculento passasse despercebido. Provavelmente, a cidade inteira estava comentando sobre as palavrinhas bobas que Sandy Miller havia escondido nas coberturas desde que assumiu o trabalho de decoração de bolos na loja de chá da Betty.

Ela podia ouvir as vozes.

Pobrezinha da Sandy, todos esses anos sozinha naquele barraco na floresta.

Sandy Miller está de volta só para causar um novo escândalo em Applebottom.

Agora que seu filho foi para a faculdade, Sandy não devia ter nada para fazer, a não ser retomar antigos casos de amor.

Cada voz em sua cabeça tinha um rosto. E, apesar de ter passado os últimos dezoito anos tentando silenciar a dureza das palavras que a levaram a viver em isolamento enquanto criava o filho, agora, certamente elas voltariam.

Ah, aquelas coberturas. Por que havia feito aquilo? As coisas estavam indo tão bem.

— Você trouxe o guia de viagem que pedi? — Betty perguntou.

Sandy espiou por trás do bolo.

Andrew colocou um livro grande no balcão de vidro.

— Sim. Está planejando ir para a Espanha?

Sandy quase se engasgou com a risada que conseguiu conter. Betty detestava aviões. A mulher mais velha havia lhe dito mais de uma vez que só voaria quando se dirigisse diretamente para os braços do Senhor e nem um momento antes.

Betty deve ter ouvido alguma coisa, porque seus olhinhos afiados se voltaram para o canto.

De repente, a motivação da mulher para fazer Sandy decorar os bolos em uma mesinha na área principal da loja se tornou suspeita. Ela havia dito que era porque o trabalho de Sandy era tão popular que queria que as pessoas tivessem a chance de vê-lo sendo criado. Agora, Sandy se perguntava se essa era sua forma de descobrir para quem eram as palavras secretas no glacê.

Quis bater na própria cabeça.

Agora fazia sentido. Todos os homens solteiros de Applebottom desfilaram pela loja de chá nos últimos dias. Com uma tarefa estranha, cada um deles vinha até Betty.

Sua chefe estava reduzindo as opções.

Com certeza, ela viu as palavras ocultas.

Betty colocou o livro atrás do balcão.

— Te devolvo em breve. O que posso pegar para você, meu querido? — Os olhos dela se voltaram mais uma vez para Sandy.

Bingo. Esse era o plano. Sandy lembrou todas as pessoas que haviam entrado ali. Obviamente, ela não havia demonstrado interesse suficiente pelos outros, porque Betty continuou fazendo com que eles aparecessem. Tudo o que ela precisava fazer era manter a compostura enquanto Andrew estava na loja de chá, e Betty seguiria em frente.

Respirou fundo, pegou o saco de confeitaria e criou uma nova cascata de pétalas de rosa para cobrir o buraco que havia feito no bolo.

— Seria ótimo poder tomar uma xícara da sua mistura especial de chá Applebottom — Andrew falou.

— É claro — Betty falou, tirando uma caneca da prateleira.

— Mas acho melhor ir embora — Andrew falou. — Preciso passar na barbearia para cortar o cabelo.

— Bobagem — Betty falou. — Você vai se sentar aqui e conversar comigo enquanto toma seu chá. Arnold pode esperar.

Andrew riu.

— Vou contar para ele que você falou isso.

— Vou ligar para avisar que você está aqui. — Betty encheu uma caneca com água quente da máquina e se virou para pegar um saquinho de chá com sua mistura especial.

Enquanto eles estavam ocupados, Sandy se inclinou para o lado oposto para poder vê-lo melhor.

Ele usava um casaco esportivo, como sempre, mesmo em um sábado. Ele sempre se vestiu bem, tanto agora como no ensino médio. Sempre admirou seu guarda-roupa. Era mais formal que o dos outros meninos e parecia mais maduro. Era isso que a intrigava quando adolescente.

Se ao menos tivesse se mantido fiel a esses sentimentos. Mas se não

tivesse se desviado, não teria Caden, e ele era a alegria da sua vida.

Não, ela não queria que nada fosse diferente. Não em seu passado. Mas Andrew estava aqui. Também sabia que ele era solteiro. Foi professor de história de Caden por dois anos no ensino médio, embora Sandy tenha se esforçado para evitar contato. Vergonha, ela imaginou. Ou talvez quisesse se apegar aos velhos sentimentos sem o risco de eles serem arruinados pela realidade.

Sandy nutriu sua paixão por ele. Como passou a vida isolada em uma casinha nos arredores da cidade só com um bebê e a mãe, não conheceu mais ninguém durante aquele tempo.

Foram tempos difíceis.

Mas fazia cinco anos que a mãe havia falecido e agora, com Caden na faculdade, ela se aventurou de volta à cidade. Teve que fazer isso. Precisava de um emprego e ficou aliviada por Betty avaliar suas pinturas e concordar que ela seria uma excelente decoradora de bolos.

E era mesmo. Ultimamente, pedidos de bolos de casamento chegavam até de St. Louis.

Se ao menos não tivesse começado a colocar as mensagens na cobertura.

— Aqui está — Betty falou, entregando a caneca fumegante a Andrew.

Sandy captou o brilho travesso nos olhos da mulher mais velha quando Betty se virou. Ah, não, ela o estava levando para lá.

Sandy deixou o saco de lado e pegou um pincel. Não queria fazer nada crítico enquanto Andrew estivesse tão perto. Suas mãos já estavam tremendo.

— Sabia que a Sandy está decorando bolos para mim? — Betty perguntou.

Agora que ouviu a pergunta, Sandy se lembrou que a mesma frase foi dita

a muitos dos homens solteiros de Applebottom na última semana.

Isso era uma conspiração. Como se manteria calma com Andrew andando direto em sua direção?

Se concentrou em sua tarefa. Não olhe para cima. Melhor parecer rude do que revelar seu segredo.

Escureceu as bordas de todas as pétalas cor de rosa, tornando-as mais realistas. Tentou controlar a respiração e acalmar o tremor. Estava tudo bem. Ela podia agir normalmente.

— Não a vi lá nos fundos — Andrew falou. — Mas ouvi dizer que ela estava trabalhando para você.

Ele ouviu?

Arriscou uma olhada e encontrou os olhos azuis amáveis de Andrew concentrados nela.

Seu coração derreteu. Todas as emoções que manteve dentro do peito por tantos anos se elevaram, ampliadas pela presença dele.

Como a sua vida poderia ter sido diferente. O que ela poderia ter pintado se estivesse iluminada por dentro como estava agora?

— Olá, Sandy — Andrew a cumprimentou. — Há quanto tempo.

— Sim — respondeu, sentindo as bochechas esquentarem ao som da própria voz, que tremia como a de um menino de coral atingindo a puberdade.

Os olhos de Betty brilharam. Ela percebeu.

Fique calma.

— O bolo está lindo — Andrew comentou. — Você faz tudo isso à mão?

— Faço, sim — Sandy respondeu, sentindo um raio quente passar por ela como se tivesse acabado de fazer votos de casamento para ele. Uma série de

visões apareceu, ele de terno e ela de vestido branco. Caden como o padrinho.

Não. Pare. Foco.

Os olhos de Betty não deixaram nada passar. Um sorrisinho apareceu em seus lábios.

Sandy amava sua chefe. Mas agora, realmente precisava que ela se afastasse.

Embora já fosse tarde demais.

— Antes da Sandy aparecer, eu tinha sorte se conseguia vender um bolo de casamento por mês — Betty declarou. — Agora, estamos fazendo o que, Sandy? Cinco por semana?

Ela assentiu. Não confiava em sua voz. Mergulhou o pincel de volta no gel rosa diluído.

— Ela tem muita atenção aos detalhes — Betty continuou. — Sabia que saiu uma foto de um dos bolos de Sandy na coluna social de um jornal de Branson? Ela foi o assunto da cidade.

Sandy pintou as pétalas com muito foco, como se estivesse fazendo uma cirurgia de catarata a laser. Não podia dar atenção a qualquer outra coisa.

— A Sandy sempre foi uma artista incrível — Andrew comentou. — Me lembro de ter visto as pinturas dela na época da escola.

Sandy quase perdeu o controle do pincel. Sério? Ele se lembrava das suas pinturas?

Não pôde deixar de olhar para cima novamente. Os olhos dele ainda estavam nela. Ele era tão bonito... os cabelos escuros caíam sobre a testa, a mandíbula era forte e era alto e esbelto. Ela podia estar mais atraída por ele agora do que no ensino médio.

Estava no segundo ano do ensino médio e era muito tímida. Já Andrew era bastante popular, mas não atlético ou ousado. Ele era da National Honor Society, um tipo de Conselho Estudantil. Bem vestido, se comunicava bem, era gentil...

Talvez ela fosse jovem demais para ele. Independentemente disso, eles nunca tiveram uma chance. O desastre de Sandy a levou para longe de Andrew e do ensino médio. Ela não se formou, nem conseguiu um diploma. Seria inútil na floresta, com um bebê no colo e a cidade falando horrores a seu respeito.

Foi tomada pela vergonha. Nem deveria estar olhando para Andrew McAllister. Ele tinha três diplomas. Estava se preparando para se tornar professor universitário quando voltou para Applebottom. Seu pai morreu e a mãe ficou muito mal por bastante tempo. Ela estava bem agora, mas Andrew assumiu uma vaga como professor na escola e acabou ficando na cidade. Sandy sabia de tudo isso, mesmo vivendo tão isolada na floresta. Sua mãe ainda ia à cidade e voltava com as últimas fofocas.

— Bem, vou deixar vocês dois colocarem a conversa em dia — Betty falou. — Tenho que preparar a pasta de cream cheese com pimenta.

Ela não precisava fazer isso. A pasta estava pronta há horas.

Mas Sandy descobriu que não podia culpar a idosa enquanto olhava para Andrew, que a observava com uma atenção que a fez ruborizar mais uma vez.

Ele não se casou. Sandy não sabia o porquê. Essas informações os fofoqueiros não tinham, apesar de terem especulado muito. Talvez alguma universitária o tivesse magoado. Ou talvez ele fosse dedicado demais à mãe. Sandy não se importava. Só a verdade importava. Ela sabia disso melhor que ninguém.

Quando Betty deixou os dois sozinhos, Sandy não se incomodou com o motivo, só com o fato de que ele poderia se afastar. Talvez, se agora ela fosse mais corajosa do que quando era menina, os dois poderiam descobrir uma maneira de compensar o tempo perdido.

Se ele quisesse.

Seus olhos azuis diziam que havia uma possibilidade.

Talvez ela não se arrependesse das mensagens na cobertura.

Dois

Sandy Miller.

Andrew ficou com a língua presa ao vê-la trabalhando em um bolo na loja de Betty. E isso significava algo. Ele sempre foi mais do que capaz de manter uma conversa. Era por isso que dar aulas lhe convinha tão bem.

Mas quando estava perto de Sandy, ele não conseguia juntar mais de cinco palavras.

Ele a viu pintar as pétalas de rosa de um bolo de casamento, espantado com a facilidade com que sua arte podia ser transferida de uma tela para a cobertura. As flores em cascata na lateral pareciam absolutamente reais. Sobre algumas delas, havia pequenas fadas e seres místicos adoráveis.

Mas a mulher era ainda mais bonita. Ele achava difícil não olhá-la.

Os anos que se passaram não a fizeram mudar muito. Ela era bonita e tinha aquele estilo de garota comum de cidade pequena. Os cabelos escuros caíam em cascata até os ombros. Seus olhos eram grandes, cinza claros e cheios de admiração.

Na época do ensino médio, ele achou que conseguiria criar coragem para convidá-la para um encontro. Mas Jerry Lavinski, recém-chegado na cidade e de uma família rica a conquistou. E tudo desmoronou.

Sandy engravidou aos quinze anos. Jerry insistiu que o bebê não era dele e inventou mentiras para a cidade toda. Ela e a mãe se mudaram para uma

casinha na floresta e ninguém as via com frequência, especialmente Sandy.

Mas agora, ela estava de volta.

— Como você está, agora que o Caden foi para a universidade? — ele perguntou.

— Para a faculdade comunitária — ela falou, e ele gostou da sua honestidade. Ela não se gabava. Nunca foi assim. — A casa está vazia.

— Ele está indo bem?

Sandy assentiu.

— Futebol é seu sonho. Ele está vivendo isso.

— É emocionante. Não me lembro da última vez que um aluno da Applebottom foi para a faculdade com bolsa para jogar.

— Estou muito orgulhosa dele.

Agora que ela estava falando, sua cabeça se encheu de lembranças. Ela era pequena, o corpo continuava o mesmo e usava um vestido simples de algodão azul-marinho com mangas na altura dos cotovelos. Ela nunca usava roupas extravagantes.

— Seu chá provavelmente já está pronto — ela falou.

— Ah! — Ele tentou remover o infusor de metal e depois percebeu que não tinha onde colocá-lo.

— Vou pegar um pires para você — ela falou, empurrando a cadeira.

Sandy se levantou e correu para trás do balcão. A pulsação dele acelerou. Ela se moveu com rapidez e agilidade, pegando um pratinho branco de uma pilha nas prateleiras.

Quando ela se virou, a saia do vestido girou um pouco e, de repente, Andrew a imaginou em uma dança, girando para segurar seu braço enquanto ocupavam o ginásio.

Como professor do ensino médio, ele costumava acompanhar o baile e a dança da colheita, então essas imagens eram facilmente mantidas intactas na sua cabeça. Mas elas não pareciam tão pessoais até agora. Ele percebeu que não havia superado Sandy Miller desde a sua partida abrupta da escola.

Ela entregou o pires e por um breve segundo, os dedos roçaram um no outro. Andrew não ficou surpreso com a eletricidade que o atingiu. Se lembrou de ter sentido a mesma coisa naquela época e ficou maravilhado por perceber que a sensação estava tão forte depois de dezoito anos.

Tanto tempo perdido desde então.

Claro, ele a via de vez em quando nos anos que se seguiram. Foi professor de Caden, seu filho, por duas vezes. Sandy não ia às reuniões de pais e mestres, mas estava na formatura.

— Você foi aos jogos de futebol do Caden? — ele perguntou.

Sandy voltou a se sentar atrás do bolo.

— Fui — ela respondeu. — Gosto de me sentar no alto para poder ver o campo todo.

E para que ninguém a notasse, ele apostava.

— Fui professor dele.

Ela pegou o pincel novamente.

— Sinto muito, nunca fui a nenhuma reunião. Ele parecia estar indo muito bem. Não sou de interferir quando não é necessário.

Andrew achou difícil olhar em seus olhos. Ela parecia envergonhada por não estar mais envolvida com a educação do filho, mas ele não podia culpá-la por virar as costas para uma cidade que a havia tratado de maneira tão abominável na época em que ela mais precisou de apoio.

— Bem — ele disse —, com certeza é bom vê-la de volta a Applebottom.

— Ele apontou para o bolo. — Acho que você vai fazer muito sucesso.

Ela passou o pincel em mais pétalas.

— Tive sorte. Quando a coluna social publicou uma foto, começamos a receber muitos pedidos.

O sorriso dela era tímido e despretensioso, e seu coração apertou. Ele olhou rapidamente para as mãos dela, satisfeito por não haver joias ali. Ela nunca se casou. O que será que fez durante todos aqueles anos em casa? Ela ainda ansiava por Jerry Lavinski, o cara que fugiu?

Andrew colocou o infusor de chá no pires e tomou um gole da caneca fumegante. Arnold podia ficar irritado com seu atraso, mas ele estava feliz por ter uma desculpa para não ir embora ainda.

— Posso dar uma olhada? — ele perguntou.

— É claro — ela respondeu. — Agora, a Betty me pede para decorá-los aqui em vez de lá nos fundos. Me tornei um pônei em exibição.

— É extraordinário.

Ela limpou a tinta rosa do pincel e depois mudou para verde para adicionar sombra às folhas delicadas de uma das fadas.

— Só consigo fazer uma dessas por dia.

— Adoro como é natural e mágico ao mesmo tempo — ele falou. Andrew tinha vontade de estender a mão e tocá-lo, mas era um bolo, não uma escultura, então é claro que ele não podia fazer isso.

— Eles terão um casamento de conto de fadas. Ela vai chegar em uma daquelas carruagens da Cinderela.

— Que lindo. Você teve aula de artes com a sra. Hutchins, não é?

— Adorava as aulas dela. Gostaria de ter podido fazer mais. — A última palavra foi cortada abruptamente, como se ela percebesse que estava

levantando um tema sensível.

— A professora atual é ótima — ele falou. — Fiquei sabendo que ela dá aulas para a comunidade nas noites de quinta-feira.

— É mesmo? — Algo fez Sandy brilhar, e Andrew sorriu para si mesmo por ter trazido um pouco mais de luz aos olhos dela.

— Você deveria pensar sobre isso. Essa tela não é muito permanente.

Ela riu e foi o melhor som que ele ouviu nos últimos anos.

— É verdade. Mas tento tratar cada bolo como se fosse ficar pendurado no Metropolitan Museum of Art. Dessa forma, me certifico de fazer o meu melhor, mesmo que uma daminha de dois anos provavelmente vá enfiar o dedo nele antes das fotos.

Agora foi sua vez de rir. Ele havia se esquecido, ou talvez nem soubesse que Sandy tinha senso de humor.

Seus olhos se encontraram e pareceu tão estranho e milagroso como quando se olharam na adolescência.

Ele a observou um pouco mais, até que todas as pétalas verdes haviam sido pintadas. Ela pegou um tubo de tinta para colocar mais. Sua caneca estava vazia, e ele não tinha mais desculpas para ficar.

— Bem, acho que devo deixar você trabalhar. — Ele apoiou a caneca no balcão e deu dois passos para trás. Mas de repente, se lembrou de onde estava. — Ah, preciso pagar.

Betty apareceu pela porta da cozinha, quase como se estivesse esperando a hora certa de entrar.

— Ah, não, não precisa — a mulher mais velha falou. — Foi um agradecimento pelo livro. Volte em alguns dias para buscá-lo, tá?

Ela beijou sua bochecha. Aquela mulher estava tramando algo.

Mas ele não se importava. Ela havia trazido Sandy de volta para ele.

— Da próxima vez, também vou pedir sanduíches — Andrew respondeu. Ele deu mais alguns passos para trás, parando abruptamente quando suas costas bateram na porta. Seu rosto ficou vermelho.

— Espero que você volte em breve — Betty disse com um aceno.

Andrew se virou com relutância. Ele podia parecer um touro em uma loja de porcelana, mas definitivamente voltaria.

Três

Betty ainda a observava.

Sandy tirou o pincel do glacê para adicionar pontinhos de glitter ao bolo, mas a mão estava tremendo tanto que ficou com medo de errar a mira.

— Essa visita foi incrível — Betty falou. — Adorei ver o Andrew por aqui.

Sandy assentiu, sem confiar em sua voz.

O que Betty achou desse encontro? Definitivamente não foi como os outros.

As bochechas de Sandy ficaram quentes ao pensar nisso. Ela se importava que Betty soubesse? Que a cidade soubesse?

Sandy virou o bolo com cuidado, se lembrando do que havia feito naquela manhã antes de conhecer o plano de Betty. A evidência estava bem na sua frente.

As palavras *segunda chance* estavam escondidas nos redemoinhos do glacê branco. Pegou um pincel mais grosso, o enxaguou e apagou as letras. Pronto.

— Você vai mesmo para a Espanha? — ela perguntou a Betty.

— Posso decidir viajar para aproveitar minha velhice — Betty respondeu.

— Especialmente agora que tenho a ajudante perfeita para cuidar da loja.

Sandy não acreditou nem por um minuto, mas deixou para lá.

— Quase não vi o Andrew neste verão — Betty comentou. — Mas ele costuma viajar quando não tem aulas. Isso o ajuda a ensinar história, já que vai aos lugares sobre os quais está falando. Eu me pergunto se ele desejaria uma companheira.

Aha. Sandy manteve a cabeça baixa e acrescentou outra camada de glitter.

Então Andrew era um viajante? Sandy não saía de Applebottom desde os doze anos. Seu pai ainda estava na cidade e eles atravessaram Ozarks até o Arkansas e passaram algumas noites em Eureka Springs durante a Paixão de Cristo, na Páscoa. Ele foi embora um ano depois, deixando-a com a mãe para juntar os pedaços.

Seu pai não apareceu no funeral da mãe, há cinco anos. Até onde ela sabia, eles ainda estavam casados, mas não o viram nem sabiam onde ele estava desde que foi embora. Talvez estivesse morto.

Ela tinha plena consciência de que era a única família de Caden. Bem, pelo menos a parte que o desejava. Pensou por um breve momento em Jerry Lavinski e toda sua família ilustre. Não que isso lhe fizesse algum bem. Talvez um dia Caden fizesse um daqueles testes de DNA sofisticados e descobrisse quem era o pai por conta própria. Ela não podia ser criticada pela curiosidade do rapaz. Manteve sua parte no acordo até o fim.

Betty caminhou até a mesa.

— Minha garota, acho que esse é o mais bonito de todos. Precisamos garantir algumas fotos para o feed do *Insta-telegram*.

— Você quer dizer Instagram — ela corrigiu.

Betty acenou diante da palavras.

— Que seja. Toda vez que você publica a foto de um bolo, temos mais uma dúzia de pessoas ligando.

Era verdade. Foi o que ela disse a Andrew. Esses bolos se tornaram tudo para ela desde que foi trabalhar com Betty. Teve sorte.

Este trabalho era um recomeço para ela. Poderia voltar à cidade e se relacionar com as pessoas, mesmo que algumas delas não valessem a pena. Ela sabia o que havia sido dito a seu respeito há dezoito anos, quando engravidou sem nem mesmo ter idade para tirar carteira de motorista.

Mas não podia ficar amargurada com isso. Seus bolos eram populares e os ganhos eram mais que justos. Além de um bom salário, Betty lhe dava uma comissão por cada bolo vendido. Ela estava indo muito bem.

E agora, Andrew se materializou na porta da loja.

Apesar do que poderia ter pensado, ele não era o único professor cujas reuniões da escola Sandy não havia participado. Enquanto Caden ainda estava por perto, ela evitava falar com qualquer um que pudesse dificultar a vida do filho.

Caden era animado e popular, e a última coisa que ela queria era perturbar esse equilíbrio delicado. Ele já tinha bagagem suficiente: não tinha pai, avós ou legado verdadeiro. O rapaz sempre agiu de forma muito correta, e ela tinha muito orgulho dele. Se ele fosse a única pessoa que ela conseguiria ter nesta vida, seria o suficiente.

Só que agora, ela tinha esse pedacinho do paraíso. Olhou para o bolo. Realmente era o melhor que havia feito até agora. Como Andrew o descreveu? Natural e mágico.

Quando olhou para sua obra, sentiu toda a promessa de felicidade que poderia ser encontrada no mundo. Como casamentos. Como família. Como amor.

Betty seguiu adiante, se recostando no banquinho. Ela provavelmente

ouviu toda a conversa com Andrew.

Sandy verificou os redemoinhos na cobertura e se repreendeu por ter sido tola o suficiente para escrever as mensagens nos bolos. Agora que o próprio Andrew estava aqui e considerando o olhar astuto de Betty, aquilo não era mais segredo.

Nos anos em que teve tempo de pintar novamente, com Caden na escola e depois que sua mãe se foi, ela colocou muitas mensagens ocultas em sua arte. Expressava seu desejo, sonhos e, recentemente, sua solidão.

Nunca deveria ter colocado nada disso na cobertura.

Mas foi tão divertido esconder essas palavras nas decorações. Ela quase se sentiu como a adolescente que foi um dia, boba e repleta de segredos. Podia apostar que a torta a denunciou. Havia feito uma longa linha de redemoinhos, e não resistiu em esconder uma palavra ali. *Para sempre.*

Betty cantarolou para si mesma enquanto montava um sanduíche, parecendo mais contente do que o habitual. Sandy a observou pelo canto do olho. Sim, definitivamente, sua chefe estava de olho nela.

Parecia que Sandy estava destinada a ser o assunto da cidade novamente.

Quatro

Na segunda-feira, Andrew precisou lutar para se concentrar na escola. Ele ficava se lembrando de todos os momentos em que havia se encontrado com Sandy quando eram adolescentes.

Ele podia apontar para a cadeira onde ela se sentava na época em que ele também ocupava uma mesa em vez do púlpito. Se lembrou de onde ela ficava na lanchonete com as amigas.

E a mesa para a qual ela se mudou durante o breve período em que esteve com a turma de Jerry Lavinski.

Ele tinha que tirar isso da cabeça. Daria cinco aulas de história, além de uma de educação cívica e governamental. Precisava se concentrar nelas.

Durante a hora do almoço, um grupo de estudantes foi para sua sala trabalhar nos resumos das equipes de debate. Ele passou a treinar os grupos quando voltou e este ano, tinha uma dupla que poderia fazer parte do concurso nacional. Eles eram dedicados e falavam muito bem. Estava orgulhoso.

Os sentimentos paternos que ele nutria pelos alunos eram suficientes para compensar sua própria situação. Sua mãe precisava dele, já que a irmã parecia não querer visitar a pequena cidade onde cresceu. O relacionamento das duas sempre foi controverso e sem o pai por perto para interferir, elas se distanciaram mais.

A família era importante para Andrew e essa era uma das razões pelas quais o filho de Sandy, Caden, havia ficado na sua cabeça. Andrew estava lá quando Sandy ficou louca por Jerry Lavinski. Mas ela nunca o forçou a assumir qualquer responsabilidade pelo que havia acontecido. Ela sumiu de vista, permitindo que Jerry se tornasse o garanhão do colégio, paquerando as garotas e, se fosse possível acreditar em boatos, algumas das mulheres mais velhas da cidade também.

Até as professoras ficaram encantadas por ele. Mas algo parecia estar errado, principalmente quando alguém falava em Sandy. Talvez Andrew tivesse sido muito tendencioso para ver a realidade da situação. Ele sempre aconselhava a equipe de debate a estar preparada para mudar de posição sobre qualquer assunto. Nunca se sabe qual lado de uma questão você poderia ser forçado a defender.

Ele nunca foi capaz de ver o outro lado do que Jerry Lavinski havia feito com Sandy.

Durante o período de folga, a secretária da escola entrou em sua sala com um ar de importância que disparou seus alarmes. Ele sabia que algumas das mulheres de Applebottom estavam tramando algo, além de um livro de viagens desnecessário a ser entregue na Tea for Two.

— Sadie, o que posso fazer por você? — ele perguntou. A mulher usava seu traje colorido de costume: um vestido vermelho vivo, com xale dourado e flores vermelhas presas nos cabelos.

Ela atravessou a sala balançando a saia e espalhando um perfume floral bem forte. Andrew tentou não respirar fundo enquanto ela colocava uma folha de papel na sua mesa.

— O que é isso?

— Algo na sua área de experiência — Sadie falou. Ela gostava de balançar os braços para se expressar, e o vestido tinha mangas esvoaçantes que a faziam parecer um esquilo voador.

Ele leu rapidamente as informações contidas na página.

— O centésimo aniversário da escola?

Sadie suspirou de forma dramática.

— Como nosso professor de história, achei que você soubesse. A data do nosso centenário ocorrerá em novembro. Faremos uma grande festa em homenagem a esse marco.

Essa mulher devia ter sido atriz na vida passada. Ou talvez nesta. Ele não sabia quase nada a respeito dela, só que seu filho administrava a floricultura na praça da cidade. E que ela era uma fofoqueira de mão cheia.

Ela não precisava trabalhar, já que havia recebido uma grande fortuna de um dos seus falecidos maridos. Mas ela continuou com seu cargo na escola, porque era o melhor lugar para conseguir informações na cidade.

— Eu sabia que Applebottom tinha mais de cem anos. — ele respondeu — E que o colégio foi construído há cerca de sessenta anos.

— Originalmente, éramos uma escola unificada — Sadie falou. — A carta original foi assinada em 1918 e como nosso ilustre cidadão do departamento de história, gostaríamos que você trabalhasse no comitê para planejar uma celebração em homenagem a nossa conquista.

Andrew sabia quando estava sendo intimidado.

— Tudo bem. Posso fazer isso. Temos outros membros ou preciso convocar as pessoas?

— A primeira reunião será semana que vem — Sadie falou. — Acredito que outras pessoas tenham sido recrutadas.

Andrew inclinou a cabeça na direção dela.

— Se sou eu quem está no comando, quem está recrutando as pessoas para o comitê?

Sadie acenou com os braços como se descartasse a pergunta.

— Isso não importa — ela respondeu. — Basta estar presente na primeira reunião. — Ela bateu na página com o dedo.

— Certo. Estarei lá.

Quando Sadie saiu da sala, Andrew leu o conteúdo do papel com mais atenção.

Celebração do centenário das escolas Applebottom.

Primeira reunião do comitê liderado por Andrew McAllister, professor de história do ensino médio de Applebottom.

Terça-feira, às 18 horas. Sala de conferências do escritório principal, Applebottom High School.

Ele se perguntou quem mais havia sido convidado, se esse era realmente o caso. Ou, possivelmente, ele se sentaria sozinho na sala de conferências.

De alguma forma, ele achou isso improvável. Sadie estava muito animada para algo que normalmente não se envolveria.

Ele descobriria amanhã.

Sandy revisou o esboço do bolo sem saber o que havia feito.

Este era diferente de tudo que ela se imaginava fazendo. Não que ser

decoradora de bolos também fosse algo planejado. Mas com certeza, a criação à sua frente estava muito além de sua imaginação.

Toda a superfície seria preta. Betty nem tinha fondant suficiente para fazer o trabalho. Sandy teria que dirigir quarenta e cinco minutos até Branson e comprar todo o fondant preto da cidade para fazer esse bolo acontecer. Mas ela o faria.

O tema da festa de aniversário era punk gótico.

Tecnicamente, era uma festa de quinze anos. A mãe apareceu com a filha, que definitivamente fazia jus ao estilo do bolo. A garota usava calça comprida preta, com um tipo de saia por cima que se arrastava no chão.

Ela usava braceletes no pulso e gargantilha combinando. Havia pelo menos dez brincos alinhados em uma orelha. No entanto, o que se destacava eram os cabelos loiros da garota. Por alguma razão, ela não os pintou para combinar.

Sua mãe parecia bem comum, usando calça de ioga e uma jaqueta leve. E os cabelos presos em um rabo de cavalo. Ela avaliou Sandy e Betty enquanto a garota, que se chamava Fierce, pedia o bolo. Betty pediu licença, deixando Sandy para atendê-las.

Sandy anotou cuidadosamente cada detalhe. Três andares, completamente pretos, com algumas flores prateadas. Tiras pretas entrelaçadas. Não usar as palavras *feliz aniversário* ou *parabéns*. Nem *quinze*. Na verdade, não deveria ter nada escrito, nem mesmo *Fierce*.

Quando Sandy pediu a localização da festa para que pudessem entregar o bolo, a mãe informou que era segredo.

— Estamos preocupados com o comportamento de alguns colegas de classe da Fierce — ela disse. — Levaremos todos os convidados até lá.

— Teremos seguranças — Fierce falou com uma pontada de orgulho.

— Gostaria de vir buscar o bolo? — Sandy perguntou. — Vai ser bem pesado e elaborado para servir tantas pessoas. Só fico preocupada que ele possa ser danificado.

— Entendo — a mãe respondeu. Ela olhou Sandy de cima a baixo por longos segundos. Sandy devia ter passado por algum tipo de teste, porque ela disse: — Se você for entregar o bolo pessoalmente, eu digo. Assim eu concordo.

Sandy assentiu.

— Claro. E você pode me dizer na hora, se isso te deixar mais confortável. Contanto que eu possa chegar lá a tempo. Não vai demorar mais de trinta minutos para preparar o bolo.

— Muito bem — a mãe falou. Ela nem piscou quando Sandy disse o preço, que jamais poderia pagar. O tempo que levaria para fazer o trabalho, material e a entrega elevavam muito o valor do pedido, assemelhando-o a um bolo de casamento.

Como sua carga de trabalho estava leve naquele dia, Sandy decidiu esboçá-lo e começar a fazer algumas das tiras elaboradas que seriam coladas depois do bolo assado.

Ela teria que pintar o fondant de uma cor mais escura que a tonalidade original, porque parecia mais cinza que preto. E sabia que Fierce queria preto de verdade.

No final, o bolo teria a aparência de uma casa mal-assombrada. Seria legal. Não era como se Sandy tivesse uma experiência com festa de quinze anos para fazer comparações. Nessa idade, ela engravidou e acabou passando seu décimo sexto aniversário na consulta do terceiro trimestre do bebê com o

ginecologista. E não foi convidada para mais nenhuma festa depois que saiu da escola.

Mas aquilo era passado. Desejou ter sido mais parecida com Fierce.

Sandy tinha acabado de arrumar as últimas linhas de glacê quando Betty apareceu atrás dela, segurando uma folha de papel.

Olhou a mulher idosa com curiosidade enquanto pegava o papel. Não era um formulário de pedido.

— Haverá uma grande celebração pelo centésimo aniversário das escolas Applebottom — Betty falou. — Eles pediram a doação de um bolo grande o suficiente para alimentar algumas centenas de pessoas. Acharam que seria divertido criar algo que retratasse a história de Applebottom com um dos seus designs adoráveis. Com certeza, os jornais cobrirão os eventos e é mais uma oportunidade de exibir sua arte.

Exibir. No jornal de Applebottom. *Certo.*

Sandy teve que segurar a risada.

— Tudo bem. Quando é a reunião?

— Amanhã. Agradeço por você aceitar a tarefa em meu nome.

Os olhos de Sandy se depararam com um nome muito familiar impresso no papel.

— Andrew McAllister está encarregado do comitê?

— Está? — Betty perguntou, toda inocente. Ela olhou para o papel. — Olha só, está mesmo. Isso é um problema?

— Não — disse Sandy. — Só achei coincidência, já que ele esteve aqui.

Betty pegou sua bolsa em um armário e a colocou sobre o ombro. Bateu palmas duas vezes e seu cãozinho poodle, Clementine, apareceu, saindo da caminha e pulando nos braços de Betty.

— Talvez o fato de ele ter vindo aqui outro dia pode ser o motivo pelo qual pensou em nós para fazer o bolo — ela disse. — Alguém como Andrew nunca escolheria pegar algo pronto no supermercado.

— Claro — Sandy murmurou. Não que ela se opusesse à ideia. Mas se tornou ainda mais claro que a cidade pretendia juntar os dois. Ela queria dizer a Betty: *não seria melhor se nos encontrássemos sozinhos?* Mas, como sempre, ficou quieta.

Além disso, talvez fosse mais fácil assim. Eles poderiam descobrir se eram compatíveis sem o estresse de um encontro oficial.

Quem era ela para questionar os modos de Applebottom?

Cinco

Andrew colocou os últimos trabalhos em uma pasta para levar para casa. Esperava terminar de corrigir todos antes da reunião do centenário, mas precisou desacelerar para corrigir a gramática e ortografia de alguns alunos que precisavam de mais ajuda.

Eles também precisariam de crédito extra se realmente quisessem passar nessa aula.

Sempre havia alunos que se esforçavam. Andrew acreditava que ajudá-los era mais gratificante do que qualquer outra coisa.

Trancou a porta e seguiu pelo corredor, ouvindo o estômago roncar. Deveria ter trazido algo para comer. E talvez devesse ter pensado em providenciar algo para a reunião. Não havia nada pior que um bando de membros de comitê rabugentos que precisavam comer.

Da próxima vez, não se esqueceria.

Os corredores estavam vazios a essa hora. Percorreu o longo caminho aproveitando o silêncio. Havia algo na escola, quando o barulho dos alunos sumia e tudo ficava quieto, que ele não sabia explicar. Ele não se arrependia de ter decidido ficar em Applebottom e se tornar professor. Abandonou seu sonho de dar aulas em universidades e dos títulos. Essas oportunidades poderiam levá-lo para longe da cidade e sua mãe precisava dele. Então faria a coisa certa.

A recepção estava vazia e abandonada. Sadie já havia saído há muito tempo, pois costumava ir embora antes mesmo que o sinal tocasse. Ela costumava a dizer que os adolescentes que dirigiam como loucos a deixavam nervosa.

A maioria das salas estavam escuras e fechadas. Os seguranças haviam deixado algumas luzes acesas, incluindo as da sala de conferências.

Olhou o relógio. Estava cinco minutos adiantado.

Mas quando entrou, percebeu que alguém havia chegado antes dele.

Parou no meio do caminho e viu Sandy Miller sentada em uma das enormes cadeiras de rodinhas.

Ela parecia bem menos surpresa ao vê-lo. Claro, o nome dele estava no folheto.

— Olá, Andrew — ela falou. — Parece que somos os adiantados.

Ele colocou o fichário que havia preparado para a reunião na mesa.

— Verdade, somos mesmo. Criou algo louco na confeitaria hoje?

— Na verdade, sim — ela falou. — Um bolo de quinze anos que não é fofo nem rosa e que tem cara de enterro para uma garota que você deve conhecer. Acho que ela estuda aqui. O nome dela é Fierce.

Andrew se sentou em uma cadeira na ponta da mesa. Perto o suficiente para conversarem, mas não para que as pessoas falassem dos dois.

— Eu conheço a Fierce — ele disse. — Ela tem uma personalidade bastante forte.

— Percebi.

Sandy usava outro vestido simples, um modelo de algodão índigo que fazia seus olhos ficarem com um tom cinza mais escuro.

A boca de Andrew ficou seca.

Então era por isso que Sadie agiu daquele jeito estranho quando levou o panfleto? Ele apostava que ela e Betty haviam armado isso.

— Tenho uma sensação engraçada de que somos as únicas pessoas nesse comitê — ele falou.

Sandy olhou ao redor da sala.

— Ainda não são seis horas. — Ela mordeu o lábio e torceu a boca de uma maneira divertida e cativante. Aquilo o fez se lembrar de quando ela era adolescente.

— Sadie parecia estar muito satisfeita quando me contou sobre esse comitê — ele falou.

— Sadie? Ela ainda é a secretária da escola?

Andrew riu.

— Ela nunca se separaria da sua fonte de fofocas.

— É estranho chamá-la de Sadie agora? Você se recusou a fazer isso com a Betty. Outras pessoas da nossa época ainda trabalham aqui?

— Muitos dos nossos professores ainda estão aqui. Caden não pegou nenhum deles?

Ela baixou o olhar. Ele odiava tê-la deixado constrangida.

— É claro — ela respondeu. — Ele estudou com a sra. Bell, assim como eu. E o sr. Winters também dava aula naquela época.

Ele procurou uma maneira de aliviar o clima novamente.

— Você não pode se esquecer do sr. Fisher, do laboratório de ciências.

Sandy sorriu.

— Ele ainda cochila no meio dos experimentos?

Andrew se recostou na cadeira, aliviado por ter desviado de um momento difícil.

— Agora está ainda pior. Ele sempre aceita alunos monitores, principalmente para que eles possam supervisionar os incendiários.

O sorriso de Sandy se expandiu para uma risadinha.

— É tão engraçado como algumas coisas nunca mudam.

— Pode ter certeza de que não mudam mesmo — ele falou.

Ela voltou a olhar para a mesa. Droga, ele deveria ter mantido a calma.

Mas em seguida, ela disse:

— Você também não mudou muito. Ainda é o mais bem vestido de Applebottom.

Andrew mexeu na gravata vermelha.

— Com um novo acessório que certamente me mantém mais distante dos meus alunos.

— Notei isso — ela falou. — É algum tipo de moda para professores de história que não conheço? — Seu tom era brincalhão, e Andrew não pôde deixar de sorrir para ela.

— Quando comecei a ensinar, algumas das adolescentes tentavam ficar depois da aula para tirar dúvidas — ele explicou. — Fiquei bastante desconfortável com a atenção, então comecei a me vestir de maneira a diminuir o interesse. Agora isso virou provocação nos cadernos de desenho. — A conversa o deixou constrangido, então ele desamarrou a gravata e a tirou do colarinho.

— Mas eu gosto. — Sandy disse. — Isso te faz parecer muito mais distinto do que o cidadão padrão de Applebottom.

Andrew enrolou a gravata vermelha nos dedos.

— Bem, acho que você é a única que pensa assim. Minha mãe gostaria que eu a deixasse em casa.

— Você nunca contou o motivo de usá-la?

Andrew balançou a cabeça.

— Não queria que ela se incomodasse. Ela já tem problemas demais.

Sandy cruzou as mãos sobre a mesa.

— Fiquei sabendo sobre o seu pai — ela falou. — Lamento muito saber que ele se foi. Me lembro dele com carinho.

— Todo mundo lamenta — Andrew comentou. — Ele era uma das pessoas que tornava Applebottom realmente ótima.

— Concordo plenamente.

Eles se entreolharam por um momento, compartilhando a tristeza.

— E a sua mãe... — Andrew começou.

Sandy balançou a cabeça.

— Não era a mesma coisa. — Ela olhou para as mãos. Estavam tão apertadas que suas unhas ficaram brancas. — Ela era uma mulher difícil.

Andrew resistiu ao desejo de estender a mão e segurar a dela. Ele disse a única coisa que lhe veio à cabeça.

— Sinto muito. — Eles ficaram quietos por mais um minuto, depois Sandy olhou para o relógio acima da porta.

— São seis e dez — ela falou. — Parece que seremos só nós dois.

— Não estou surpreso.

— Você acha que eles tramaram isso? — ela perguntou.

— Você também está achando?

— Eu suspeitei.

O estômago de Andrew escolheu aquele momento para roncar alto. Ele colocou a mão na barriga.

— Pegado no flagra — ele falou. — Não jantei. Gostaria de mudar esta

reunião para o Annabelle's Cafe?

Ela hesitou, e ele desejou poder retirar a pergunta. Achou que seria bom para os dois se sentarem e conversarem.

Se preparou para dizer a ela que não se preocupasse, que eles poderiam ficar na escola, mas então ela falou:

— Acho que seria bom. Faz tempo que não vou até lá.

Andrew percebeu que aquele poderia ser um dos lugares que Jerry Lavinski a levou.

— Tem certeza? Não quero te arrastar para lugares onde você tenha lembranças ruins.

— Não, tudo bem — ela respondeu. — Já encontrei muitas pessoas da cidade na loja da Betty. Está na hora de fazer parte da comunidade de novo.

Andrew se levantou.

— Está bem então. Vamos dar aos fofoqueiros da cidade algo para discutirem amanhã.

Ele foi recompensado com uma risada de Sandy.

— Sabe, se eu não fosse eu e você não fosse o professor de história do ensino médio, ficaria muito tentada a entrar naquele restaurante e dar a eles algo sobre o que falar nos próximos anos.

— E o que faríamos?

A expressão de Sandy foi tão inesperadamente atrevida que ele riu alto também.

Ele estava adorando conhecê-la novamente.

Seis

Para Sandy, entrar no Annabelle's Café era como viajar no tempo.

Parte disso era culpa da decoração. Ninguém usava aquela combinação específica de laranja e verde limão desde os anos de 1970. Era exatamente igual a quando Sandy era adolescente.

O piso vinílico estava enrolando nas bordas. Uma fileira de cabines de vinil rachadas já tinha visto dias melhores. As mesas e cadeiras que ocupavam o resto do salão pareciam oscilar.

Mas os cheiros eram de dar água na boca como sempre. E quando Sandy foi levada a uma mesa no canto, teve certeza de que a garçonete trabalhava lá desde a última vez que esteve ali.

Enquanto ela e Andrew se sentavam um diante do outro na cabine e pegavam os cardápios das mãos da garçonete de cabelos brancos, Sandy relembrou sua juventude.

Viu uma jukebox na parede dos fundos. Ainda estava iluminada, embora estivesse silenciosa no momento. Não havia muita gente no Annabelle's às seis e meia da noite de uma terça-feira. Talvez ficasse mais cheio depois. Ou talvez estivesse falindo. Sandy não fazia ideia de como eram os negócios fora da Town Square. Na verdade, até que os pedidos de bolo decorados começaram a aumentar, Sandy não fazia ideia de como Betty mantinha o Tea for Two aberto.

Andrew se virou para seguir o olhar dela.

— Quer ouvir alguma coisa?

— Meu pai costumava me dar uma moeda para fazê-la funcionar.

— O meu também — Andrew falou.

Sandy se perguntou que perda seria mais difícil. O pai de Andrew realmente havia partido. Não haveria oportunidade de reconciliação, novas memórias ou perdão. Para ela, o pai poderia estar por aí, em algum lugar. Talvez estivesse morrendo. Talvez fosse pobre. Ela não o via como alguém com dinheiro e sucesso. Pessoas felizes não abandonavam os filhos.

Tentou prestar atenção em seu cardápio, sorrindo ao ver que as opções de comida não mudaram em dezoito anos. Bifes de porco grelhados e salteados. Feijão e bisteca com pão de milho. Frango e bolinhos. Fritada de peixe empanado em farinha de milho.

Clássicos do Missouri. Além disso, havia hambúrgueres e frango.

Quando olhou para cima, Andrew a estava encarando. Seus olhos azuis pareciam perfurar a espessa camada que Sandy construiu ao redor de si mesma durante os anos em que foi forçada a sair de Applebottom. Ela quase podia sentir a pontada de interesse atingi-la, como a primeira gota gelada de chuva de inverno após um longo outono.

Isso a despertou. Sentada em frente a Andrew, Sandy se sentiu viva e empoderada.

— O que está pensando em pedir? — ele perguntou.

— Carne de porco, é claro — ela falou. — Não como uma carne bem feita desde que a minha mãe parou de cozinhar, mais ou menos um ano antes de morrer. Eu nunca fui boa na cozinha. — Ela se perguntou se não deveria ter dito isso. Não queria que Andrew pensasse que ela não sabia cozinhar.

— A minha mãe ainda faz — ele comentou. — Eu nunca tentei.

— Talvez ela pudesse me ensinar — Sandy deixou escapar. Foi a coisa mais presunçosa que ela já havia dito na vida, presumindo que Andrew poderia convidá-la para ir à sua casa para ver a mãe. Ela tentou consertar. — Digo, me dar a receita.

Mas Andrew não a deixou desconversar.

— Eu adoraria levar você lá em casa. A sua mãe não te ensinou?

— Não nos dávamos muito bem.

— Sinto muito por ouvir isso. — Os olhos dele suavizaram. Tudo na forma como ele a olhava, falava e se comportava, indicava que era um homem gentil. Mas isso fazia sentido. Ele também foi um adolescente gentil, quando não havia muita gente por perto.

A garçonete voltou.

— Vocês dois vão continuar olhando um para o outro desse jeito ou vão pedir?

Andrew continuou olhando para Sandy.

— Vamos continuar nos olhando, com certeza.

A mulher enfiou o bloco de pedidos no bolso do avental.

— Eu estava brincando — Andrew falou. — Vamos pedir.

Sandy se sentiu esquentar por dentro. Ela sabia que tinha sido explícita sobre como a cidade lidaria com o fato de eles jantarem juntos. Mas diante da realidade de alguém sugerindo que eram um casal, sua bravata fracassou.

Andrew a observou e pareceu notar seu desconforto. Ele se endireitou.

— Flo, sei que você se lembra da Sandy. Estamos aqui por causa da escola. Eu e ela somos voluntários do comitê de centenário. Ela vai fazer um de seus famosos bolos.

Flo colocou a mão no quadril e avaliou Sandy.

— Você costumava vir aqui quando era pequena — ela falou. — Com o seu pai.

— Isso foi há muito tempo — Sandy respondeu.

— O tempo voa quando a gente nunca sai desta cidade minúscula. — Flo pegou novamente o bloco do avental.

Sandy decidiu ir direto ao ponto.

— Ou quando se é banido por dezoito anos.

Andrew se virou para ela surpreso.

— Ele baniu você?

Até Flo ficou surpresa com as palavras de Sandy.

— Isso é passado — Sandy respondeu. — É melhor deixar os esqueletos enterrados.

— Amém — Flo respondeu. Mas ela olhou para Sandy com algo que parecia admiração. — O que vocês gostariam de pedir?

— Nós dois vamos comer carne de porco — Sandy respondeu.

— Uma mulher que pede para o seu homem. Gosto disso. — Flo fechou o bloco antes que eles pudessem repreendê-la. Ela parecia ter tirado as próprias conclusões. — E dois chás gelados. Já volto.

Quando ela saiu, Andrew balançou a cabeça.

— Às vezes ela me traz algo completamente diferente do que pedi. É ela quem decide o que preciso naquele dia.

— Acho que ela conhece bem os clientes — Sandy respondeu.

Flo não pegou os cardápios, então eles os colocaram juntos na beirada da mesa.

— Você tinha razão. Vamos ser o assunto da cidade — Andrew

comentou.

Sandy deu de ombros. Parecia inevitável.

— Acho que prefiro começar os rumores a pedir a alguém que os invente por mim.

— Quer falar sobre isso? — Andrew perguntou. — Desabafar?

O pânico a atingiu. Ela queria? Expor suas queixas a respeito da cidade? Contar a verdade sobre Jerry?

Não. Ela não estava pronta para isso.

— Estamos aqui a negócios, como você disse.

— Sim — Andrew concordou. — Você acha que vai mesmo haver uma comemoração do centenário? Ou é como o livro de viagens da Betty, apenas uma desculpa?

— Não faço ideia — Sandy respondeu. — Parece um pouco estranho ter uma celebração de cem anos para a escola quando, na verdade, a cidade é mais importante. Mas acho que eles usariam qualquer desculpa para fazer uma festa.

— Então o que devemos fazer?

— Aparentemente, vou fazer um bolo — Sandy respondeu.

— Estou ansioso para descobrir como vai ser.

— Você acha que podemos levantar alguns pontos históricos para isso? — ela perguntou, se referindo ao tratado de 1892, que proibia a escravidão na região.

Andrew se engasgou com uma risada.

— Sim, poderíamos deixar a festa animadíssima condenando os pecados passados.

Sandy também riu. Seu passado era cheio de minas terrestres.

— Acho que poderíamos focar nos pinheiros, montanhas e lagos.

Andrew se recostou na cabine.

— Só falei com você duas vezes desde o seu grande retorno, mas acho que já sei que você quer ir um pouco além das paisagens.

— Ah, meu querido conspirador, você não tem ideia do que eu posso esconder debaixo de pequenas árvores e nas curvas de córregos e das montanhas.

Ele levantou uma sobrancelha, e Sandy se deu conta de que já tinha algumas ideias.

Sete

A quinta-feira estava demorando para passar. Não havia bolo para decorar e a vitrine estava cheia de *cupcakes* — sem nenhuma mensagem secreta.

Sandy se sentou à mesa que lhe foi designada no canto dos fundos da Tea for Two e esboçou ideias para o bolo do centenário. Sem muito esforço, ela e Andrew haviam conversado bastante e passaram horas no Anabelle's Coffee trabalhando nas ideias.

Somente quando Annabelle veio dizer que estava na hora de fechar é que eles perceberam exatamente quantas horas haviam se passado.

E por falar nisso, estava quase na hora de fechar a loja de chá. Betty já havia guardado a maioria dos itens que precisariam de refrigeração durante a noite. Sandy desconfiava um pouco da mulher, porque ela não parava de olhar para o relógio de um jeito que não costumava fazer. Sandy se sentiu tentada a perguntar a Betty o que ela estava esperando, mas algo lhe disse para deixar isso de lado.

Começou a arrumar seu próprio bloco de anotações e suprimentos quando Betty disse:

— Sandy, meu bem, vou deixar você fechar. Tenho um compromisso e não queria ter que encerrar mais cedo.

Sandy olhou para o relógio. Faltavam apenas cinco minutos para o

horário que elas sempre trancavam a porta. Não havia ninguém na loja. Aquilo pareceu um pouco suspeito. Mas ela simplesmente respondeu:

— Claro, sem problemas.

Betty foi para os fundos buscar Clementine. Depois de um momento, ela voltou com o cachorro e acenou.

— Guarde as últimas fatias de bolo de limão, se você não se importar! — ela falou quando saiu.

— Pode deixar — Sandy respondeu, ainda desconfiando da atitude da chefe.

Ela esperou até as quatro horas em ponto e, em seguida, tirou o bolo de limão da caixa e o levou para os fundos. Quando fechou a geladeira, o sino da porta tocou. Alguém havia entrado na loja.

— Tecnicamente, estamos fechados, mas posso servir um café ou chá antes de ir embora — ela falou ao entrar no salão principal.

Então ela parou.

Era Andrew.

A-há.

— A Betty me pediu para passar aqui na hora de fechar para pegar meu livro — Andrew falou. — Ela foi bastante inflexível quanto a minha chegada neste horário específico.

Sandy riu.

— É por isso que ela saiu daqui tão rápido. Ela queria nos deixar à sós.

Agora foi a vez de Andrew rir.

— Eles realmente estão tentando nos juntar, não é?

— Estão, sim. — Sandy foi até as janelas. — Aposto que estão espiando agora.

— Tudo bem. Não preciso do livro — Andrew falou.

— Que bom, porque não sei onde ele está.

Andrew balançou a cabeça.

— O que significa que terei que vir aqui mais uma vez para buscá-lo.

— E a Betty vai se desculpar muito por ter se esquecido de que você viria hoje.

— Eles estão realmente conspirando contra nós — Andrew falou. — Já que estou aqui, posso te ajudar com alguma coisa?

Sandy foi até a porta e mudou a placa de aberto para fechado.

— Devo trancar a porta? Pode dar a impressão de algo obsceno, dadas as circunstâncias.

— Acho que devemos dar a eles um pouco mais sobre o que falar. Somos dois adultos. Além disso, o que vamos fazer em uma loja de chá?

As bochechas de Sandy esquentaram, mas ela guardou seus pensamentos para si e trancou a porta.

— Você já fez algum esboço para o bolo? — Andrew perguntou.

— Fiz. Aqui está.

Eles foram para o canto dos fundos.

— Já que estamos aqui, quer um café? — Sandy perguntou.

Andrew olhou para a frente da loja, completamente envidraçada. Um casal de moradores da cidade passou e olhou para eles.

— Talvez devêssemos ir lá para trás. Sinto como se estivéssemos sendo vigiados — ele respondeu.

Sandy examinou as janelas.

— Sabe de uma coisa? Vamos até a loja de tortas. Tenho certeza de que a Gertrude e a Maude ficariam mais do que felizes em servir de

acompanhantes. A loja ainda vai ficar aberta por mais uma hora.

— Boa ideia — ele falou.

Sandy conferiu se tudo estava guardado mais uma vez e depois os dois foram para a praça.

O ar estava fresco. O outono havia chegado e as folhas caíam pela calçada quando deixaram a loja de chá.

As calçadas estavam silenciosas. Eles viraram a esquina e passaram pela pet shop. Betty estava lá dentro, alimentando Clementine com um biscoito enquanto conversava com Delilah, a proprietária.

— Ela estava tão agitada, dizendo que tinha um compromisso — Sandy falou — e nem saiu da praça.

— Aposto que não precisaríamos dar nem três palpites para descobrir a respeito de quem elas estão falando — Andrew comentou.

Betty olhou para cima e os viu pelas janelas. Ela não pareceu se importar com o fato de ter sido pega e sorriu de forma suspeita para eles.

Sandy apertou o bloco de desenho contra o peito.

— Parece que estamos em 1850 e você está andando comigo sem uma dama de companhia pelas ruas do centro de Savannah ou algo assim.

— Applebottom é assim — Andrew apontou.

Eles passaram pela loja de flores. Topher e Danny estavam em volta de uma mesa alta, dando os retoques finais em um arranjo de outono elaborado, cheio de folhas marrons e alaranjadas, gravetos dourados retorcidos e um conjunto de penas vermelhas.

— Não sei para onde vai aquilo, mas com certeza será para um lugar chique para o qual nunca serei convidada — Sandy disse.

Andrew riu.

— Às vezes, eles fazem combinações estranhas só para atrair a atenção das pessoas na vitrine.

Viraram outra esquina para chegar na loja de tortas de Gertrude e Maude.

— Maude ainda está brigando com Gertrude para incluir uma letra *p* e um *e*? — Sandy perguntou.

— Essa controvérsia é interminável na Applebottom Town Square — Andrew falou. — E se isso é o mais controverso possível, para mim, tudo bem.

Ele abriu a porta da loja de tortas.

Gertrude e Maude estavam lá dentro, conversando atrás da vitrine.

Maude os viu primeiro. Seus olhos escuros se iluminaram quando olhou para eles.

— Ah, meu Deus, olha quem está aqui. — Ela passou as mãos pelo cabelo curto, encaracolado e grisalho, como se Sandy e Andrew fossem pretendentes e não clientes. — Meu Deus, Sandy, não te vejo desde que você era uma menina.

— Você não tem ido à casa de chá da Betty? — Andrew perguntou. — Ela está trabalhando lá há dois meses.

Gertrude fungou, puxando o avental.

— Não estamos nos dando muito bem com a Betty no momento. Parece que ela acha que seus *cupcakes* são mais apropriados para o Dia de Ação de Graças do que nossas tortas. Pode imaginar? Bolinhos em vez de uma torta! — Ela balançou a cabeça com tanta violência que seus cabelos grisalhos, perfeitamente modelados como um capacete, se moveram de um lado para o outro.

— De acordo com esta aqui — Maude falou, apontando para Gertrude —,

não posso entrar na Tea for Two até o dia vinte e quatro de novembro.

Andrew caminhou até o balcão.

— Senhoras, é assim que se dá o exemplo para as pessoas de Applebottom?

O rosto de Gertrude se contorceu como se ela tivesse acabado de chupar limões.

— Andrew McAllister, administro esta loja de tortas e brigo com Betty Johnson desde antes de você nascer. Guarde suas broncas para as crianças da escola.

Ela apontou o dedo comprido e torto para Andrew, mas Sandy percebeu que ela não estava falando sério. Gertrude sempre foi rabugenta, mas amava esta cidade e todos os seus habitantes. Isso incluía Betty Johnson e seus *cupcakes*. Betty já havia contado toda a história para Sandy há duas semanas, desde que a briga começou em uma das reuniões dos donos da loja da praça da cidade.

— Bem, espero que vocês passem lá para me ver — Sandy falou a Maude. — Tenho feito aqueles *cupcakes* e posso dizer que são muito bons. — Ela olhou para os produtos expostos na vitrine. — Mas com certeza não há nada como uma boa torta quando se precisa de algo doce.

— Ah, eu gosto dessa garota — Gertrude disse. — Você cresceu e se tornou uma bela jovem.

Sandy sentiu um nó na garganta. Não era fácil agir de forma amigável e corajosa quando lá dentro ainda era uma garota de quinze anos assustada, sendo constrangida por uma cidade inteira.

Ela duvidava seriamente que Gertrude, de todas as pessoas, tivesse sido gentil. Mas aceitaria que as coisas pudessem ter mudado e que talvez a fala

da mulher mais velha fosse uma tentativa de manter a paz.

— Eu gostaria de uma fatia daquela torta de cereja e uma xícara de café — Sandy pediu.

— Traga para dois — Andrew falou. — Sandy e eu temos que discutir sobre Applebottom, já que parece que alguns de nossos cidadãos se encarregaram de nos tornar os responsáveis pelo centenário da escola.

Gertrude e Maude se entreolharam de uma maneira que deixou perfeitamente claro que elas faziam parte daquela trama. Maude abriu a porta da vitrine.

— Como essa é uma reunião para assuntos oficiais de Applebottom, sua torta e o café são por conta da casa.

— É isso que eu gosto de ouvir — Andrew respondeu. — Tendo em vista que não tivemos poder de escolha quanto a isso.

Gertrude revirou os olhos para a insinuação de Andrew de que seu dever cívico não era um prazer.

Sandy riu. Não pôde evitar. Tinha se esquecido de como era andar pela cidade. Até Betty forçá-la a trabalhar no salão, tinha conseguido se manter sozinha.

Desde que essa coisa toda com Andrew começou, ela conversou com mais pessoas do que havia planejado. Até comeu no Annabelle's Café.

Qual seria a próxima coisa que faria? Vender refrigerantes na barraca do comitê da escola? A decoração para a dança da colheita? Bater papo com as artesãs ou com a sociedade protetora de Applebottom?

Sandy sabia que nunca faria isso. Algumas das coisas que essas pessoas lhe disseram há dezoito anos reverberaram em seus ouvidos a vida toda. Uma coisa era perdoar, outra era esquecer completamente. Ela não tinha certeza de

que faria isso.

Maude esquentou a torta, colocou uma bola de sorvete nas duas e levou os dois pratos para o canto mais distante da loja. Eles não teriam privacidade aqui, mas também nada de ruim poderia ser dito sobre eles.

Às vezes, Sandy os ouvia dizer: “Parece que Sandy Miller está querendo engravidar de novo” e ela não conseguia evitar as emoções que isso provocava, mesmo que tivesse trinta e três anos agora, com um filho na faculdade.

Quando estavam sentados e com as xícaras fumegantes de café ao lado de seus pratos, Andrew pediu:

— Me mostre os esboços.

Sandy engoliu um pedaço de torta antes de pegar o caderno de desenho. Ela parou por um momento para saboreá-la. Não havia tortas como as de Gertrude e Maude.

— Aqui está a parte sobre a qual conversamos — ela falou, apontando para a camada inferior do bolo.

Descreveu os detalhes. A aquisição do Missouri. O estabelecimento de Branson como atração turística, levando mais pessoas a se mudarem para lá. Os fundadores de Applebottom e a famosa torta que originou o nome da cidade.

A voz de Gertrude os atingiu.

— Parece estranho fazer um bolo para uma cidade com nome de uma torta.

Maude puxou Gertrude pelo braço em direção aos fundos da loja.

— Cale a boca, Gertie. Ninguém quer fazer uma torta para alimentar duzentas pessoas. Deixe os jovens trabalhar.

— Fiz isso há trinta anos no Applebottom Centennial — Gertrude murmurou, mas seguiu Maude para os fundos.

— Parece que o lugar agora é só nosso — Andrew comentou.

— Deus — Sandy murmurou, fechando o caderno. — Acabei de perceber que não quero que elas vejam o que algumas das outras camadas têm.

Andrew sorriu.

— Eu gosto do elemento surpresa.

Eles ficaram sentados em um silêncio amigável, comendo a torta antes do sorvete derreter. Somente quando os pratos foram empurrados para o lado, eles retomaram a conversa.

— Essa torta é ótima — Sandy falou. — Eu poderia vir aqui e comer todos os dias.

— Tenho certeza de que elas adorariam isso — Andrew falou. — Ainda mais com a briga que estão tendo com a Betty.

— Acho que elas só precisam de drama para continuar.

— Imagino que sim. Às vezes, isso acontece com quem não sai de cidades pequenas. — Andrew se recostou na cadeira. Ele ainda estava de gravata borboleta e Sandy sorriu ao vê-la.

— E quanto a você? — ela perguntou. — Parece que estava a caminho de deixar Applebottom para sempre.

— Provavelmente ainda vou — ele falou. — Mas não por enquanto. Meus diplomas podem esperar. Sou necessário aqui.

— Você tinha planos antes de voltar?

Andrew olhou para a xícara.

— As palavras “professor universitário” soavam como a coisa mais inteligente e grandiosa que eu podia fazer. Fui professor assistente durante o

doutorado. Na verdade, tive minha própria turma de alunos, em um ambiente menor. — Um de seus dedos traçou a borda do copo. Ele não a olhou nos olhos.

— Acho que foi assim que você teve a experiência de ensinar em Applebottom.

— É verdade. Eu não tinha certificação como professor quando cheguei aqui, mas era fácil adicionar isso aos meus diplomas. E não estou dizendo que me arrependo.

— Mas...

— Mas eu gostaria de voltar à minha carreira. Só não sei para onde ela me levará. — Ele olhou para cima e o coração de Sandy acelerou com a vulnerabilidade em sua expressão. — Então, por enquanto, estou satisfeito aqui.

Sandy estava feliz por isso, mas não podia dizer em voz alta. Não com Maude e Gertrude a poucos metros de distância.

— E você? — Andrew perguntou. — Quais eram seus sonhos?

— Há muito tempo não tenho sonhos. Meu foco era só criar o Caden.

— Mas e agora?

Sandy segurou a xícara.

— Acho que adoraria aprender mais estilos de arte. Não tenho ilusões de que realmente farei alguma coisa com meu trabalho. Mas se eu pudesse sonhar com algo, seria expor no Metropolitan Museum of Art, em Nova York. — Ela abriu um sorriso. — Embora eu ache que para isso acontecer, teria que estar morta há cem anos.

— O que você está fazendo para chegar lá?

— Para estar morta há mais de cem anos?

Ele riu.

— Não, para aprender novos estilos.

— Ainda desenho e pinto. E agora que você me contou sobre a aula de arte, talvez eu me matricule.

— Se suas pinturas são como seus bolos, você terá sucesso.

Sandy balançou a cabeça.

— Não acho difícil superar um bolo. Para arte real, isso é algo totalmente diferente. Li algumas revistas. Há um longo caminho a percorrer para conseguir entrar em galerias. Nem tem tanto a ver com o quanto você é bom. Existem milhões de bons artistas em todo o mundo. Tem a ver com quem você conhece. Não quero aspirar por algo que nunca poderei ter.

Andrew se inclinou para frente.

— Bem, só para constar, acredito que você verá seu trabalho no Metropolitan Museum of Art, em Nova York. Eu tenho fé.

Sandy criou coragem para olhá-lo nos olhos.

— Isso parece ridículo — ela falou.

— Acho que nossos maiores sonhos sempre parecem ridículos. É isso que os torna nossos maiores sonhos.

Ela podia ver que ele falava sério. Seu peito desapertou um pouco. Este era o Andrew de quem se lembrava. Prático e sonhador.

Durante dezoito nos, sua vida foi pesada. Tinha que aguentar a mãe. E tinha uma criança para criar. Refeições, roupas, escola, horários, trabalhos de casa.

Agora a vida era dela.

Talvez pudesse se dar ao luxo de sonhar um pouco.

Oito

Andrew lutou a sexta-feira inteira para se concentrar nos alunos. O fato de as aulas serem de revisão para prepará-los para uma nova matéria também não ajudou.

Além disso, a gincana da escola era naquele dia e o time de futebol, que havia vencido um jogo na semana anterior, renovou o espírito escolar.

Entre a agenda alterada e tudo o que estava acontecendo, ele decidiu fugir da sala para almoçar com os outros professores no salão da escola.

Não deveria ter ficado surpreso ao encontrar o local vazio. O cronograma abreviado geralmente significava que os professores estavam correndo mais que o normal. Ele abriu o sanduíche de peru e olhou o campo vazio pela janela. Tinha um bom relacionamento com quase todo mundo na Applebottom High School, mas não tinha certeza de que poderia chamá-los de amigos de verdade.

Normalmente, isso não importava. Quase tudo o que o preocupava envolvia a própria escola, então ele podia falar com outros professores.

Mas esse era um assunto do coração. Precisava de alguém familiarizado com Applebottom, mas que também entendesse a complexidade dos relacionamentos. Especialmente ao tentar paquerar alguém que se conhece a vida inteira e que teve uma história difícil.

Paul Hinkle, o professor de matemática, entrou na sala para esquentar seu

almoço no micro-ondas. Andrew o desconsiderou. Paul estava casado há trinta e tantos anos. Ele duvidava de que qualquer conselho que o homem lhe desse seria relevante para uma situação atual.

Eles iniciaram uma conversa amigável e leve sobre o aborrecimento do dia da gincana, e então Paul almoçou e saiu.

Em seguida, vieram duas mulheres, professoras eletivas que lecionavam economia doméstica e informática. As duas eram casadas. Elas conversaram baixinho e depois ficaram quietas.

Estavam perto da copiadora. Quando Andrew terminou seu sanduíche, decidiu que teria que descobrir o que fazer sozinho.

Mas então o treinador de futebol, Carter McBride, entrou e foi direto para a geladeira.

Carter namorou muito desde que chegou na cidade, há dois anos. Talvez ele pudesse ajudar.

Ele fechou a geladeira, segurando um Tupperware. Enquanto esquentava, Andrew perguntou:

— Vai comer isso aqui?

— Sim — Carter respondeu, olhando para dentro do micro-ondas. — Só me dê um segundo.

As duas mulheres pareciam envolvidas em sua própria conversa, então Andrew achou que era seguro o suficiente falar sobre Sandy. Ele dobrou a embalagem do sanduíche e olhou para o relógio. Ainda tinha uns quinze minutos.

Carter se sentou ao seu lado. O cheiro forte de brócolis, couve-flor e outros vegetais cozidos no vapor dominou o ambiente.

— Bem, você sabe como se alimentar de forma saudável — Andrew

comentou.

Carter enfiou o garfo nos legumes.

— Faz parte do trabalho. Não posso pedir ao time que comam direito, se estiver segurando um cachorro-quente. — Ele cortou um pedaço de brócolis. — Então, como vai? Há rumores de que você está saindo com aquela garota que estudava aqui no ensino médio.

Bem, até que foi fácil.

— Sim, mas é um pouco complicado.

Carter apontou para ele com uma garfada de abobrinha.

— Como assim? Ela gosta de você. Você gosta dela. Parece bem simples para mim.

— Você sabe o que aconteceu com ela há dezoito anos? — Andrew perguntou.

— Ouvi dizer que ela teve um filho e saiu da escola. O que isso tem a ver com você? — Ele apontou o garfo para Andrew. — Você não é o pai do bebê, é?

— Não, não — Andrew negou. Ele achava que todo mundo sabia que era Jerry Lavinski, mas Carter não havia crescido aqui. — É um cara com quem estudamos no ensino médio.

— Achei que ele tivesse negado. Que ela tivesse saído com outros caras.

Andrew ficou tenso. Esses rumores precisavam morrer agora.

— Isso é mentira. Todo mundo nesta cidade agiu mal com ela.

— Tudo bem, tudo bem — Carter falou. — Acredito muito mais em você do que nos boatos.

— Começaram a falar de novo?

— Só alguns encenqueiros. Não vejo qualquer problema. Cada um que

cuide da sua vida, cara.

— Entendeu por que é complicado?

— Acho que sim. Você era amigo desse tal de Jerry?

— De jeito nenhum.

Carter mastigou, pensativo.

— E tem certeza de que era ele? Esta cidade é pequena para ele se safar de algo assim.

— Ela gostava muito dele — Andrew falou. — Mas não posso perguntar a ela.

— Por que não?

— Ela se mudou e evitou todo mundo da cidade por dezoito anos. Duvido que queira voltar a falar sobre o assunto.

— Isso vai atrapalhar. Se fosse eu, resolveria as coisas agora antes que fiquem mais difíceis.

— O que você quer dizer?

— Esses segredos tendem a separar as pessoas.

Andrew girou a garrafa de água na mesa.

— Não sei como abordar essa questão. Ou quando. Não sei como convidá-la para sair. E se ela disser que não, o que eu faço? Deixo pra lá?

— Com essa parte, eu posso ajudar — Carter falou. — Vá com calma. Descubra algo que ela realmente goste e dê a ela a oportunidade de fazer com você. É simples assim. Se você a conhece, mesmo que um pouco, e parece que a conhece muito, provavelmente sabe como agradar. Comece assim. Não como se fosse um encontro. Mas com vocês dois fazendo algo legal juntos.

— Foi assim que as coisas começaram entre você e a Ginny? — Andrew perguntou.

— Ah, não, a cidade me forçou a ajudá-la com seu cachorro.

— Betty e companhia estão nos aproximando sempre que podem — Andrew falou.

Carter enfiou o último pedaço de legume na boca e engoliu rapidamente.

— Tenho que correr. Mas me deixe dizer uma coisa, esta cidade parece saber de tudo. Eu não teria acreditado se me dissessem. Mas agora, acredito.

— Acha mesmo?

Carter se levantou.

— Eu apostaria meu time nisso. Eles reconhecem o que nem você sabe que é bom. Vá em frente. Convide-a para alguma coisa. Você não tem nada a perder.

Quando Carter saiu, Andrew foi jogar o lixo fora e voltou para sua sala. Não parava de pensar no que o treinador havia dito. Sobre o segredo. E o encontro.

Mantenha as coisas simples. Pergunte a ela.

E encontre algo que Sandy queira fazer e façam juntos.

Mas o que mais o intrigou foi o que Carter disse sobre a cidade. O que eles viram que não estavam dizendo?

Nove

Enquanto Andrew caminhava pelos poucos quarteirões da Town Square em direção à loja de chá de Betty, ensaiou várias vezes o que planejava dizer a Sandy.

O que ele pediria não era pouco. Mas sentiu necessidade de mergulhar de cabeça. Parecia que tudo o que haviam feito juntos desde que se reencontraram estava relacionado ao evento do centenário ou a alguma desculpa que as velhinhas de Applebottom haviam arranjado para colocá-los na mesma sala.

Isso tinha a ver só com ele. Verdade seja dita, era estressante. Fazia anos que não convidava uma mulher para sair.

Não que ele não saísse *nunca*. Ele namorou algumas jovens inteligentes durante os sete anos de doutorado em história.

Infelizmente, todas tinham fortes aspirações e acabaram partindo para seguir carreira.

Andrew adorou o tempo que passou na Mizzou, a universidade do Missouri, envolvido com a cultura, o rigor dos estudos e as pessoas com quem podia conversar bastante sobre os assuntos que mais o interessavam – história, arte, filosofia, civilização e governo. Todas as mulheres com quem namorou atendiam a esses critérios, mas ele admitia que o lado romântico das coisas havia se perdido com as conversas intensas.

Talvez fosse essa a razão pela qual ele nunca sofria quando elas iam atrás de cursos em alguma universidade distante ou tiravam períodos sabáticos em outros países.

Em uma de suas viagens, há dois anos, ele até visitou uma ex, curioso para descobrir se podiam reavivar o que sentiram quando estavam na graduação.

Mas nada do que aconteceu mudou sua opinião sobre seus caminhos atuais. Andrew estava comprometido a ficar em Applebottom por enquanto, cuidando da mãe e ajudando a cidade a crescer, deixando suas raízes rurais para se tornar uma comunidade civil mais aberta.

Ele tentava não ser arrogante, esnobe ou fingir que sabia mais que os moradores dali. Applebottom tinha suas próprias atividades. Certamente ninguém poderia superar Gertrude e Maude com as tortas que criavam. E Delilah transformou uma pet shop em algo semelhante a um movimento em nome de todos os animais, domésticos e selvagens, que viviam na área de Table Rock Lake.

Até Arnold, com suas tesouras de barbeiro e a placa tradicional, se certificava de se manter atualizado sobre os cortes masculinos mais recentes, independentemente da origem, etnia ou tipo de cabelo. E não julgou Fierce quando ela apareceu querendo raspar um lado da cabeça.

Era uma cidade boa para morar. Seu pai havia criado a família lá. Andrew não estava preso a ela de forma alguma. E era muito bom ter uma comunidade quando se precisava. A sua própria mãe precisou. A perda do marido a fez entrar em uma espiral em que foi difícil ajudá-la. Sadie resolveu iniciar um grupo de artesãs que faziam colchas só para que a mãe dele participasse.

Ao se aproximar da loja de chá de Betty para pedir a Sandy Miller que fizesse uma viagem com ele, Andrew percebeu algo importante. Quando ela deixou a escola Applebottom, grávida e rejeitada, havia deixado um buraco dentro dele.

Ele sempre se importou com ela.

E hoje, esperava que pudesse ser capaz de realmente começar a demonstrar isso.

O sino da porta tocou. Betty olhou surpresa.

— Andrew McAllister, que alegria vê-lo. Acho que você veio buscar seu livro, não é? — Ela olhou para o canto. Andrew já tinha visto Sandy em sua mesa, decorando um grande bolo retangular.

— Não, tinha até me esquecido disso.

— Que bom, porque não estou com ele aqui. — Sua resposta pareceu agradar Betty, e ele percebeu que Sandy estava se remexendo em sua cadeira. Agora ela sabia que ele estava lá só por sua causa.

Ele olhou para o relógio.

— Não está na hora de preparar a pasta de cream cheese com pimenta? — ele perguntou.

Betty ergueu as sobrancelhas. Ele basicamente a expulsou.

Ela desceu do seu banquinho alto.

— Acho que é melhor eu fazer isso.

— Vou levar uma quando você terminar.

Ela inclinou a cabeça para ele.

— Andrew, eu te conheço desde que você era um garotinho levado que mal alcançava meus joelhos. Você nunca comeu um dos meus sanduíches com pasta de *cream cheese* com pimenta. Você come peru com queijo.

— Talvez esteja hora de expandir meus horizontes — ele falou.

— Sei. De toda forma, está na hora de prepará-la. — Ela foi para os fundos, deixando-os sozinhos.

Andrew se aproximou da mesa. O bolo parecia ser uma batalha de muitas bolas coloridas.

— Boa tarde — ele falou. — O que é isso?

Sandy virou um pedaço de papel impresso para que ele pudesse vê-lo.

— Uma batalha Pokémon — ela respondeu. — Estava me perguntando quando receberia um pedido de bolo como este.

— Eu costumava trocar esses cartões.

— Todo mundo trocava. Aparentemente, ainda está na moda.

— Pokémon nunca vai morrer.

— Não no meu campo de batalha — ela falou. — Estou começando a formar o corpo para poder bloqueá-lo.

— O cliente não conseguiria um bolo licenciado em alguma loja de Branson?

— Conseguiria e deveria ter feito isso. Mas essa mãe gosta de apoiar a loja de chá da cidade. — Sandy deu de ombros. — Vou fazer. É algo diferente.

Ela virou a página novamente. Depois de estudá-la por um momento, pegou uma espécie de paleta e misturou um pouco de glacê rosa e marrom para criar uma mistura opaca para pintar o corpo de um dos Pokémons.

— Qual é esse? — Andrew perguntou.

— Se chama Cleffa — Sandy respondeu.

— São muitos. Nunca consegui gravar os nomes além de Squirtle e Charmander.

— Tive que escrever várias dicas.

Ele assistiu com fascínio quando ela encheu o saco de confeitar e fez uma forma redonda perfeita na parte inferior, apontando para o topo. Ela pegou um saco marrom escuro com cobertura e adicionou um triângulo a cada lado.

— Em forma de estrela — ela falou antes que ele pudesse perguntar.

— Acho que não teria paciência para isso — ele comentou.

— Gosto dos detalhes e das texturas. Aprendi muito trabalhando aqui. Não é só glacê e fondant. Consigo fazer coisas com casca dura, crocante, glitter ou papel fino. Até comecei a trabalhar com folhas de ouro.

— Isso é comestível?

— Ah, sim. É possível conseguir folhas comestíveis de vinte e quatro quilates. Nem quero pensar no processo digestivo.

— Parece que pode se colocar qualquer coisa em um bolo para fazer a arte.

— Quase isso.

Ela lhe deu uma abertura. Ele abriu a boca para fazer a pergunta, mas as palavras não vieram. Percebeu que estava se remexendo e se forçou a ficar parado.

Finalmente, ela olhou para cima.

— Está precisando de algo? Está tudo bem com o comitê?

Ele precisava agir. Estava perdendo a coragem.

— Liguei para a Universidade do Missouri ontem — falou depressa. — Um professor que conheço continua lá. Ele é bem famoso por sua arte de mídia mista. É exatamente o que você está falando. Texturas e várias técnicas para fazer arte tridimensional.

Sandy parou o movimento com o saco de confeitar, deixando o Pokémon

só com um olho. Ou talvez só precisasse de um olho. Ele não sabia.

— Eu sei o que significa mídia mista — ela falou com cuidado.

Ele estava estragando tudo. Deveria ir embora ou continuar tentando?

Decidiu seguir em frente.

— Eu pretendia ir até lá fazer uma visita, e achei que talvez você quisesse vir. Para ver o trabalho dele. A mídia mista, quero dizer. Já que você estava tão interessada em texturas para os seus bolos. Achei que podia ajudar.

Suas palavras soaram atropeladas. Ele parecia ter dezessete anos novamente. E apesar de ter três diplomas e ter ministrado milhares de palestras, não melhorou na paquera.

Sandy colocou o saco de confeitaria na mesa.

— Você está me chamando para ir a Columbia com você? São quatro horas de carro para ir e para voltar.

— É longe — ele disse. — Sei que talvez você possa estar muito ocupada para fazer algo assim.

— Quando?

— Estava pensando no feriado de segunda-feira.

Sandy pegou o saco de confeitaria e acrescentou um segundo olho ao Pokémon.

— Você está me convidando por motivos pessoais ou profissionais? Para o bolo do centenário?

Ele não sabia qual era a resposta correta. Todo o seu corpo estava em chamas enquanto ele tentava descobrir a coisa certa a dizer.

Então, ele se lembrou de Carter dizer para manter as coisas simples.

— Achei que poderia ser um passeio divertido para nós.

Então Clementine soltou um único latido agudo nos fundos e Betty a

silenciou.

A cidade estava sempre ouvindo.

Sandy olhou para a porta.

— Tenho certeza de que ela está morrendo de vontade de responder —
ela sussurrou.

Andrew se inclinou.

— Deveríamos deixá-la bem confusa tendo uma grande discussão.

Sandy riu.

— Você é terrível.

Ela se sentou ereta.

— Andrew! Você é muito atirado! O que farei com a minha reputação
depois da sua proposta escandalosa?

Ela quase se desfez em risadinhas novamente, mas cobriu a boca e se
segurou.

— Não quis ofendê-la, Lady Miller — Andrew anunciou. — Talvez uma
das viúvas honestas deste condado esteja disposta a servir como
acompanhante para proteger sua virtude.

Sandy mal conseguia falar por causa do riso.

— Mas você tem uma carruagem fechada!

Agora era Andrew que mal conseguia pronunciar uma frase.

— Acho que eu poderia alugar um conversível.

E foi isso. Os dois caíram na gargalhada.

Betty saiu dos fundos, segurando seu pequeno poodle branco.

— Muito bem, vocês dois. A diversão acabou. Sandy, você vai tirar o dia
de folga para poder fazer sua viagem a Columbia. — Ela encarou Andrew. —
Sem acompanhante.

Então se virou e caminhou de volta para a cozinha.

— Parece que a chefe mandou você me acompanhar — ele falou.

— O seu amigo pode na segunda-feira?

— Vou checar com o River — Andrew respondeu.

— River? Você quer dizer River Montgomery?

— Exatamente. Ele também ensina no departamento de arte da Mizzou.

Sandy pousou o saco de confeitaria mais uma vez e apoiou as mãos nas bochechas.

— Vi todo o trabalho dele. Mas só em fotos. Não consigo nem imaginar como é vê-los de perto. Uma fotografia não faz justiça à mídia mista.

— Bem, nós vamos na casa dele — Andrew comentou. — Provavelmente, a maioria das coisas que veremos nunca esteve em revistas. É a coleção particular dele.

Sandy sentiu que poderia desmaiar.

— Sim, eu vou. Com certeza.

Andrew se esticou um pouco mais. Ele conseguiu.

— Te aviso o horário em que sairemos na segunda-feira — ele falou.

As bochechas de Sandy ainda estavam rosadas.

— Certo. Mal posso esperar.

E agora, ele também não.

Dez

Quando Andrew chegou à casa de Sandy em um conversível vermelho cereja com a capota abaixada, ela não conseguiu acreditar.

Estava olhando da janela, pois não queria que Andrew entrasse em sua casinha triste. Não sabia o porquê, mas não queria que ele visse o quanto sua vida foi miserável durante todos esses anos.

Especialmente se ele estivesse em um carro esportivo chamativo.

Ela não tinha do que se queixar. A casa era robusta e forte. O telhado só vazava na cozinha. E o lugar protegeu Sandy e o filho de muito mais que só o tempo. Era o lar deles nos dias mais sombrios.

Mas não era disso que ela se orgulhava.

Talvez um dia, ela tivesse dinheiro suficiente para consertar o interior, fazer uma pintura, colocar um piso de verdade e trocar os móveis antigos, metade dos quais estavam apoiados em pilhas de revistas. Mas não seria agora.

Andrew desligou o motor e saiu do carro. Era rebaixado, elegante e reluzente.

Ela pegou a bolsa e correu para a porta.

— Se você está tentando proteger minha virtude com uma carruagem aberta, não acho que essa vai funcionar! — Sandy falou.

Ele se aproximou dela na porta da casa.

— Não é meu carro de verdade. Eu aluguei. Achei que seria engraçado. E, para ser sincero, uma parte de mim quer ir até a casa de River Montgomery em algo um pouco mais chamativo que o meu Honda Accord.

Ela deu uma cotovelada nele.

— É o seu orgulho falando, sr. McAllister, o professor de história mais erudito de Applebottom?

— Culpado.

Sandy se virou para trancar a porta.

— Bem, vou guardar seu segredo. — Então ela fez uma pausa. — É como um daqueles romances de época em que você precisa de uma esposa com um título para causar uma boa impressão em seu antigo colega de faculdade?

— Não, não — ele disse com uma risada. — O carro é o máximo que vou exibir.

Ele ofereceu o braço, e ela aceitou. Quando um calor lento se espalhou pelo seu corpo, partindo de onde eles se tocaram, ela percebeu que fazia muito tempo que não se divertia daquele jeito. Na verdade, ela não conseguia se lembrar da última vez.

Havia alguns momentos. Brincando com Caden no chão quando ele era pequeno ou quando ele dizia algo engraçado ou fofo.

Mas com certeza, o otimismo que a inundava na presença de Andrew era novo.

Isso a fez se sentir esperançosa.

Andrew abriu a porta do passageiro e ela se acomodou sobre o couro frio.

— É tão chique — ela falou.

Ele deu a volta no carro.

— Eu sei. Levei dez minutos para descobrir como ligar o rádio.

Sandy afivelou o cinto de segurança e alisou a saia preta simples. Ela tentou ficar na linha entre casual e elegante sem ter ideia de que tipo de dia eles teriam.

O suéter era simples, felpudo e com um pouco de brilho no fio. Pequenas gotas de prata, que era o único par de brincos que tinha, complementavam o visual.

Andrew deu partida no motor.

— Posso fechar a capota se você estiver preocupada com o cabelo — ele ofereceu.

Ela tocou as mechas. Na verdade, tinha passado algum tempo fazendo cachos nas pontas. Talvez ficasse bagunçado com o vento. — No entanto — Andrew acrescentou —, comprei um presentinho para você em homenagem ao carro. Pode ajudar.

Ele fez o quê? Sandy aceitou o pacote flexível embrulhado em papel de seda azul claro. Abriu com cuidado, revelando uma echarpe transparente em tons pastéis de azul a cinza. Por sorte, combinava muito com as cores da sua blusa.

— É linda — ela falou. — Obrigada.

— Não precisa usá-la se não quiser. Posso levantar a capota. Mas se você quiser a experiência completa, ela ajudará a manter seu cabelo sob controle. — Ele esfregou a própria cabeça, bagunçando a mechas lisas do cabelo escuro. — Quanto a mim, vou sofrer. Não acho que fico bem de lenço.

Sandy riu. Ela desdobrou a echarpe e a amarrou na cabeça, enfiando as pontas dos cabelos para dentro.

— Isto é perfeito. É como se eu me tornasse outra pessoa por um dia.

— É uma sensação divertida, não é? — Andrew saiu da estrada de

cascalho e entrou no asfalto. — Mas, só para constar, gosto de você do jeito que é.

O coração de Sandy acelerou. Tudo estava acontecendo muito rápido. A ida de Caden para a faculdade. Seu novo trabalho e a reintegração com a cidade natal. Comitês. Artigos de jornal. E agora, Andrew.

Ela segurou a maçaneta da porta enquanto o carro parecia vibrar muito além da capacidade dela de processar a velocidade que estavam indo. Ela sabia que Andrew não era do tipo que dirigia acima do limite, mas sentia como se estivesse correndo em direção a um futuro que ainda não conseguia imaginar.

O rugido do vento enquanto eles dirigiam pela estrada dificultava a conversa. Não conseguia ouvir nem a música no rádio. Mas Sandy achou o silêncio tranquilo e amigável.

Eles dirigiram quase três horas direto para Jefferson City antes de pararem para almoçar.

— Sempre me esqueço do quanto essa estrada é bonita — Andrew comentou. — Mas acho que já estou satisfeito com a experiência do conversível sem capota.

— Eu concordo — Sandy falou, tocando nos lábios que estavam secos após a longa viagem no vento. — Mas acho que deveríamos parar algumas quadras antes para abaixá-la de novo. Só para chegarmos em grande estilo.

— Boa ideia.

Eles entraram em um pequeno café perto da interestadual, entre um posto de gasolina e uma loja de turismo.

— Tudo o que você precisa para completar seu *look* e ficar parecida com uma estrela de cinema é um par de óculos de sol — Andrew disse enquanto

eles passeavam pela loja, esperando que a garçonete limpasse uma mesa.

Sandy pegou um.

— Que tal agora?

— Tem que ser maior — Andrew disse. Ele pegou outro par da prateleira.

— Tente esse.

Sandy o colocou e entregou o primeiro a Andrew para que ele devolvesse. Eles faziam esses movimentos com fluidez, como se estivessem familiarizados um com o outro e fizessem viagens como essa o tempo todo.

Ela se virou para um espelho.

Deus, ela parecia uma estrela de cinema. Com a echarpe, os brincos, o suéter e os óculos, ela poderia ter uma personalidade totalmente nova.

— Pareço alguém que merece ir a um museu particular de um dos artistas mais renomados do estado — ela falou e girou a mão no ar como se estivesse gesticulando para seus fãs.

— Retiro o que disse antes. Eu amo essa sua versão — Andrew falou. — Vamos levá-lo.

Eles foram até o caixa, mas Sandy não permitiu que ele pagasse. Ela já se sentia um pouco sobrecarregada com o presente que ele havia lhe dado. Felizmente, os óculos não eram caros.

Quando terminaram, a garçonete os viu e acenou.

Enquanto eles se sentavam, Sandy comentou:

— É bom poder conversar sem ter a cidade inteira ouvindo.

— Eles devem ter colocado uma escuta em nossas roupas — Andrew falou. — Conversei com o Carter outro dia, e ele me disse que a cidade também o juntou com sua namorada.

— Está falando do treinador de futebol? — Sandy perguntou.

— Sim, Carter McBride.

— Eles são meio intrometidos, não é? — Ela olhou para o cardápio.

— Não vou reclamar — ele falou.

O calor a percorreu novamente. As palavras no cardápio ficaram borradas, e Sandy teve que se concentrar muito para conseguir enxergar direito novamente.

— O cardápio é bem simples — Andrew comentou. — Conheço vários lugares legais em Columbia, é claro, mas não achei que pudéssemos chegar até lá sem comer.

— Você tem razão — Sandy respondeu. — Eu estava faminta.

Eles fizeram o pedido e Sandy desamarrou cuidadosamente a echarpe e a tirou para poder comer.

— Eu amei — ela falou. — Não precisava.

— Eu quis te dar um presente. — Ele abriu a boca como se pudesse dizer mais, depois tomou um gole de água.

Ele estava nervoso também?

— Estou muito animada por conhecer o River Montgomery — falou. — Espero estar bem.

— Você está perfeita — Andrew disse. — Aposto que entrou na Internet e procurou por tudo o que podia ler sobre ele no fim de semana.

Sandy riu.

— Culpada. Eu não poderia ir até a casa dele para ver seu trabalho sem saber todas as coisas importantes.

— Esperta — Andrew disse. — Eu faço a mesma coisa. Quando estava na pós-graduação, tive a oportunidade de participar de uma recepção particular após a palestra de um dos meus historiadores mais reverenciados.

Eu estava tão ansioso com isso que fiquei uma semana inteira só estudando suas opiniões e negligenciando meu trabalho de pós-graduação. — Ele bateu na mesa. — Valeu muito a pena. Ele ficou muito impressionado com o quanto eu estava atualizado em todos os assuntos importantes do governo e da história. Do ponto de vista dele, é claro.

Enquanto Andrew falava sobre algumas de suas façanhas nos anos que passou na Universidade do Missouri, Sandy sentiu sua excitação começar a se transformar em leve consternação. Como ela podia manter uma conversa com essas pessoas com doutorado? Ela não tinha nem terminado o ensino médio. Saiu da escola no segundo ano. Não sabia nada sobre política. Não leu nenhum livro importante. Até suas aulas de literatura foram interrompidas em *Romeu e Julieta*. Uma criança de cinco anos poderia falar sobre esse enredo.

Ela estava prestes a se fazer de boba?

Havia lido sobre River Montgomery, mas se ele quisesse falar amplamente sobre arte, ela não saberia nada. Enquanto seu estômago se apertava, Sandy não tinha certeza de que seria capaz de comer alguma coisa. E quanto a conversar? Seria melhor se ela ficasse de boca fechada.

— Falei demais — Andrew disse. — Não há nada pior que um professor de história que não sabe quando parar.

Sandy não teve uma resposta inteligente para isso, nem mesmo para desfazer sua preocupação.

Felizmente, a comida chegou. Andrew pegou um biscoito amanteigado.

— Durante muito tempo, eu realmente achava que todo o Missouri era igual — ele falou. — Mas depois de viajar um pouco pelo estado, percebi que as influências regionais são muito fortes.

Sandy só pôde concordar. Ela não havia viajado por todo o Missouri. Ela

nunca deveria ter deixado seu barraco. Ou deveria ter ido para um lugar completamente novo.

A expressão de Andrew mudou para preocupação.

— Está tudo bem?

Sandy conseguiu evitar responder colocando uma porção de macarrão na boca. Ela deu de ombros como se dissesse que *tudo bem*.

Andrew não insistiu, mas o clima amigável de antes se dissolveu com a angústia de Sandy. Ela não sabia como mudar isso. Tinha pouca experiência em qualquer uma dessas coisas.

Eles terminaram a refeição e Andrew pagou.

— Deveríamos voltar à estrada. Estão nos esperando às duas horas.

Com a capota fechada, a conversa deveria ter acontecido, mas o clima entre eles mudou. Sandy desejou ser outra pessoa, alguém que tivesse mais coisas em comum com Andrew. Se ela ao menos pudesse dizer algo inteligente.

Mas ela era assim. Uma garota de cidade pequena que pagou o preço por se apaixonar por um garoto que não tinha a menor intenção de ficar com ela.

O silêncio se prolongou e seu desconforto aumentou. Essa tinha sido uma péssima ideia. Ela queria pular do carro.

Mas Andrew percebeu.

— Ei, você está bem?

— Estou — ela respondeu.

Ele segurou o volante, e ela se perguntou se ele ligaria o rádio para poupar-lhes de mais um silêncio constrangedor.

Mas ele não desistiu.

— Alguma notícia do Caden? — ele perguntou.

— Sim, ele está bem.

— O primeiro jogo dele foi no sábado, certo? Você foi?

A ideia de Andrew ter procurado o time de futebol da faculdade do seu filho acabou com algumas de suas dúvidas. Ele estava se esforçando. Ela relaxou. Pelo menos, ele encontrou algo sobre o que poderiam falar.

— Caden me disse para esperar o primeiro jogo no campo da faculdade, porque será mais divertido. Além disso, os dois primeiros são muito longe. Ele me enviou uma camisa do time!

— Vai ser muito divertido. Vocês se falam com frequência?

— Ele me ligou depois do jogo. Jogou por três minutos, o que não é ruim para um calouro — ela explicou. — Aparentemente, foi divertido. O quarterback se atrapalhou em um lance e Caden entrou na briga para recuperar a bola.

— Ele conseguiu?

— Sim! Ele emergiu triunfante de uma pilha de jogadores! Acho que todos os fotógrafos do estádio tiraram uma foto. Um dos vídeos se tornou viral.

— Isso é ótimo. Ele ainda conversa com o treinador McBride?

— Ele ligou para o treinador depois do jogo — Sandy falou. — Eu disse a ele que não era sensato, mas aparentemente eles tiveram uma ótima conversa.

— O treinador é um cara legal — Andrew comentou. — Ele realmente se importa com os garotos.

— Você gosta de dar aula?

— Adoro — ele respondeu.

— Senti uma hesitação.

— Seria bom ter alguém com quem conversar sobre coisas além das datas e batalhas da Guerra Civil. Por mais que eu tente levar os alunos além do texto, eles estão realmente focados em testes e notas. Não é exatamente o mesmo que duas pessoas conversando apenas para expressar seus sentimentos sobre algum evento histórico.

Sandy entendia.

— Quando comecei a decorar os bolos na loja de Betty, acho que a enlouqueci falando sem parar sobre pincéis para glacê, dicas de confeito e a textura do creme de manteiga. É muito técnico e, honestamente, as pessoas nem precisam pensar nessas coisas.

— Exatamente — Andrew respondeu.

Sandy não tinha certeza de que sabia o suficiente para falar sobre qualquer coisa que interessasse a Andrew, mas poderia tentar.

— Então, qual eram os tópicos mais debatidos entre seus amigos da história?

— Ah, havia muitos. Por exemplo, como é possível documentar até os eventos históricos mais objetivos quando todos vemos tudo através do filtro de nossas próprias experiências e preconceitos?

Sandy se virou para a paisagem do lado de fora da janela com um nó na garganta.

— A maior parte da minha vida tem sido fonte de especulação e adivinhação, e todos fingem que o que supõem são fatos.

Andrew ficou quieto e Sandy se perguntou se tinha acabado com o dia deles ali.

Onze

Enquanto Sandy abordava o assunto difícil de seu passado, Andrew segurou o volante com força. Ele sabia que esse tópico surgiria mais cedo ou mais tarde, mas não necessariamente em seu primeiro passeio juntos.

Buscou por uma resposta. Ele não podia simplesmente ficar sentado em silêncio dirigindo como um idiota.

Por fim, disse:

— Acho que a maioria das pessoas em Applebottom hoje concordaria que as coisas não foram bem tratadas há dezoito anos.

Sandy bufou.

— Sabe, demorei dezoito anos mais os dois meses de trabalho com a Betty para me sentir corajosa o suficiente para pensar em lutar contra todas as coisas que foram ditas a meu respeito naquela época, quando tinha muito medo de me defender.

— Isso é justo — Andrew disse. — Eu gostaria de ter feito mais.

— Você era adolescente — Sandy falou. — E tenho certeza de que não teve nada a ver com aqueles garotos valentões que tinham muito a dizer quando não sabiam de praticamente nada.

— Jerry encabeçava tudo — Andrew falou. Ele supôs que, se iam falar, também poderiam tirar o problema do caminho.

— É claro que sim — Sandy concordou com a voz amarga. Mas enquanto

discutiam essas coisas difíceis, Andrew descobriu que não podia perguntar diretamente a ela se Jerry era o pai do bebê.

— Eu não era amigo do Jerry ou do grupo dele — Andrew apontou.

— E sou grata por isso — Sandy comentou.

— Acho que não importa o quanto a comunidade seja grande ou pequena — Andrew disse. — Sempre haverá idiotas e mentirosos.

— É quase como se toda cidade tivesse uma cota a preencher — Sandy disse. — Acho que eu era a garota patética que não sabia de nada.

— Eu nunca pensei isso a seu respeito — Andrew afirmou.

— Então você era o único.

— Gosto de pensar que todos aprendemos algo com o que aconteceu.

Sandy colocou a echarpe ao redor do pulso, agitada.

— Acho que não. Tenho certeza de que se alguma garota da escola — Fierce, talvez — aparecesse grávida e o cara com quem ela achava estar namorando insistisse que não, dizendo que ela estava dormindo com todo mundo, a cidade não lidaria com isso de uma forma diferente do que fizeram comigo.

Provavelmente ela estava certa. Era bem possível que Betty, Gertrude, Maude e toda a velha guarda de Applebottom só estivessem sendo gentis com Sandy porque ela havia resistido à tempestade. Ela se tornou mãe e criou seu filho em Applebottom. Ele era um garoto ótimo e ela voltou ao convívio das pessoas. Se toda aquela confusão acontecesse novamente, era bem provável que a nova garota em apuros não fosse tratada de um jeito melhor.

— Na minha opinião, Caden é um ótimo garoto e estou feliz que você seja mãe dele.

— A questão não é essa — Sandy falou. — É claro que sou feliz por tê-

lo. Só não tenho a ilusão de que a cidade tenha aprendido alguma coisa com o que aconteceu comigo.

Eles se aproximaram de Columbia. A conversa foi difícil, então Andrew não sentiu a mesma nostalgia que costumava sentir ao se aproximar da cidade onde morou há sete anos.

Mas, quando voltaram a ficar em silêncio e a lugares cada vez mais familiares, Andrew conseguiu encontrar um pouco de paz ao ver as antigas paisagens. Depois de suprimir vários comentários sobre os locais que costumava ir e coisas que costumava fazer, ele decidiu que talvez fosse melhor falar. Dar a eles algo novo para conversar.

— Eu morava em um bairro por ali — disse, apontando pela janela. — Na faculdade, aluguei uma casa a poucas ruas da interestadual. Eu a dividia com dois colegas, caras que eu achava que conhecia muito bem, mas eles acabaram sendo as piores pessoas para dividir casa que podia ter escolhido.

Sandy mordeu a isca.

— Por quê?

— Bem, um deles estava cultivando maconha no quarto, que ele mantinha trancado o tempo todo.

— Ah, meu Deus, ele foi pego?

— Não por autoridades. Mas os pais dele apareceram de surpresa no Dia de Ação de Graças e quando indiquei a porta do quarto dele, o pai destrancou a fechadura com a suavidade de um criminoso.

— Eles também cultivavam maconha?

— Ah, não. Eles estavam familiarizados com as peripécias do filho. Nunca vi um homem adulto chorar como Martin fez por perder aquelas plantas quando os pais as jogaram no vaso sanitário.

— Vocês nunca sentiram o cheiro ou algo assim? — Sandy perguntou.

— Martin vivia de acordo com a regra de que onde se ganha o pão... —
Andrew tentou descobrir como dizer o resto com delicadeza.

Mas Sandy completou a frase.

— Não se come a carne?

Andrew riu.

— Exatamente. Ele não queria fumar onde a planta estava crescendo.

— Pelo menos ele tinha bom senso suficiente para isso — Sandy comentou. Seus ombros relaxaram e ela não enrolou mais a echarpe com tanta força no braço. Eles passaram pelo pior.

Andrew saiu da rodovia e começou a seguir pelo bairro antigo em direção à universidade.

— Quanto a Peter, meu outro colega de quarto, digamos que ele gostava de mulheres.

— Elas entravam e saíam o tempo todo? — Sandy perguntou.

— Para dizer o mínimo.

— E quanto a você? Namorou muito durante esses anos?

Essa era uma pergunta complexa.

— Algumas mulheres. Mas acabamos seguindo caminhos separados.

E. Chega.

Não havia razão para elaborar nenhum desses pontos.

— Você planeja viver em Applebottom para sempre?

Ele deu de ombros.

— Se eu pudesse convencer minha irmã a aparecer mais vezes, não me sentiria tão obrigado a ficar. Mas agora, é algo que preciso fazer. — Ele olhou para ela. — E quanto a você? Não há nada que te segure lá.

— Não sei para onde mais iria. Applebottom é tudo que conheço. Eu poderia vender a casa, mas acho que não conseguiria muito por ela, não na condição em que está. Talvez se eu conseguir popularidade suficiente como decoradora de bolos, eu possa ir a outra cidade e conseguir um emprego lá. Mas sinto que meus ganhos serão muito maiores aqui do que em algum lugar como Branson ou St. Louis.

— Você é esperta em pensar assim — Andrew comentou.

— Você sente falta de morar em uma cidade como esta? — Ela espiou as casas que passavam pela janela. Eles estavam no distrito histórico e a maioria das casas centenárias haviam sido restauradas.

— O tempo todo. Mas quando eu estava aqui, sentia falta de coisas de lá. Acho que estar contente não é ter saudades de outro lugar, mas estar feliz onde você está.

Ela ainda olhava pela janela. Ele havia se esquecido que ela não viajava muito. Deveria estar lhe mostrando mais coisas.

— Você gostaria de ver o campus? É bem bonito.

— Ah, podemos ir? Adoraria ver alguns prédios. Eu nunca vi nada com mais de três andares.

Andrew riu.

— Acho que podemos resolver isso.

Ele seguiu para a Providence Road, passou por lojas e prédios e finalmente foi para a área das árvores que cercavam o campus. Ele sempre amou a natureza do local, como se a Universidade estivesse aninhada em seu próprio espaço verde.

Ele passou muitas tardes andando nessa área de Grindstone, contemplando seus estudos de história e filosofia. Foram anos bons.

O pensamento de levar Sandy para alguns desses lugares o fez sorrir. Fazia sentido.

— É tão verde aqui — ela comentou. Seu nariz estava praticamente pressionado contra o vidro.

— Era uma das coisas que eu mais gostava na Mizzou — Andrew disse. — Olhe para cima, estamos prestes a passar por baixo da ponte de pedestres.

Um pouco mais adiante, havia uma grande ponte de tijolo e metal com o enorme símbolo do Tigre de Mizzou.

Sandy apoiou a mão no painel e encarou a ponte até que eles passaram por baixo.

— Ali está o estádio — ele apontou. — O campo Faurot.

— Adoro o fato de o chamarem de *The Zou* — ela disse com uma risada, se referindo ao apelido do estádio.

— Tenho certeza de que o prédio principal é o mais alto do campus — ele falou. — Me deixe ver o mais próximo que podemos chegar.

— Ah, isso não é necessário — ela protestou. — Tudo é tão grande!

— Você vai querer ver. É o coração do campus.

Eles passaram por prédios de tijolos vermelhos e estacionamentos. Ele mostrou o dormitório onde morou quando era calouro. Os dois ficaram perplexos com uma construção, tentando descobrir o que poderia estar por vir.

— É tão emocionante — Sandy falou. — E tem tanta gente. Eles estão andando por toda parte.

Quando chegaram ao centro do campus, Andrew avistou um ponto de parada de quinze minutos e estacionou.

— Não podemos ficar aqui por muito tempo ou seremos rebocados —

afirmou. — Mas podemos sair um pouquinho.

Sandy já estava com a porta aberta. Saiu do carro e o vento balançou seus cabelos. Ela se abaixou para pegar a echarpe e sorriu para ele antes de se levantar novamente.

Ela estava feliz. Ele saiu e deu a volta para ficar ao seu lado.

Seus olhos estavam arregalados e cinzentos quando viu a entrada de tijolos do Traditions Plaza, com as bandeiras pretas e douradas voando.

— É tão bonito — ela murmurou.

Jesse Hall se erguia logo à frente, com suas linhas arquitetônicas brancas e limpas, os tijolos vermelhos e a linda cúpula branca alcançando o céu azul.

— Então um campus universitário é assim — Sandy comentou.

Andrew percebeu como deu pouco valor ao que teve.

— Você ainda pode ir para a universidade — ele falou. — Só precisa fazer o teste de desenvolvimento educacional. Posso te ajudar a estudar, se você quiser.

— Nem consigo imaginar um futuro assim. — Ela tinha lágrimas nos olhos. — Todos os futuros que eu nunca poderia ter visto. Mas agora estou olhando para um deles. — Sua voz estava cheia de reverência.

Parecia natural segurar sua mão fria ao ar livre.

Ela entrelaçou os dedos nos dele e se virou, maravilhada com tudo.

— Sinto que posso fazer qualquer coisa enquanto estou aqui.

— É o tipo de sentimento que você pode construir. Aproveite.

Eles se aproximaram do prédio e Sandy demorou a absorver todos os detalhes. Caminharam pelas calçadas brancas e subiram os degraus.

Ele os conduziu pela parte cênica do campus central pelo máximo de tempo possível, mas corriam o risco de se atrasar para encontrar seu amigo.

— Você está pronta para ver um pouco de arte?

Sandy não conseguia parar de olhar para tudo ao seu redor.

— Acho que nada vai superar isso.

Andrew teve que discordar.

— Acho que estamos apenas começando.

Doze

Sandy mal conseguia conter o nervosismo quando pararam em frente a impressionante casa de dois andares com uma enorme varanda circular. Tinha colunas e frontões, como uma grande casa de fazenda.

Ela nunca tinha visto nada parecido, muito menos entrado em uma casa assim. Puxou a saia, nervosa. Imaginou que houvesse um mordomo, funcionários e convidados extremamente bem vestidos.

Eles haviam estacionado em um caminho circular e deixaram o carro bem à vista, como haviam combinado. Mas ao se aproximarem da porta, Sandy descobriu que não podia se apresentar com a echarpe e os óculos de sol. Não era ela. Enfiou os óculos escuros na bolsa e puxou o lenço da cabeça.

Outras mulheres com certeza poderiam ter dado um nó elegante ao redor do pescoço, mas ela simplesmente prendeu a echarpe na alça da bolsa. Não estava pronta para isso. Se sentia desajeitada em todos os sentidos.

— Não fique nervosa — Andrew falou. — O River é um cara super engraçado e descontraído. Acho também que ele é mais baixo que você.

— É mesmo? Os artigos das revistas nunca mencionaram isso.

Andrew apertou a campainha. O som era um coro de Aleluia.

Os latidos atravessaram a porta. Sandy e Andrew se entreolharam, imaginando o bando de vira-latas que estavam prestes a encontrar. Parecia haver cerca de cem.

— Quietos, bebês, quietos! — Ouviram a voz do outro lado. Os latidos cessaram.

— Pelo menos são bem treinado — Andrew apontou.

A porta se abriu. Sandy reconheceu River instantaneamente. Ele era icônico nos círculos artísticos: magro, excêntrico e usava um colete roxo escuro, camisa de smoking com gravata borboleta amarela e calças pretas.

— Andrew! — River exclamou com o sotaque denso com um profundo tom sulista, quase como se fosse uma imitação. — Você veio! — A seus pés, seis cães de tamanhos variados estavam sentados e obedientes.

— Você deve ser a Sandy — ele falou. O homem estendeu a mão para cumprimentá-la. — Andrew me contou tudo sobre seus bolos incríveis.

Ele a soltou e olhou para os cachorros.

— Esses são MiMi, Lolo, JuJu, NayNay, TuTu e Killer.

Killer olhou para cima com a menção de seu nome. Era um chihuahua marrom com nariz rosado.

— Killer? — Andrew perguntou.

— É um filhote resgatado. Não responde a mais nada. — River acenou para eles entrarem.

Havia um grande vestíbulo com um conjunto de escadas curvas que levavam ao segundo andar.

Sandy respirou fundo. Onde quer que olhasse, havia arte. Por toda a parede ao longo da escada. Estátuas. Pinturas. Instalações de cenas dramáticas cobriam o chão. A seus pés, havia um campo de batalha de bonecas. Logo depois, partes quebradas de uma bicicleta estavam estrategicamente espalhadas.

— É muito para absorver — River comentou. — Não tenha pressa.

Sandy nunca tinha visto nenhuma dessas peças.

— São suas?

— Ah, Deus, não — ele falou. — Compro de todos os artistas que vejo. Quase todo mundo tem talento. Existem muitos picaretas no mundo da arte e a maioria deles trabalha nas galerias de Nova York. — Ele riu da sua piada. — Mas não é tudo maravilhoso? — Ele apontou para a sala.

Uma passarela havia sido decorada com postes baixos de latão, mantendo cordas de veludo vermelho a alguns metros do chão.

Sandy se inclinou para examiná-la mais de perto. Estava particularmente interessada na bicicleta quebrada. A extensão das peças mexeu com ela, como se de repente tudo estivesse desmoronando. Era exatamente isso o que parecia – uma roda aqui, um guidão ali e nada para manter as coisas unidas.

— Eu amo essa — River falou. — Quase a odeio por seu talento. Evoca tudo, não é?

— Sim — Sandy respondeu. Ela sentiu vontade de sussurrar, mesmo estando em uma casa particular. Algo sobre estar cercada por tanta arte inspirava sua reverência.

River se inclinou para perto de Andrew.

— Não deixe esta escapar.

Sandy se forçou a não olhar para cima enquanto ele dizia isso, embora pudesse sentir as bochechas ficando vermelhas.

Quando chegaram a uma porta do outro lado do hall de entrada, River os conduziu.

— Preparei um lanche leve — ele disse.

Chegaram a um átrio ensolarado nos fundos em que toda a parede oposta era repleta de janelas e uma claraboia se abria no alto. Cada canto brilhava

com o sol.

Sandy olhou para o vidro na parte de cima.

— Deve ser incrível quando chove.

— Eu não venho aqui durante uma chuva há muito tempo — River comentou. — Andrew, deixe esse diamante para mim. Acho que preciso dela para ter inspiração.

— Sem chance — Andrew respondeu.

Uma sensação se espalhou pelo estômago de Sandy. Esta tarde estava sendo completamente diferente de tudo que já havia vivido. Ela sempre ficou tão isolada e sozinha. Passava os dias sem ninguém que compreendesse o que fazia seu coração cantar. E agora, aqui estava ela, cercada pelas coisas mais impossíveis e ouvindo alguém dizer o quanto ela era especial.

Ela se perguntou se teria morrido e, de alguma forma, essa seria sua vida após a morte. Nada parecia real.

No outro extremo do átrio, havia uma grande mesa de vime com tampo de vidro e seis cadeiras. Três talheres haviam sido arrumados e quando se aproximaram, Sandy viu várias tigelas de frutas, uma pequena bandeja de sanduíches e uma cesta de bolos.

Ela o olhou e ofegou com os *cupcakes* ali dentro.

— São os cupcakes que eu fiz — ela falou.

— São mesmo, minha menina — River concordou. — Andrew falou tanto a seu respeito que liguei para a sua loja de chá e pedi alguns para que eu pudesse dar uma olhada.

Ele sabia sobre as mensagens secretas? Como esses eram novos, não havia mensagens neles. Andrew sabia? Ele nunca mencionou esse assunto. Esperava que Betty tivesse sido discreta o suficiente para não contar a ele,

mas se metade da cidade soubesse... Deus. Por que ela fez isso?

Ela se acomodou em uma cadeira e River serviu chá para todos.

— Diga-me, Sandy, o que te levou a fazer decoração de bolos?

Sua boca ficou seca. Ela não queria explicar que precisava de um emprego porque estava prestes a perder a casa, por mais triste e degradada que fosse.

Seu cérebro zumbiu na tentativa de encontrar uma resposta, mas River teve piedade dela e seguiu em frente.

— Esqueça isso. Empregos são chatos. — Ele pegou um dos *cupcakes* decorados com a minúscula cabeça da poodle branca de Betty, Clementine, com laços rosados nas orelhas.

— Nunca vi uma apresentação tão perfeita de um filhote de cachorro na cobertura — River comentou. — Seria preciso imaginar que milagres você poderia realizar se os criasse em argila de verdade.

Ele virou o bolinho.

— É quase uma pena comê-lo. — Mas então ele colocou na boca. — Mas é delicioso demais para não ser apreciado.

Andrew pegou outro *cupcake*.

— Eu reconheço esses cães. São todos de Applebottom — ele falou. — Tenho certeza de que os donos matariam para ter esses *cupcakes*.

— São reproduções? — River praticamente gritou.

Eles certamente estavam exagerando sobre a decoração.

— Faço uma série diversas vezes na semana — Sandy explicou. — Quando não tenho um bolo grande para decorar. Isso ajuda a preencher as horas.

— Então esse é o segredo — River falou. — Grande quantidade de

tempo. Pena que seja tão escasso. Eu tenho que lutar para ter tempo para minha arte.

— Por causa das aulas? — Sandy perguntou.

— Por causa da pressão de ser River Montgomery — Ele disse. — Ah, para ser sombrio novamente. Para criar bustos incrivelmente detalhados de cachorrinhos em *cupcake*. — Ele o pegou outro, com o maior cachorro da cidade, Roscoe, um Dogue Alemão. E o colocou na boca.

— As pessoas da cidade sabem que você está recriando seus cães em bolos? — Andrew perguntou.

— Não sei — Sandy respondeu. — Não tenho certeza de que alguém realmente notou.

River bateu na mesa com as duas mãos.

— Por favor, me diga que você está tirando fotografias pelo menos.

— Não senti necessidade. Faço isso o tempo todo. — Essas cabecinhas de cachorro não estavam nem perto do seu melhor trabalho.

River se afastou da mesa.

— Peguem o chá de vocês. Vamos subir.

Andrew e Sandy seguiram as instruções e foram atrás de River. Subiram uma escada nos fundos e foram direto para o segundo andar.

Caminharam pelo corredor acarpetado, onde havia arte do chão. Desta vez, a maioria eram retratos e Sandy percebeu que havia muitos estilos. Mais compras de River.

Passaram pela abertura que levava às escadas curvas. Sandy levou um momento para reverenciar tudo no andar de baixo. Era surpreendente. Ela poderia ter passado horas apenas andando pelo hall.

Correu para acompanhar os dois homens. River abriu outra porta.

Outro conjunto de escadas estreitas e íngremes os levou a uma sala ainda mais surpreendente.

O teto era uma cúpula de vidro e a luz do sol inundava cada centímetro do espaço. Era do tamanho de uma sala de aula típica, cheia de mesas, bancos e cavaletes. As prateleiras ao longo de uma parede estavam cheias de todo tipo de ferramenta artística. Pincéis de pintura. Telas. Paletas. Pilhas de papel texturizado. Coleções de carvão e canetas, lápis e tinta coloridas.

Uma seção inteira era dedicada a vários texturas, incluindo cerâmicas quebradas, contas de vidro, conchas e mosaicos.

— É aqui que você trabalha? — Sandy perguntou.

— É o meu santuário — River falou.

Sandy se aproximou de uma das mesas cheia de pedaços de vidro de cores vivas. De um lado, uma pequena caixa apoiava um vaso bonito cor de rosa e um pequeno martelo de metal. Devia ser onde ele guardava os objetos.

Ver seu trabalho em andamento inundou Sandy com uma mistura de gratidão e descrença. Conhecer um artista do calibre de River era uma coisa. Mas aqui estava, vendo onde ele trabalhava. Como ele se inspirava. Era quase demais.

— Venha aqui, minha menina — River falou. Ele apontou para uma mesa comprida ao lado. Continha todo tipo de material de escultura. Polímeros. Massa para modelagem. Gesso. Resinas. Formas e rolos de arame e conjuntos de ferramentas para talhar.

— Com que tipo de argila você se sente mais confortável? — ele perguntou.

— Só usei papel machê — Sandy falou. Ela parou antes de acrescentar que resina era muito cara e secava muito rápido.

— Justo. — Ele pegou uma caixa cheia de diversas marcas e cores possíveis de papel machê que estava embaixo da mesa. — Vou pegar um pouco de água para você amolecer. E algumas tintas para colorir o barro.

Eles faziam algo?

Sandy olhou para Andrew.

— Temos tempo para isso? — Eles ainda tinham uma viagem quatro horas de carro.

— O dia é seu — Andrew falou. — Se não voltarmos até meia-noite, bem, somos adultos.

Sandy abriu um pacote de massa branca.

— Você deveria fazer alguma coisa também. — Ela lhe entregou um pedaço de barro e mostrou a ele como usar os dedos para amolecer. Quando River chegou com pequenas tigelas de água para ajudar a suavizar o barro e todos começaram a trabalhar, ela quase gemeu de contentamento.

— Imagino que você queira que eu faça seus cachorrinhos — ela falou, olhando para o pequeno grupo que os seguiu pela casa toda.

River suspirou feliz.

— Estava esperando que você oferecesse.

E assim eles esculpiram. Sandy fez os cães e River trabalhou em algum objeto abstrato que parecia um monstro marinho. Andrew, bem, ela não sabia exatamente o que ele estava tentando fazer. Possivelmente, o verme mais feio do mundo.

Foi o melhor dia de todos.

Treze

Andrew chegou na casa de Sandy bem depois da meia noite.

Por quase todo o caminho de volta, ela falou sobre River, sua casa e toda a arte que havia lá. Ela fez esculturas em miniatura dos seis cães dele e o artista prometeu mantê-los em um local de destaque para sempre.

Andrew não parava de sorrir. Sandy parecia tão feliz. Quando ele desligou o motor em frente à entrada de automóveis, ela anunciou:

— Não estou com sono.

— Isso é bom, pois tenho certeza de que Betty espera que você chegue a tempo no trabalho.

Sandy levou a mão à boca.

— Ah, meu Deus! Você tem que dar aula amanhã! Fiz você ficar na rua até muito tarde.

— Correção: acredito que River Montgomery nos manteve até muito tarde em uma cidade que fica há quatro horas da nossa casa. Mas tudo bem. Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? Sinto que devo te levar café extra forte de manhã para garantir que você possa enfrentar o dia.

Andrew teria adorado isso, mas é claro que o relacionamento deles não estava nem perto de ter esse nível de intimidade.

— Juro que vou ficar bem. Eu aguento ficar acordado até tarde uma noite.

Eles ficaram sentados no carro por mais um minuto, apenas se encarando à luz da lua quando Sandy estremeceu.

— Está muito tarde, e eu estou te segurando aqui por muito tempo. Muito obrigada pelo dia de hoje. Foi maravilhoso. Incrível. O melhor dia de todos.

Sua alegria o fez sorrir ainda mais.

— O meu também.

— Tem certeza? Fiquei preocupada, pois ficamos muito tempo conversando só sobre estilos de arte, a melhor maneira de fazer um nariz de cachorro e quanto tempo a argila leva para secar em temperatura ambiente até ficar difícil de trabalhar com ela.

— Foi perfeito — ele garantiu.

Sandy colocou a mão na porta, mas ele se levantou para dar a volta e abri-la para ela. Ela colocou os óculos escuros e a echarpe na bolsa, além de uma caixa inteira de argila que River havia lhe dado, jurando que estragaria se ficasse em sua casa.

— Me deixe te ajudar com isso — ele falou.

— Não, pode deixar — ela insistiu. Na verdade, ela parecia um pouco nervosa quando se apressou em direção à porta da frente, quase como se estivesse tentando escapar dele.

— Está tudo bem?

Ele não a seguiu. Algo lhe disse que talvez ela estivesse com medo de que ele tentasse forçar sua entrada ou algo assim.

Ela colocou tudo em frente a porta e correu de volta para ele.

— Sim! Tudo bem. Eu só... eu...

O que quer que fosse, ele não queria dificultar o final desta noite para ela.

— Acho que te vejo em nossa próxima reunião do centenário — Andrew

falou. — A menos que você queira fazer algo antes. Talvez jantar em Branson?

— Eu adoraria — ela respondeu. — Este fim de semana?

Então ele relaxou. O que quer que estivesse acontecendo há um minuto atrás, não tinha a ver com ele. Pelo menos, não diretamente.

— Posso vir buscá-la por volta das seis no sábado? Assim teríamos tempo para chegar lá.

— Sim. Está perfeito.

Seu coração acelerou. Eles estavam a apenas um metro e meio de distância, mas ele hesitou em se aproximar para lhe dar um beijo de boa noite. Andrew não sabia ao certo o porquê. Ele queria, e ela parecia receptiva, sorrindo para ele.

Mas não queria apressar as coisas. Isso era algo novo para ela. Ele não viu nenhuma evidência de que ela tivesse namorado com alguém desde que deixou o ensino médio. Melhor levar as coisas com calma do que estragar tudo. Ele já havia conseguido um segundo encontro. Ia recuar enquanto estivesse ganhando.

Deu um beijo gentil em sua mão.

— Estou ansioso por isso, Sandy.

Segurou a mão dela por alguns instantes, depois a soltou.

Sandy esperou na varanda enquanto ele se afastava, observando-o ir embora. Foi um dia longo, mas incrível.

Tudo sobre Sandy Miller o fazia sentir como se estivesse voltando para casa.

No fim das contas, Andrew descobriu que não podia esperar até sábado para ver Sandy novamente. Ele dirigiu até a Town Square depois da aula na quinta-feira, parando na Applebottom Blossoms para pegar um pequeno buquê de flores antes de ir para o Tea for Two.

No entanto, quando entrou na loja, seu coração se apertou ao ver a mesa de Sandy limpa e vazia.

Betty estava sentada no banquinho atrás do balcão.

— Acho que essas lindas flores não são para mim.

— A Sandy não está trabalhando hoje?

— Eu deixaria que ela te contasse, mas a notícia já se espalhou pela cidade — Betty declarou. — Estou surpresa de que a Sandy não tenha ido até sua sala para lhe contar o que aconteceu.

Todos os músculos do corpo de Andrew ficaram tensos. Não parecia ser algo bom.

— Ela está bem? E o filho dela?

— Depende do que você quer dizer com bem — Betty falou. — O pai daquele menino decidiu sair da toca em que se escondia e exercer influência paterna sobre ele.

— Jerry Lavinski?

Betty se mexeu de maneira desconfortável no banquinho.

— Parece que sim — ela disse com uma careta. — Engraçado que quando lhe pediram para assumir a responsabilidade pelo que fez há dezoito anos, ele insistiu que não tinha nada a ver com a criança. Mas agora que o

garoto está se mostrando promissor no futebol da faculdade, ele quer se envolver.

— Caden é adulto. O que o pai dele pode fazer?

— Isso eu não sei. Mas deve poder fazer alguma coisa. A Sandy saiu correndo daqui como se sua saia estivesse pegando fogo.

— Obrigado, Betty. — Andrew se virou para sair da loja de chá. — Ela disse quando voltaria?

— Não.

Enquanto Andrew voltava para o carro com as flores ainda na mão, se perguntou se deveria ligar para Sandy. Ou mandar uma mensagem. Eles trocaram números após a primeira reunião do centenário. Mas até agora, eles sempre se encontravam frente a frente para tomar decisões. Parecia presunçoso da sua parte escrever a respeito de algo particular. Mas, ao mesmo tempo, queria ajudá-la se ela precisasse.

Ele ficou sentado no carro por uns dez minutos com o telefone na mão, tentando decidir o que fazer. Era como se estivesse no ensino médio novamente. Só que agora, as apostas eram maiores. Sandy tinha um filho. E, aparentemente, o pai do garoto ainda estava por perto. Ninguém sabia disso. Sandy não mencionou nada.

Agora que ele pensava no assunto, como Sandy se sustentou todos esses anos morando fora da cidade, sem emprego e com a mãe doente que acabou falecendo?

Mesmo que a mãe tivesse algum tipo de renda, já teria acabado. Sandy contornou a questão quando River perguntou. Toda essa situação deixava uma coisa clara para Andrew. Por mais que gostasse dela, ele realmente não a conhecia.

No fim das contas, desligou o telefone e rabiscou um bilhete simples em um pedaço de papel. Deixou-o junto com as flores na porta de Sandy.

Se ela quisesse lhe contar seus segredos, ele estaria esperando.

Catorze

Sandy se esforçou ao máximo para convencer o antigo Ford Focus da mãe a andar a cem quilômetros por hora enquanto percorria a estrada entre Applebottom e a faculdade comunitária onde seu filho estudava.

Ela não podia acreditar que o idiota do Jerry Lavinski havia reaparecido na vida de Caden neste momento.

Mas ela deveria ter imaginado.

Caden era o tipo de filho que deixava os pais orgulhosos. Encantador, bonito e atlético.

Talvez fosse mesquinho, mas ela não queria que Jerry tivesse o amor do filho. Ele não passou noites sem dormir, trocou fralda, cuidou de joelhos machucados, do braço quebrado na quarta série ou lidou com a reprovação em álgebra, que exigiu que ele fizesse a recuperação no verão. Todas as mágoas, grandes e pequenas, e especialmente aqueles momentos em que um pai daria orientação, foram acompanhados por ela.

Sandy havia feito tudo isso, mesmo vivendo na pobreza e dependente de uma mãe mal-humorada. Continuou mesmo quando a mãe morreu e teve que seguir completamente sozinha e isolada de todos para manter o segredo que Jerry agora estava contando ao mundo.

Ela não deveria ter aceitado o dinheiro durante os dezoito anos, em pagamentos trimestrais, para criar o filho e não dizer nada.

Mas a quem queria enganar? Seu pai havia ido embora. A mãe trabalhava limpando casas até ficar doente demais para fazê-lo. Não havia como ter cuidado de Caden sem o dinheiro da família de Jerry.

E ela fez o certo por ele. O filho estava na faculdade. Nem Sandy, nem os pais conseguiram terminar o ensino médio. Talvez não fosse uma faculdade grande, mas como Jerry cortou o pagamento quando ele se formou, os dois não tiveram muitas opções. A bolsa de estudos completa para jogar futebol nesse time foi uma dádiva de Deus. A parte acadêmica não era o ponto forte de Caden, e essa faculdade permitiria que o futebol pagasse por seus estudos.

Com certeza, Jerry não achava que Caden tinha futuro como jogador profissional. O filho era talentoso, mas sua experiência era muito limitada, pois só havia jogado na escola de Applebottom.

No entanto, ela sabia exatamente o que levou Jerry a entrar em contato. Ele devia ter visto aquele vídeo de Caden no primeiro jogo. Era o tipo de vídeo que viralizava e o nome completo do rapaz aparecia nele, bem como o nome da faculdade onde jogava.

Então Jerry apareceu. Ele queria um pouco da fama do filho que havia rejeitado.

E isso a deixou muito brava.

Agora ele já devia ter a própria família, uma esposa e outros filhos pelos quais não se sentia envergonhado.

Mas Jerry era o mesmo mentiroso manipulador que foi na adolescência. Sem dúvida, Caden ficaria arrasado.

Sandy não sabia o que fazer. O rapaz merecia conhecer o pai, independentemente de quem fosse. A coisa toda a encheu de medo. E se ela admitisse a verdade, sua maior preocupação era que pudesse perdê-lo e que

Jerry o convencesse a se afastar a ponto de ela não poder mais entrar no carro e ver o filho. Jerry tinha uma família poderosa e conexões que podiam virar a cabeça de um jovem. E todos os anos que Sandy passou com ele seriam apagados.

A faculdade ficava há apenas meia hora a leste de Branson, e ela sentiu como se mal tivesse organizado os pensamentos quando chegou ao campus.

Não era nada parecido com a Universidade do Missouri, mas tinha vários prédios robustos, um centro estudantil e o dormitório onde Caden morava.

Ela parou em uma vaga para visitantes e correu em direção ao dormitório, mandando uma mensagem para o filho, avisando que estava lá.

Ele respondeu dizendo que estava no salão do andar de baixo e para ela se preparar, porque Jerry ainda estava lá.

Pela primeira vez desde que percebeu que ele havia encontrado o filho, Sandy parou para considerar sua aparência. Não queria entrar parecendo uma solteirona atormentada que havia falhado na vida.

Felizmente, por causa das visitas regulares de Andrew à loja, ela sempre se arrumava um pouco, passando batom e se certificando de que suas roupas estivessem ajustadas e com a melhor aparência possível. A saia marrom era simples e o suéter branco era um pouco fino, mas ela estava bem.

Alisou os cabelos e correu para o dormitório. Enfrentar Jerry depois de dezoito anos não era algo que ela esperava ter que fazer.

Estava na hora de enfrentar seu passado.

Jerry e Caden estavam sentados juntos no sofá no saguão do dormitório.

O tempo havia mudado Jerry, mas ela o reconheceria em qualquer lugar. O cabelo castanho-claro era igual ao do filho. Enquanto Caden crescia, Sandy não achava que ele se parecia com o pai. Mas vendo-os lado a lado, ela teve que admitir que a semelhança era impressionante. Eles tinham o mesmo nariz angular e mandíbula quadrada. Quando os dois olharam para cima, a respiração de Sandy ficou presa na garganta diante da semelhança em suas expressões um tanto sombrias.

É claro que com o tempo, Jerry não era mais um atleta. O suéter da Georgia Tech se estendia sobre uma barriga. Ele estava sentado, inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos e as mãos unidas.

— Oi, mãe — Caden falou com a cabeça baixa. Instantaneamente, os instintos maternos de Sandy ficaram em alerta.

Os olhos de Jerry semicerraram, como se ele estivesse se preparando para uma batalha.

— Oi, Caden — disse. Depois se virou para o pai. — Jerry.

Nos momentos em que ele a encarou sem falar nada, Sandy repassou todas as conversas que teve com Caden sobre o pai, assumindo que tudo foi discutido enquanto os dois a esperavam.

Naturalmente, Caden perguntou quem era o pai e onde ele poderia estar. Sandy manteve suas respostas simples. Ele era alguém com quem namorou por pouco tempo e se afastou. Não fazia sentido explicar sobre o dinheiro, os pagamentos, sua impossibilidade de falar o nome do pai ou de neutralizar as mentiras espalhadas por ele. Isso era demais para uma criança.

Se Caden escutou alguma coisa em Applebottom, não as compartilhou com ela.

Mas mesmo agora, sentado ao lado do pai, ela não sentia que Caden estava zangado com ela por não divulgar essas informações. Agora que ela havia chegado, o rosto dele relaxou e ele estava em uma posição semelhante à do pai.

Sandy se sentou em uma cadeira ao lado do sofá, tentando acalmar a sensação de que poderia vomitar. Como Jerry continuou em silêncio, Sandy decidiu continuar.

— Como estão as aulas, filho?

— Tudo bem — ele falou.

— O treino está indo bem?

— Sim. O treinador disse que provavelmente vou jogar mais este fim de semana.

E então Jerry ganhou vida.

— Exatamente! O garoto é maior que essa faculdade patética. Já chamei os treinadores de três das universidades que frequentei — ele falou. — Ele é um talento. Deveria estar jogando com os grandes.

Sandy reprimiu sua primeira reação, que era estrangulá-lo, e perguntou friamente:

— Você frequentou três universidades? Te expulsaram das duas primeiras?

Ela atingiu o alvo. O rosto de Jerry ficou roxo.

— Você escondeu esse garoto no meio do nada. Ele está destinado a ser grande. Afinal, é meu filho.

Caden olhou para o chão. Ele provavelmente não sabia o que pensar desse homem que surgiu do nada com esse tipo de declaração.

— Essas decisões serão tomadas pelo Caden — Sandy falou com

cuidado. Mas não mudou seu tom de voz. Queria que Jerry soubesse que não era a mesma garota tímida e atrapalhada de quando tinha quinze anos.

Ou até há alguns meses. Decorar bolos na loja de Betty, ver seu trabalho em um jornal e agora, depois de ter um vislumbre de como era a vida normal com um homem bom, ela se sentia forte. Jerry não podia fazer nada contra ela. Não mais.

— O garoto mal saiu das fraldas e é óbvio que foi mimado pela mãe — Jerry grunhiu.

— Caden é um jovem inteligente e capaz — Sandy respondeu. — Você não pode aparecer aqui depois de dezoito anos e inviabilizar todo o progresso que fizemos com relação à vida dele. Você não tem esse direito.

— Mas paguei por isso — ele falou. — Dei dinheiro para esse garoto. Já está na hora de ver o retorno do meu investimento.

Sandy se levantou da cadeira.

— Ele é seu filho, não um imóvel. E acho muito interessante que você esteja disposto a reivindicá-lo agora que ele é um jogador de futebol.

— Mãe! — Caden protestou. — Chega! — Ele se virou para Jerry. — Agradeço por você vir aqui para me encontrar. Sempre me perguntei quem era meu pai. Mas você não pode me dizer o que fazer. E sou adulto agora. Legalmente, você não tem poder de decisão sobre meu futuro.

O coração de Sandy inchou de orgulho. Caden era forte. Ele sabia se virar sozinho. Ela havia criado bem o filho.

O rosto de Jerry ficou todo vermelho.

— Como seu pai, posso ir até o reitor e cancelar sua matrícula.

Sandy se aproximou dele.

— Na verdade, os termos do nosso contrato eram de que eu não podia

colocar seu nome na certidão de nascimento. Então, até você conseguir um advogado e mudar isso legalmente, você não é ninguém para mim, para Caden, e principalmente para os funcionários dessa universidade.

A boca de Jerry se abriu e depois fechou.

— Sou o pai dele. Você e eu sabemos disso.

— Você não pensava assim na época. Tanto que chegou a dizer que talvez fosse do time inteiro de basquete.

O rosto de Caden ficou vermelho.

— Mãe...

— Foi o que ele disse a todos. — Ela não deixaria Jerry perturbar o plano bem pensado que ela e Caden haviam elaborado.

Os olhos de Jerry semicerraram.

— Vou levar o contrato para eles. Vai mostrar que eu sou o pai.

— Vá em frente — Sandy falou com a voz baixa. — Mas você só o verá se ele quiser. E se ele não quiser, ficarei feliz em ajudá-lo a conseguir uma ordem de restrição.

Jerry se levantou.

— Você não ousaria.

Sandy deu um passo para trás e apontou para a mesa do inspetor, onde uma mulher de olhos arregalados estava sentada com a mão no telefone.

— Basta um aceno meu e ela chama a polícia. Tenho certeza de que quando souberem da situação, não estarão do seu lado.

Jerry caminhou em direção à porta. No meio do caminho, se virou para eles.

— Isso ainda não acabou. Ele é meu filho e vou guiá-lo para ser a pessoa que acho que deveria ser. E não vai ser um reserva de um time de futebol

universitário idiota. Tenho toda a intenção de aparecer no próximo jogo com um recrutador e novas opções para o *meu filho*.

Sandy não o deixaria sair com a última palavra.

— Talvez se você estivesse por perto, ele poderia ter ido para uma das universidades que te expulsaram. Mas, neste ponto, é o Caden quem decidirá quanto envolvimento você terá na vida dele. Ele te liga. Não o contrário.

Quando Jerry saiu, Sandy se virou para o filho.

— Você está bem? Eu não tinha ideia de que ele faria isso. Desde que sua família me forçou a deixar Applebottom, não ouvi mais falar de Jerry.

— Ele fez você deixar a cidade?

— Sim. — Sandy se recostou na cadeira. Ela acenou para a mulher do telefone para mostrar que estavam bem.

Estava na hora de se explicar ao filho.

— Seu pai não quis nada comigo depois que engravidei. Ele disse a todos em Applebottom que o bebê não era dele. Um dia, seu avô veio até nossa casa com um advogado. A família dele tem uma boa situação financeira. Eles me ofereceram uma pensão para você, desde que eu não contasse a ninguém, nem a você, a identidade do seu pai.

Caden olhou para o chão novamente. Era muito para absorver.

— E você concordou?

— Eu não sabia mais o que fazer. Tinha quinze anos e nós éramos pobres. A Nonna trabalhava como faxineira. Nós mal conseguíamos nos manter, então, o dinheiro dele me permitiu te criar sem ter que arranjar um emprego. E quando a Nonna ficou doente e não pôde mais trabalhar, literalmente nos salvou.

— Espero que você não ache que devo ser grato a eles — Caden falou.

— Não. Se recusar a assumir você e depois dizer coisas tão terríveis a meu respeito, foi horrível. Mas isso é passado. Agora estou de volta à cidade e trabalhando na praça. Todo mundo deixou o passado para trás. Eu também. E você também pode.

— Ele não pode cancelar minha matrícula, pode?

— Acho que não — Sandy falou. — Ele não tem provas de que é seu pai e, mesmo que tivesse, não tenho certeza de que ele poderia fazer qualquer coisa já que você tem mais de dezoito anos. Mas para me certificar, vou até a reitoria contar o que está acontecendo.

Caden se levantou e arrumou a camiseta. Ele parecia jovem e vulnerável, apesar de já ser bem crescido. Os olhos de Sandy arderam em lágrimas quando ela viu toda a dor que ele tinha que carregar.

— Pelo menos, agora você sabe que ele existe — ela falou. — Se em algum momento você sentir que quer ir para uma outra faculdade ou se outra vier atrás de você, ele pode ser um recurso. Só precisa ter a consciência do quanto você pode confiar nele. E sempre questione quais são as motivações dele para ajudá-lo.

Caden esfregou a mão na cabeça. O dia estava terminando, mas ele parecia cansado.

— Teve treino de manhã? — Sandy perguntou.

— O dia todo.

— Quando é a sua próxima aula?

— Daqui a vinte minutos — ele respondeu.

— Você deveria pegar suas coisas então — ela falou. — Vou passar no escritório do reitor. Não se preocupe.

Ela se levantou. Caden a envolveu em um longo abraço.

— Obrigado por vir, mãe — ele falou. — Sinto muito por ter te arrastado até aqui.

— Não, você fez a coisa certa. Estou a apenas uma hora de carro. Eu posso sair da loja de chá. Betty é perfeitamente capaz de cuidar dela sozinha.

— Como ela faz há cem anos — Caden falou.

Sandy sorriu.

— Exatamente.

Ela o mandou voltar para o andar de cima e foi até a mulher na mesa para garantir que estava tudo bem e pedir instruções para chegar ao escritório do reitor.

Jerry Lavinski. Ela nunca achou que o veria novamente. Mas ele estava de volta.

Quinze

No caminho de volta para Applebottom, o choque de Sandy se dissipou e a raiva começou a crescer. Ela bateu diversas vezes no volante e criticou Jerry Lavinski. Como ele ousava aparecer agora? Como ele ousava ameaçar o futuro de Caden? Como ele ousava tentar forçar seu envolvimento na vida do filho depois de tanto tempo?

E, claro, agora havia a questão de sábado. Caden tinha um jogo fora que ela não planejava ir, esperando assistir o primeiro no campo da universidade. Mas a ameaça de Jerry de aparecer e atrapalhar as coisas para o filho significava que Sandy realmente precisava intervir.

Ela teria que cancelar seu encontro com Andrew.

De toda forma, o que ela estava fazendo saindo com ele? Ela não podia nem confessar o que havia realmente acontecido há dezoito anos. Dinheiro e contratos de confidencialidade garantiram que ela vendesse o seu silêncio. Ela estava escondendo esse segredo enorme dele e de toda a cidade.

O que ela realmente precisava fazer era recomeçar. Não foi isso que Andrew disse? Sonhar alto. Talvez fosse exatamente isso que precisava acontecer. Sair desta cidade. Se afastar dos velhos fantasmas.

Se ela decidisse fazer isso, poderia pegar o pouco do dinheiro extra que tinha e investi-lo em sua casinha. Usaria sua habilidade artística para torná-la atraente e interessante. Ou alguma coisa. Se ela conseguisse dinheiro

suficiente, poderia se mudar para St. Louis, ou até para a Califórnia. Ou Nova York. Por que não? Poderia ir para algum lugar completamente diferente.

Não, ela não poderia ir para tão longe de Caden. Mas poderia se mudar. Havia Fayetteville. Springfield. Columbia.

Pensar na cidade para onde Andrew a levou fez seu estômago revirar. Ela precisava cortar o envolvimento deles. Tinha que desistir do que eles começaram.

Ela se afastou de Andrew quando tinha quinze anos. Poderia fazer isso de novo.

Andrew ficou sentado no carro por um tempo, olhando para a mensagem de texto de Sandy, na vã esperança de que tivesse lido errado da primeira vez.

Andrew, preciso cancelar o jantar no sábado. Preciso cancelar tudo. A vida ficou complicada. Me desculpe. Ainda vou fazer o bolo para o centenário.

Ele dirigiu pela cidade assim que a aula acabou para conversar com ela a respeito da mensagem. Mas então chegou ao estacionamento da Praça da Cidade. Ele não sabia se tinha coragem de entrar no Tea for Two.

E não sabia se *deveria*.

Algo aconteceu entre Sandy e Jerry, algo que a fez correr para a faculdade de Caden. Mas a mensagem enigmática não explicava por que ela estava se afastando dele.

A mensagem era tão simples que ele não conseguiu entender nenhum contexto. Isso significava que Jerry havia mudado seu coração? Eles iam ficar juntos? Iam criar Caden juntos? Comemorar a carreira dele no futebol?

Ou ela estava com algum tipo de problema de novo? Jerry Lavinski tinha atrapalhado sua vida novamente, depois de dezoito anos?

Andrew tinha desistido dela antes e se arrependeu. Não havia como fazer isso de novo, não com a segunda chance que estavam tendo.

Ele lutaria por ela.

Com essa nova onda de certeza, saiu do carro e caminhou rapidamente pela rua até a loja de chá de Betty.

O sino tocou quando ele entrou. Não havia clientes na loja e a mesa de Sandy estava vazia. Na verdade, estava encostada no canto e a cadeira acolchoada que ela usava não estava mais no salão principal. Parecia que Betty não pretendia mais exibir Sandy lá fora.

O que isso significava? Sandy largou o emprego? Estava se mudando para algum lugar?

Seu coração bateu forte. Jerry a roubou dele novamente?

— Imaginei que era você que estivesse escurecendo minha porta — Betty falou de seu banco atrás do balcão. — Posso pegar um chá Applebottom para você?

Andrew assentiu enquanto se dirigia para o balcão.

Betty desceu da cadeira e foi até a torneira de água quente com uma lentidão dolorosa. Clementine estava com ela hoje, enrolada em um pequeno trono debaixo da pia.

— Está tudo bem? — Andrew perguntou. Ele realmente queria perguntar sobre Sandy, mas a educação o forçou a esperar um minuto.

— Depende do que você entende por bem. — Ela encheu uma xícara com água quente e abriu o recipiente marcado com sua mistura especial de chá.

Andrew olhou para a porta dos fundos. Tentou ouvir, mas estava tudo quieto.

— Ela está aqui, se é com isso que está preocupado — Betty falou. — Mas não posso deixar você ir até lá. Ela pediu para não ser incomodada durante o trabalho.

— Posso saber o que aconteceu?

Betty passou a caneca fumegante para ele.

— Acho que se ela quiser falar sobre isso, ela mesma o fará.

— Mas ela ainda trabalha aqui? Não vai se mudar?

— Ela ainda trabalha aqui, filho. Dê um tempo para ela. Às vezes, a vida tem suas complicações, mas elas acabam se resolvendo.

Ele não pôde deixar de perguntar.

— Mas ela está bem?

— Está, sim. Nós vamos cuidar bem dela.

Andrew olhou para o copo descartável que ela havia lhe entregado. Normalmente, ele recebia uma caneca de cerâmica que significava *se sente e converse um pouco*. Claramente, esta significava que ele precisava ir embora.

Ele puxou a carteira para pagar o chá, mas Betty acenou.

— É por conta da casa.

— Obrigado. — Ele se virou para a porta. — Você dirá a ela que vim vê-la?

— Tenho certeza de que ela sabe — Betty declarou. — A loja não é tão grande.

Andrew foi para a calçada. Uma rajada de vento fez as folhas deslizarem

pela rua, provocando um calafrio repentino.

Ele manteve a cabeça baixa. Era surpreendente ver como o otimismo podia ser afugentado tão rapidamente, assim como os dias quentes e ensolarados do verão, dando lugar ao outono.

Ele faria o que Betty sugeriu. Se afastaria. Daria a ela um pouco de espaço.

Applebottom era uma cidade pequena. Ele logo saberia se tivesse perdido Sandy para sempre.

Quando Andrew se foi, Sandy se encostou no batente da porta entre a sala dos fundos e a loja de chá. Betty se recostou no banquinho.

— Como ele estava? — Sandy perguntou.

— Ele parecia um pouco desanimado, como era de se esperar.

Betty se ajeitou no assento. Clementine levantou a cabeça da caminha, lançou um olhar confuso para as duas e se deitou novamente.

— Para constar, acho que você está cometendo um erro — Betty falou. — Não sei o que aconteceu entre você e aquele indivíduo que te causou tanto sofrimento. Mas Andrew é um bom homem, então se certifique de tratá-lo como ele merece.

Um nó se formou na garganta de Sandy.

— As coisas estão muito complicadas agora. Não tenho condições de namorar alguém. Tenho que pensar no Caden.

— O Caden é um jovem adulto agora — Betty falou. — Já é tempo de

você começar a pensar na sua vida. No que você quer.

Sandy se virou para o bolo de quinze anos de Fierce, que estava se formando. Ela espaçou os pedaços de glacê duro e decidiu anexá-los a um bolo de amostra. Seria entregue nesta sexta-feira. Ela ansiava por isso. Decorações sombrias, desgraça e melancolia. Parecia o cenário perfeito para sua vida agora.

Dezesseis

Andrew se sentou na sala de conferências da escola se sentindo mais nervoso que nunca. O comitê de comemoração do centenário se reuniria, e ele não tinha certeza se Sandy apareceria ou não.

Desta vez, não seriam apenas os dois. A secretária da escola pegou suas anotações sobre a história de Applebottom e deu andamento ao trabalho, recrutando várias pessoas da cidade para cuidar das barracas que seriam montadas no refeitório da escola. Os cidadãos de Applebottom teriam uma amostra de todas as coisas que tornaram a cidade única ao celebrarem o centésimo aniversário da escola.

Claramente, ele era apenas uma figura representativa e as reuniões só aconteceram para juntá-lo com Sandy. O verdadeiro trabalho do centenário estava sendo feito por Sadie.

Para ele, tudo bem.

Minutos após sua chegada, Gertrude e Maude apareceram com amostras da torta que iriam fornecer na barraca.

Elas foram seguidos rapidamente por Janine, dona do salão de beleza e SPA da cidade. A mulher havia embalado pequenas amostras de seu creme para as mãos para distribuir na celebração.

Topher e Danny chegaram logo em seguida com desenhos de buquês e um grande arco da topiaria, plantas ornamentais que eles construiriam na

entrada, usando plantas e estacas das árvores nativas da região.

Até o prefeito da cidade, T-bone, apareceu, usando seu colete de motoqueiro de couro preto repleto de emblemas, a barba grisalha e botas pesadas. Ele faria um discurso.

Todos estavam felizes e comendo mini tortas quando o diretor da banda entrou correndo, ajeitando o blazer azul marinho e pedindo desculpas pelo atraso.

— A banda estava ensaiando algumas músicas extras de época — ele falou. — O plano é marcharmos durante as festividades? Ou vocês querem que lideremos a todos no começo?

Gertrude limpou as migalhas das mãos e disse:

— Acho que seria bom se eles entrassem no meio. Seria uma entrada triunfal e chamaria a atenção de todos no momento do discurso do T-bone.

Andrew assentiu. Eles estavam praticamente dirigindo a reunião. Tudo bem, já que sua cabeça não conseguia se concentrar em nada além de Sandy. Já havia passado vinte minutos e a decoradora de bolos não tinha aparecido.

Maude passou uma bandeja de tortas para o diretor da banda.

— Acredito que alguém irá providenciar o bolo — ela falou. — E que precisa de uma explicação, porque é muito elaborado.

O comitê se virou para ele.

— Certo — Andrew disse. — A Sandy não queria falar sobre o bolo, mas eu vou explicar do ponto de vista histórico.

— Muito bem — Maude concordou. — Abriremos a porta para os vendedores por volta das seis e, talvez, por volta das seis e quarenta e cinco a banda entrará. Às sete horas, o prefeito fará seu discurso. Em seguida, cortaremos o bolo. Você vai falar um pouco sobre o significado dele. Então

todo mundo vai comer e acabou.

— Tudo bem para mim — Andrew falou.

— Alguém viu esse bolo? — Gertrude perguntou com uma pontada ácida na voz. — Ainda acho que uma torta é mais importante para uma cidade com o nome de torta.

— Quieta — Maude a repreendeu. — Ninguém se importa. Você não pode colocar a história da cidade em uma torta.

Andrew se mexeu na cadeira.

— Eu vi os esboços — ele falou. — Será maravilhoso.

— Que ótimo — Maude disse, calando Gertrude.

Depois disso, todos começaram a conversar. Andrew se sentou à cabeceira da mesa, se sentindo distante de tudo.

Eventualmente, uma voz atravessou o barulho e capturou sua atenção.

— Mas afinal, onde está a Sandy? — Danny perguntou.

— Não tenho certeza de que a garota seja tão dedicada a Applebottom quanto deveria — Janine comentou.

Andrew tentou não responder à acusação. Ele queria dizer: *E por que ela deveria, depois da forma como todos vocês a trataram há anos?* Mas ele não disse nada.

Janine ainda usava seu avental rosa do trabalho no SPA. Ver uma mancha de cera fria na manga deu a ele um pequeno senso de justiça enquanto ela e Gertrude assentiam.

Maude empurrou a bandeja de tortas para Janine.

— Seria melhor se você ocupasse sua boca com algo doce.

Andrew tossiu para disfarçar a risada. Essas pessoas definitivamente tinham suas peculiaridades. Se ele tivesse que escolher, Maude seria a sua

favorita. Ela salvou a Applebottom Pie Shoppe da falência ao comprar metade da loja e mantinha a terrível Gertrude na linha. As duas não poderiam se dedicar mais à Applebottom, mesmo que fossem tão diferentes quanto água e óleo – uma das expressões favoritas de Maude.

Ele se recostou na cadeira. Não fazia sentido continuar nesta reunião até que ela se tornasse pura fofoca.

— Parece que está tudo sob controle. Vou garantir que a cafeteria esteja destrancada para que todos possam se organizar. Reunião encerrada.

Cada participante pegou uma última torta da bandeja de Maude e saiu. Andrew esperou que todos saíssem antes de pegar sua pasta e colocar a bolsa no ombro. A sala ficou em silêncio e os corredores voltaram a ficar vazios.

Ele olhou para a cadeira onde Sandy se sentou na primeira vez e se perguntou como ele poderia voltar ao ponto onde pararam.

Talvez isso não fosse possível.

Dezessete

Enquanto Sandy seguia pela estrada em direção ao pequeno e obscuro estádio onde Caden jogaria a segunda partida de futebol da faculdade, ela ensaiou todas as coisas que poderia dizer a Jerry Lavinski quando o visse novamente.

Ele não a pegaria de surpresa dessa vez. Ela diria tudo o que desejou ter dito durante os dezoito anos em que criou o filho sozinha.

À medida que se aproximava, Sandy desejou ter Andrew ao seu lado. Embora essa viagem tivesse apenas duas horas de duração, parecia passar muito mais devagar que aquela que fizeram para Columbia.

Ela sabia que tinha estragado tudo. Mas enquanto esse problema com Jerry continuasse, não podia começar outro relacionamento. Além disso, sabia como as pessoas encarariam o fato de ter abandonado Andrew mais uma vez por algo que Jerry havia feito. Por que sua história tinha que continuar se repetindo?

Depois do que pareceu uma eternidade, ela estacionou no estádio de futebol. Chegou ridiculamente cedo, porque não queria correr o risco de que Jerry aparecesse e tentasse entrar no campo antes do jogo.

Há alguns dias, desejou segui-lo para ver que tipo de carro ele dirigia. Sem dúvida, seria chique. Havia muitos donos de concessionárias em sua família. Talvez fosse esse o motivo de eles serem tão bons em convencer as

peessoas de qualquer coisa. Eles trataram a vida dela como uma venda que precisava ser fechada.

Só havia cinquenta carros no estacionamento naquele momento. A própria equipe havia chegado de ônibus. A ideia de que Caden ocasionalmente ainda andava naquele ônibus escolar amarelo a fez sorrir. Pobre faculdade. Eles nem tinham dinheiro suficiente para trocar o transporte da equipe por algo mais novo.

Mas o time estava fazendo a parte importante: pagando as mensalidades do seu filho.

Ela levou alguns minutos para seguir pelo estacionamento, olhando para cada veículo. Ela se lembrava que a família de Jerry sempre colocava adesivos nos carros para fazer propaganda da concessionária. Eles não perdiam a oportunidade de divulgar o negócio. Uma rápida caminhada garantiu que, a menos que algo tivesse mudado, o carro de Jerry ainda não estava lá.

Ótimo. Ele não poderia fazer nada inesperado sem que ela estivesse lá para suavizar suas ações.

Outro ônibus chegou, trazendo as líderes de torcida. Depois a banda. Os primeiros espectadores começaram a chegar e a bilheteria abriu. Sandy ficou de olho no campo enquanto pagava o ingresso e entrava no estádio. Parecia improvável que qualquer técnico permitisse que um pai, ainda mais alguém indesejado, se infiltrasse na reunião antes do jogo enquanto eles estavam se preparando.

Ela se sentou em um banco baixo no lado dos visitantes, quase sozinha enquanto os trabalhadores organizavam o equipamento lateral.

O tempo estava bonito. Estava frio, mas não gelado. O sol do final da

tarde aqueceu o rosto de Sandy. Alguém começou a fazer pipoca embaixo das arquibancadas e o cheiro fez seu estômago roncar. Como a equipe ainda não havia entrado em campo para se aquecer, ela correu até a lanchonete e comprou chocolate quente e pipoca. Quando voltou, já havia alguns expectadores espalhados pelas cadeiras, esperando que os jogadores chegassem.

Um casal amistososo, talvez dez anos mais velho que ela, atravessou as arquibancadas de mãos dadas. Mais uma vez, Sandy lamentou não ter chamado Andrew para acompanhá-la. Ele ficaria feliz em aparecer e assistir ao jogo de futebol em vez de ir jantar em Branson. O homem só queria fazer algo em sua companhia.

Ela tinha mesmo estragado tudo. Mas o que poderia ter feito de diferente? Pelo que sabia, Jerry e toda a sua família estavam prestes a aparecer e fazer um grande espetáculo nas arquibancadas. Não, isso era algo que ela tinha que fazer sozinha. Precisava ver todo o problema, e então talvez pudesse repensar seu plano. Talvez não tivesse que sair de Applebottom.

A equipe da casa tinha um número consideravelmente maior de torcedores e todos estavam animados enquanto o time corria pelo campo para o aquecimento.

O casal que ela viu aplaudiu de forma educada a equipe adversária. Sandy tentou deixar de lado a ansiedade por Jerry e aproveitar o momento.

Se sentar nas arquibancadas era algo novo para ela. Nos quatro anos de Caden no futebol, ela permaneceu nos cantos superiores, se mantendo sozinha. Mas aqui, ninguém conhecia sua história. Eles não a desprezariam ou sussurrariam sobre como ela engravidou quando estava no segundo ano do ensino médio.

Ela se sentou um pouco mais ereta. Não precisava sair de Applebottom para começar de novo. Seu recomeço estava bem aqui. Com o filho.

A equipe de Caden correu para o campo e Sandy ficou de pé. Nunca se sentiu corajosa o suficiente para demonstrar seu orgulho na cidade em que nasceu.

Ela vibrou e bateu palmas. Talvez tivesse gritado um pouco. Um grupo de alunos da faculdade correu para as arquibancadas, todos pintados com as cores verde e dourado da Fisher Junior College. Se sentaram perto dela, aumentando o barulho. Sandy queria rir alto. Isso era divertido.

A banda subiu os degraus de metal para preencher o espaço à direita. As líderes de torcida correram para a pista em frente às arquibancadas. Sandy se animou. Ela quase poderia ser confundida com uma das alunas. Desabotoou o casaco para mostrar a camiseta que Caden havia lhe dado.

Quando a equipe começou os alongamentos e a euforia desapareceu, o casal mais velho se aproximou dela.

— Você parece mãe de jogador de futebol — a mulher falou. — Ela estendeu a mão. — Sou a Shannon. Este é o Bill. Nosso filho, Tanner, joga no Fisher. E o seu?

Sandy realmente sentiu os olhos arderem de orgulho quando respondeu:

— Sim. Meu filho é Caden Miller. Ele ainda é um calouro.

Bill se inclinou para a frente, ajustando a aba do boné verde e dourado.

— Ele é o cara do vídeo do último jogo, não é?

Sandy assentiu.

— Ele me contou a respeito naquela noite. Foi uma recuperação de bola bem louca.

— Imagino — Shannon comentou. — Eu acho que ele vai avançar muito

rápido. Se a Fisher não tomar cuidado, outra faculdade vai pegá-lo.

— Você acha? — Sandy não considerou que Jerry estivesse certo. Talvez Caden fosse melhor do que ela imaginava.

— Isso acontece o tempo todo — Shannon explicou. — O Tanner diz que metade da equipe está tentando fazer grandes jogadas para ser notada.

— Já fico satisfeita por ele ter a bolsa para estudar — Sandy falou.

— É realmente uma vantagem — Shannon disse. — Esses meninos sempre querem se profissionalizar. Mas é como ser atingido por um raio.

A banda começou a tocar tão alto que eles não conseguiram continuar a conversar. O contentamento tomou conta de Sandy enquanto observava Caden ziguezaguear pelo campo. Ele havia encontrado seu lugar. Onde ele tinha potencial e poderia ser visto. Se tivesse mais possibilidades, seria ótimo. Caso contrário, ele ainda teria o diploma e a chance de um futuro.

Isso era tudo o que ela realmente podia pedir na vida. Ter um filho e vê-lo ter sucesso.

Embora um frio em seu estômago lhe disse que havia mais. Havia família. Conexões.

E, possivelmente, poderia haver amor.

Comeu pipoca e conversou com Bill e Shannon entre as apresentações das bandas até que os jogadores deixaram o campo novamente.

Sandy procurou por Jerry e sua comitiva, mas até agora, nada. Ela não tinha ideia de onde ele morava. Será que havia pegado um voo para ver Caden no início desta semana?

Quando os eventos que antecederiam o jogo começaram, Sandy começou a relaxar. Talvez aquela tenha sido uma ameaça vazia. E talvez, apenas talvez, ele tivesse se surpreendido com o quanto era forte.

As arquibancadas ficaram lotadas e as equipes voltaram para começar o jogo.

Um apito sinalizou o pontapé inicial, e Sandy viu Caden na linha lateral, pulando e torcendo por seu time. Ele era um bom atleta. Não precisava ser a estrela. Mas ela percebeu que os colegas de equipe e os reservas conversavam o tempo todo com ele. Como em Applebottom, ele era popular e amigável. Ele se daria bem.

À medida em que o relógio corria, Sandy mergulhou cada vez mais no jogo. Quando a Fisher Dragon avançava, ela e Shannon se viravam para se abraçar. Era assim que pais se relacionavam. Através de experiências compartilhadas com outras famílias. Encontrando sua tribo.

Enquanto o jogo continuava sem nenhum sinal de Jerry, Sandy se sentiu transformada. Ela iria a todos os jogos. Quem se importava se seriam em casa ou fora? Nenhum dos lugares ficar mais do que três ou quatro horas de distância. Essa era sua nova paixão. Não precisava mais sentir medo. Conheceria os outros pais. Se envolveria em alguma coisa. E certamente surgiriam oportunidades quando aumentasse sua disposição de sair e se conectar com os outros.

Shannon apertou seu braço.

— Estão colocando o Caden!

Sandy examinou o campo. Caden estava correndo para a linha de vinte jardas, onde a equipe havia acabado de sinalizar uma captura justa após um chute.

Tanner cumprimentou Caden enquanto preparavam sua primeira jogada.

Shannon deu uma cotovelada em Sandy.

— Parece que os nossos meninos se dão bem.

Uma onda quente de emoção percorreu Sandy mais uma vez. Ela se sentiu tão cheia de felicidade que não tinha certeza de que seu corpo poderia contê-la. Sentiu algo semelhante a isso na formatura de Caden e quando ele conseguiu a bolsa da Fisher.

Mas não era só por ele. Era por ela também. Estava aqui, entre pessoas com interesses em comum. Logo depois do seu fim de semana incrível com Andrew e River, Sandy se perguntou se tinha vivido antes daquilo. O ar estava mais doce e as cores, mais brilhantes. Ela ficou enfiada em um buraco durante muito tempo.

O jogo começou e Caden deu um passe para Tanner. O rapaz recuou, fazendo parecer que daria um passe longo e depois a entregou a um dos receptores. A jogada falsa funcionou e os Dragons ganharam doze jardas e outro *first down*.

Sandy e toda a arquibancada de visitantes se levantou. Quando a movimentação resultou em um *touchdown*, solidificando a liderança da Fisher, Sandy começou a gritar. Não havia nada como esse sentimento, nada.

Enquanto o tempo passava e Caden foi ficando no jogo, Sandy se sentiu exultante. Jerry não apareceu. Mais uma promessa ou ameaça que não correspondia a nada. Se há dezoito anos, ela soubesse que sua palavra não tinha valor, poderia ter vivido sua vida, ter terminado o ensino médio e feito muito mais. Mas teve medo.

Não teria mais.

Quando a banda tocou a música da universidade, o time se abraçou e as líderes de torcida cantaram. Sandy sabia que havia exagerado no início da semana com a chegada de Jerry. Ela não precisava sair de Applebottom para encontrar seu caminho ou recomeçar. Já estava fazendo isso.

Shannon segurou seu braço e eles correram para onde os jogadores de futebol se concentrariam. À medida que aplaudiam seus meninos, Sandy percebeu que sabia o que tinha que fazer.

Ela tinha que fazer um bolo. E talvez tivesse que repensar a decoração.

E provavelmente teria que falar na frente de muitas pessoas.

Pessoas que uma vez a julgaram. Falharam em ajudar. Deixaram-na sofrer.

Mas não estava fazendo isso por si mesma.

Era por outra pessoa.

Um homem muito especial.

Ela poderia fazer isso.

Dezoito

A celebração do centenário estava indo bem.

Andrew estava encostado na parede, com os braços cruzados, se sentindo um pouco distante das festividades. Havia muito mais coisas acontecendo, além do que eles haviam discutido na última reunião. Claramente, algum outro grupo estava planejando tudo. Isso não importava. A primeira reunião fez o que era necessário: uniu Sandy e ele, mesmo que por pouco tempo.

Andrew ouviu da secretária da escola, que tinha conversado com Delilah, que contou para Betty que Sandy tinha cancelado o jantar para ir a um jogo de futebol de Caden. Jerry não estava na foto.

Isso era um alívio. Caden tinha conseguido ficar mais tempo em campo dessa vez. Andrew estava feliz por eles. De verdade.

Ele simplesmente não sabia onde encaixava nisso. Quando estiveram em Columbia, teve certeza de que Sandy queria continuar saindo com ele. Ela até concordou com outro encontro. Mas se ela tivesse mudado de ideia, não teria escolha a não ser deixá-la em paz.

As barracas estavam lotadas de visitantes que vieram provar os produtos da cidade. Gertrude e Maude distribuíam tortas em miniatura. Janine estava com suas amostras de loção. Danny e Topher estavam colocando pequenos broches de flores em todas as mulheres. Eles realmente se superaram ao preparar esse mimo, além de toda a decoração.

Delilah apareceu com petiscos para quem tinha animais de estimação. Não que os bichinhos estivessem na cafeteria. Andrew suspeitava que ela tivesse feito lobby para isso, mas certamente não avançou.

Até o velho rabugento Arnold, o barbeiro da praça da cidade, apareceu com uma cadeira e tesoura. Ele estava cortando os cabelos das crianças rebeldes.

Andrew olhou para o relógio. A banda deveria entrar a qualquer momento. Até então, um pequeno quarteto de veteranos tocava no canto. Um dos quatro era Alfred Felmont, o homem mais rico de Applebottom, raramente visto por aí. Ele tocava violino de olhos fechados, a alegria relaxando suas feições. Andrew olhou para a barraca de torta. Gertrude era bem conhecida na cidade por ter uma queda pelo homem há décadas. Mas hoje ela estava ocupada demais com suas tortas para suspirar por ele.

Paixão não correspondida. Andrew sabia bem como era. Pela primeira vez, ele sentiu uma conexão com Gertrude. Ela costumava ser mesquinha, apesar de amar demais essa cidade. Mas agora percebia que seu comportamento maldoso havia surgido em virtude de ter sofrido durante muitos anos.

Talvez o que ele havia dito a Sandy também se aplicasse a ele. Talvez devesse confiar que a cidade cuidaria de sua mãe. Durante aquele período difícil, depois que seu pai morreu e a mãe esteve doente, ele havia sido necessário. Mas agora, ela estava bem.

Ele olhou para a multidão até que a viu, sentada em uma cadeira perto da parede com várias mulheres da cidade. Cada uma equilibrava um prato de torta pela metade no colo, e elas riram e conversavam animadas, de uma maneira que o fez sorrir.

Talvez este ano letivo fosse o seu último. Se começasse a se candidatar em janeiro, poderia ver o que conseguiria no próximo período escolar. Ele poderia ter que retroceder um pouco, fazer algum trabalho extra. Mas esse era seu antigo plano.

T-bone se aproximou, segurando um prato com nada menos que três tortas.

— Como você conseguiu três pedaços? — Andrew perguntou. — Peguei um no início e elas me enxotaram quando tentei pegar outro uma hora depois.

— É a recompensa por ser o prefeito. — T-bone enfiou outro pedaço da torta de pêssego na boca, conseguindo não sujar o bigode e a barba.

— Com certeza, ser o presidente do comitê para esse evento não serviu como incentivo.

T-bone riu.

— Se você não é um deles — ele apontou para as barracas —, seu papel é só figurativo.

— Sr. Prefeito, você está dizendo que é figurativo?

Ele deu de ombros e deu outra mordida na torta.

Andrew se inclinou.

— Você pode não saber disso, mas essas mulheres realmente têm medo de você.

T-bone enfiou o garfo de plástico em uma das tortas não consumidas e acariciou sua barba.

— Sim, gosto disso. Não deixe ninguém saber que posso ser bonzinho.

A sala se iluminou quando as portas laterais se abriram. Um silêncio caiu sobre a multidão. Do lado de fora, a banda da Applebottom High School aguardava o sinal.

Andrew podia ser uma liderança figurativa, mas ele ainda era a pessoa que dava andamento aos eventos naquela noite.

Ele abriu caminho através da multidão e subiu no palco em direção ao microfone.

— Olá, pessoal — ele falou. — Obrigado por terem vindo. Acredito que em seguida teremos algumas músicas tradicionais tocadas pela nossa banda do ensino médio!

Alguém fez uma contagem, e então houve um barulho no salão. Andrew desligou o microfone e deu um passo para trás para assistir. As festividades estavam no auge. Quase todo mundo em Applebottom já estava aqui. Depois que a banda passasse e tocasse, T-bone discursaria. Então eles apresentariam o bolo.

Espere. O bolo.

Estava aqui? Ele ainda não tinha visto.

E se Sandy não viesse?

Não, ela disse que faria o bolo. Ela era o tipo de pessoa que mantinha sua palavra.

Claro, que ela poderia enviá-lo por Betty.

Ele não sabia como tinha ficado. Quando Sandy fez os esboços, eles concordaram que algumas de suas ideias podiam não se encaixar exatamente como esperavam.

Mas, se Sandy havia feito algum ajuste, foi sem a sua opinião.

Um dos alunos do ensino médio surgiu por trás da cortina e sussurrou:

— Sr. McAllister.

Ele se aproximou.

— Tudo certo?

— A Sandy pediu para lhe dizer que o bolo chegou.

Então ela estava aqui.

Andrew seguiu para trás da cortina. Sandy instruiu vários alunos a colocar caixas no chão enquanto empurrava um carrinho de prata para o centro do palco.

Ela usava um vestido azul escuro que combinava perfeitamente com as cores da escola de Applebottom e a echarpe que ele havia lhe dado estava amarrada com elegância em seu pescoço. Sua garganta se apertou ao vê-la. Pelo menos, ela era prática e continuava a usá-la, mesmo que não tivesse mais nenhum valor sentimental.

Talvez nunca tenha tido.

Ela cortou a caixa no carrinho, revelando a camada inferior do bolo. Somente quando se virou para procurar o próximo nível, ela olhou para cima e o viu.

— Só vou levar um instante para montar o bolo — falou.

Sem *olá*. Sem demonstrar hesitação em sua expressão. Ela era toda profissional.

Andrew ficou um pouco mais ereto. Ele retribuiria o profissionalismo.

— Ainda há muito tempo. A banda vai tocar quatro músicas e o prefeito vai discursar.

Ela riu e um pouco da resolução dele desmoronou. Andrew sentia falta de estar perto dela.

— Ouvi dizer que nosso ilustre prefeito não é de muitas palavras — ela falou. — Não espero que essa parte dure mais de noventa segundos.

— Posso te ajudar?

— Toda ajuda é bem-vinda.

A primeira música terminou e a multidão do outro lado da cortina bateu palmas. Quando a música seguinte começou, ela pegou uma caixa grande da mão de um adolescente e a passou para Andrew.

— Deixe isso firme enquanto eu quebro as laterais.

Ele estendeu a caixa enquanto ela aproximou o papelão da camada intermediária. Depois, o levantou e o colocou sobre o bolo com cuidado, prendendo-o com bastões de metal.

Ela pegou a caixa menor e ergueu a camada superior, instruindo os alunos a descartarem as caixas.

Os adolescentes sumiram e os dois ficaram sozinhos... ou tão sozinhos quanto poderiam estar com centenas de pessoas do outro lado da cortina.

Quando ele se aproximou, viu que as mãos dela estavam tremendo.

— Você está bem?

Dessa vez, quando ela riu, ele pôde ouvir o nervosismo.

— Claro.

— O bolo está ótimo. Está exatamente como planejamos.

Ela não respondeu. Apenas segurou o último nível. Era mesmo um bolo grande. Mas havia muitas pessoas presentes.

— Isso vai servir oitocentas pessoas? — ele perguntou.

— Não. Não espero que todos comam. Mas tenho outro bolo grande, só por precaução.

— A julgar pela forma como Gertrude e Maude estavam servindo tortas a todos, algumas pessoas podem não aguentar comer mais doces.

— Também acho. Se o bolo extra não for usado, vou doá-lo ao corpo de bombeiros.

Sandy se concentrou enquanto ajustava um disco de plástico embaixo da

camada superior.

— O que é isso? — Andrew perguntou.

— Não é nada — ela falou rápido demais. — Quero dizer, é apenas parte da estrutura do bolo.

— Isso gira?

— Algo assim. — A voz dela estava séria, então ele não pressionou. A multidão na frente do palco bateu palmas novamente.

— Parece que a terceira música está prestes a começar — Sandy falou.

— Sim, é melhor eu ir até lá. — Ele se virou para a cortina.

— Andrew, espere.

Ele se virou. Sandy apertou as mãos, parecendo ainda mais nervosa do que quando a viu pela primeira vez.

— Você está bem?

— Eu só estou... — Ela parou, sem olhá-lo nos olhos. — Lamento não ter participado das reuniões do centenário. Tinha muita coisa acontecendo comigo.

— Deu tudo certo — ele falou. Seu coração afundou um pouco por isso ser tudo o que ela queria dizer. Mas ele aceitava. Pelo menos, estavam se falando novamente.

Ele hesitou, quase perguntando se estaria tudo bem se ele fosse vê-la na loja de chá, mas depois pensou melhor. Ela havia sido clara. Se ela mudasse de ideia, poderia ir até ele. Não estavam em 1918, como no centenário, e ele não deveria fazer todas as propostas. Ela podia tomar a iniciativa da próxima vez.

A terceira música terminou.

— É melhor eu voltar — ele falou.

Ele passou pela cortina e ficou perto do microfone enquanto a banda tocava a última música. As paredes ecoaram com o estrondo dos pratos e o som da trombeta cortou todos os outros sons.

O hino da escola começou a tocar e todos se levantaram para bater palmas. Andrew se sentiu emocionado com a música que lhe era tão familiar e que havia sido marcada em seu coração quando era estudante. Por um momento, desejou que seu pai estivesse lá para aconselhá-lo. Como um homem fazia o seu caminho no mundo? Como ele saberia quando havia encontrado a companheira perfeita, uma esposa? Como ele continuaria com a vida quando nada parecia funcionar como planejado?

Quando a música terminou, Andrew se aproximou do microfone. Ele o ligou enquanto a banda marchava pela porta novamente, deixando o salão silencioso.

— Obrigado à banda pela incrível versão das nossas músicas clássicas e hino da escola. Antes de avançarmos para uma breve história da nossa cidade e escola, teremos uma mensagem do nosso prefeito, T-bone.

Aplausos soaram. Por um momento, ninguém conseguiu ver T-bone, que estava com um prato cheio de torta e enfiando-as na boca.

Gertrude caminhou em direção a ele, seu cabelo grisalho arrumado como um capacete balançando de indignação, e pegou o prato das mãos dele. Ela estava se sentindo corajosa.

Então o levou até o palco. Aqueles que estavam perto o suficiente para perceber a interação riram um pouco.

T-bone caminhou até os degraus. Ele estava sempre vestido assim, com colete de motoqueiro, braços de fora, jeans largo com um cinto de couro e várias correntes. E as botas pesadas. Andrew se perguntava se ele as tirava

em algum momento.

Ele era um pouco parecido com o Papai Noel: fácil de identificar e não mudava nunca.

Apertou o microfone como se fosse Elvis.

— Alooooo, cidadãos de Applebottom!

Andrew foi para trás da cortina.

— Tudo pronto? — ele perguntou a Sandy.

O bolo estava lindo. Sandy ficou ao lado dele, segurando um pedaço de papel.

— Tudo — respondeu. — Andrew, estava me perguntando se eu poderia descrevê-lo.

— Jura? Quer falar na frente de todos? — Isso não era muito a cara dela.

— Estou com medo, mas quero.

Então era por isso que ela estava tão bem vestida.

— Claro — ele concordou. — É o seu bolo. Se precisar de mim, basta sinalizar e eu assumirei.

Sandy se virou para o bolo. Do outro lado da cortina, T-bone disse:

— Bem, é isso e adeus. Devolverei a Andrew se ele aparecer.

Andrew correu pela cortina.

— Obrigado, prefeito — falou. — E agora temos o momento culminante da nossa celebração. Todos vocês devem saber que temos em nossa comunidade uma decoradora de bolos de renome, Sandy Miller. Seu trabalho foi apresentado em jornais de todo o estado e temos muita sorte de ter um de seus designs incrivelmente procurados em nosso bolo de comemoração do centenário. Estive envolvido no processo de trabalho dos aspectos históricos dele e devo dizer que Sandy caprichou.

Ele se virou para a cortina, mantendo a concentração em sua apresentação, mas ainda imaginando como a cidade reagiria a esse reaparecimento público da garota que todos discriminaram.

Sandy tentou se acalmar. Podia fazer isso. Era só uma cidade. E se ela estivesse completamente enganada, poderia ir embora. Encontrar um emprego em outro lugar. Ela só tinha que passar por esse momento e confiar que daria certo.

Do outro lado da cortina, ela ouviu Andrew dizer:

— Vamos aplaudir Sandy e seu incrível bolo da história da escola de Applebottom.

A adolescente do lado do palco puxou as cordas para abrir a cortina.

Com o pedestal no carrinho, o bolo era tão alto quanto Sandy. A plateia ofegou quando a viu. Ela sabia que era impressionante. Sem dúvida, era o maior bolo que ela já havia feito e que possivelmente faria.

Tinha lubrificado as rodas do carrinho para que, ao empurrar o bolo para a frente, ele corresse sem problemas. A última coisa que precisava era que o carrinho se prendesse em algo e jogasse o bolo na multidão.

Mas isso não aconteceu. O carrinho deslizou até que ela parou ao lado do microfone.

— Olhem para isso! — Andrew disse.

Ela só deu um olhar rápido para ele. Andrew estava lindo com aquele paletó azul e gravata vermelha. Lado a lado, os dois eram o epítome do

orgulho escolar de Applebottom.

Só que Sandy não era. Ela foi a maior pária da cidade.

A coisa toda parecia tão estranha e perturbadora que ela quase perdeu a coragem e correu para a porta.

Mas Andrew se afastou do microfone e olhou em seus olhos.

— Ainda está tudo bem? — ele perguntou.

Ele estava lhe dando uma saída, de alguma forma, sentindo o seu medo. Ou talvez fosse óbvio para todos. Mas ela se fortaleceu e caminhou até o microfone.

O palco no final da lanchonete da escola de Applebottom não era grande. Momentos que mudaram o mundo não aconteceram aqui. Mas esse momento estava prestes a mudar o seu mundo.

— Eu e Andrew... — Ela vacilou, percebendo que estava sendo muito amigável. — Eu e o sr. McAllister trabalhamos durante muitas semanas no tema deste bolo. Estou muito honrada por ter sido escolhida para decorá-lo.

Ela se virou para o nível inferior.

— Antes de cortá-lo, deixaremos que todos tenham a chance de vê-lo de perto. Mas vocês encontrarão neste nível inferior, a base da comunidade de Applebottom. A silvicultura. A pesca. E, claro, o entretenimento. Todos sabemos que o desenvolvimento da nossa vizinha, Branson, como destino turístico mudou o curso da história para esta parte do nosso estado.

Ela girou o bolo, revelando a camada inferior, que evoluía da floresta de pinheiros e lagos para a construção, docas e um mar inteiro de pessoas minúsculas olhando para um palco iluminado, destinado a representar as performances em Branson que atraíam multidões.

— O segundo nível representa Applebottom, a cidade que conhecemos e

amamos tanto — falou. A parte central girava suavemente, mostrando as lojas da Praça da Cidade, o parque com sua colina e a beira do lago. E, é claro, as escolas de ensino fundamental e médio. — No topo do nosso bolo, temos o que eu espero que seja a parte mais importante de Applebottom — ela falou. — A comunidade. Esta parte do estado foi construída com a chegada de milhares de pessoas de todas as esferas da vida, todos os contextos e todas as partes do mundo.

A camada superior mostrava uma coleção de pessoas minúsculas, cada uma cuidadosamente formada para que não houvesse duas iguais.

— Mas antes de vocês olharem o bolo mais de perto, eu queria mostrar uma característica muito especial dele, que descreve minha própria interpretação sobre a decoração de bolos e que tem sido um assunto muito popular no últimos meses. E essas são as minhas mensagens secretas.

Ela percebeu que todos haviam ficado em completo silêncio.

Era isso.

Ela girou o nível inferior até atingir sua marca, depois moveu o centro e, finalmente, o topo. Quando todos se alinharam perfeitamente, apareceram palavras que fluíram de uma camada para outra, escritas no azul do rio que atravessava os desenhos de todas as partes do bolo.

— As palavras que você veem aqui são aceitação, esperança e amor. — Ela lançou um olhar furtivo para Andrew, que a estava encarando com curiosidade. Certamente, eles nunca haviam discutido as mensagens escondidas em seu bolo.

— Aceitação é o que estou pedindo a esta comunidade. Não apenas para mim. Todos sabemos o que aconteceu comigo. Mas para todos que possam ter um histórico conturbado ou que se deparem com um problema terrível

enquanto crescem.

Ela olhou para a multidão e encontrou os olhos de Maude, que assentia. Depois, da radiante Betty.

— A próxima palavra é esperança. Isso é o que eu quero para todos nós. Mas particularmente para mim. Algo incrível começou durante a confecção deste bolo e sinto que estraguei tudo. Assim como aconteceu há dezoito anos.

Sua voz falhou, mas ela tinha que terminar.

— A última palavra é amor. Eu amo essa cidade. Você fizeram o melhor pelo meu filho. Mas também amo alguém nela. Uma pessoa em particular. E mesmo que talvez eu não devesse ter colocado mensagens para ele em todos os bolos que vocês comeram nos últimos meses, era tudo o que podia fazer.

Ela tentou olhar para Andrew. Podia ver o casaco esportivo dele pelo canto do olho. Mas não conseguiu fazer isso.

Sua voz estava prestes a sumir. Todo o seu corpo estremeceu com o nervosismo e com o enorme risco que tinha acabado de correr. Ela só tinha uma coisa a dizer.

— Minha esperança é que ele veja a mensagem no meu bolo desta vez. E ele saberá que era para ele.

Sua voz falhou no final. Ela se afastou do microfone e saiu de cena. Agora descobriria se era onde precisava permanecer ou se essa chance tinha feito a diferença.

Andrew ficou impressionado com o bolo.

A multidão começou a aplaudir e depois a gritou.

— Fale com ela!

— Vá buscá-la!

— O que você vai fazer?

Andrew se aproximou do microfone e se virou para ela.

— Eu me apaixonei quando era um adolescente. Acho que não vou abrir mão de você agora.

A cabeça de Sandy parecia leve, como se de repente ela estivesse cheia de ar.

Ele a amava? Durante todos esses anos? Assim como ela o amava?

Ele se afastou do microfone para encontrá-la nas sombras.

— Sinto que talvez devêssemos fugir de todos esses olhares sobre nós — ele sussurrou.

— Talvez, sim — ela falou.

— Foi uma coisa muito corajosa que você acabou de fazer.

— Estava na hora de ser corajosa — Sandy respondeu.

Os cidadãos de Applebottom aplaudiram e comemoraram, e Sadie apareceu para organizar a fila para ver o bolo.

Andrew segurou a mão de Sandy e os levou para mais longe.

— O bolo... — ele disse, depois parou.

— Você gostou? — Sua garganta estava apertada, mas ela conseguiu expressar as palavras.

— Claro. Você é muito louca.

— Sou, não é?

— O que faremos agora? — Os olhos dele se moveram pelo seu rosto, como se ele estivesse tentando memorizá-la. Ela corou com a atenção.

— Fiquei pensando se você gostaria de ir ao jogo do Caden amanhã. É uma viagem de quatro horas. Mas acho que fazemos bem isso.

— Jerry não vai estar lá? — ele perguntou.

— Jerry? Você quer dizer o pai do Caden?

— Você saiu da cidade para vê-lo. As mulheres disseram que ele não apareceu aqui, mas...

— Não. Ele não apareceu. E nunca mais ligou para o Caden. Outra promessa quebrada. Outra ameaça que acabou sendo vazia.

— Como o Caden está lidando com isso?

— Difícil dizer. Ele é um garoto descontraído. Mas ficou feliz por conhecê-lo. — Os olhos de Sandy brilharam com emoção por Jerry ter se aproximado do filho para decepcioná-lo. Ela realmente havia escolhido errado naquela época.

Mas ia corrigir isso.

— Então, e quanto ao jogo? — ela perguntou.

— Eu adoraria — ele disse. — Fico feliz em ir a qualquer lugar com você.

— Mesmo que isso signifique ficar em Applebottom?

— Especialmente se isso significar ficar em Applebottom.

Andrew acariciou os cabelos dela, e eles ficaram mais perto que nunca. Sandy se lembrou da noite em que estavam em frente à sua casa, quando praticamente fugiu dele. Percebeu que tinha sido um erro, que ele poderia tê-la beijado se ela ficasse.

Hoje, ela ficaria.

Quando se entreolharam, ouviram o rangido das polias e viram uma garota fechando a cortina.

— Acho que eles não podem mais nos ver — Andrew comentou.

E com cuidado e ternura, na escola onde perdeu sua primeira chance, Andrew a beijou. Por um momento, eles eram adolescentes novamente, com todo o futuro diante deles.

Só que, dessa vez, eles sabiam exatamente para onde estavam indo e quem estaria com eles nessa jornada.

Dezenove

Faltava dois minutos para o fim do quarto tempo do jogo do time da Fisher Junior College Dragons.

Andrew segurou a mão de Sandy com força. Ele havia se tornado um veterano desses jogos, tendo viajado com Sandy durante a temporada inteira. Estavam no início de dezembro e o destino dos Dragons estava no *snap*, o lance inicial da jogada, e uma virada seria basicamente um milagre para a equipe.

— Nem acredito que eles tenham escalado o Caden — Sandy falou. — Seus dedos o seguraram com tanta força que ele estava começando a não sentir mais a mão. Ele se soltou e a abraçou.

— O outro *center* não está jogando bem. Caden é o melhor apoio que eles têm.

— Ele parece nervoso. Você não acha que ele parece nervoso?

Andrew não tinha ideia do que Sandy estava vendo no garoto. Com seu capacete e equipamento, era impossível reconhecer suas feições, muito menos distinguir uma expressão. Mas ele queria apoiá-la.

— Acho que ele está bem. Ele vai se sair bem.

As equipes se alinharam. Na verdade, o *snap* não era a parte mais essencial do jogo. Todo mundo tinha que fazer sua parte. Eles dariam um chute lateral na esperança de cruzar o campo para aumentar o placar e vencer.

Sandy agarrou a cintura de Andrew com tanta firmeza quanto estava segurando sua mão. Eles prenderam a respiração quando o relógio tocou.

Caden bateu a bola direto para o *kicker*, que a chutou de lado em vez de descer o campo. As duas torcidas se levantaram. Se os Bulldogs derrubassem a bola como esperado, eles poderiam simplesmente deixar o relógio zerar. Mas se os Dragons conseguissem recuperá-la, poderiam fazer uma última corrida para a *end zone*.

O chute ricocheteou em um Bulldog, o que o tornou um *live ball*, ou seja, o chute fez com que a bola fosse considerada em jogo. Percebendo que o chute lateral havia funcionado, as duas equipes correram para começar a jogada.

Os árbitros correram em direção ao amontoado de corpos, afastando os jogadores para determinar quem estava com a bola.

Caden não estava na briga. Como *center*, ele estava muito longe da ação dessa vez. Andrew olhou para Sandy. Com certeza, ela era uma mãe de jogador de futebol, inclinada para a frente, com os olhos fixos no campo. Ela brilhava nos jogos de uma forma que sempre o fazia sorrir.

— Eles conseguiram? — ela perguntou.

Os jogadores do Dragons começaram a pular, depois as líderes de torcida e alguns fãs os acompanharam. Finalmente, o juiz fez o sinal. *Turnover*. Os Bulldogs perderam a posse da bola para os Dragons.

Caden se virou para a arquibancada e fez um sinal de positivo para a mãe. Ele viu Andrew e assentiu rapidamente. O rapaz havia ficado surpreso ao saber que seu antigo professor de história estava namorando a mãe, mas os momentos que passaram juntos tinham sido bons. A mãe de Andrew mimou o garoto no Dia de Ação de Graças como se ele fosse seu neto.

Sandy o soltou e começou a gritar com a voz já rouca.

— Eles conseguiram. Eles conseguiram. Eles conseguiram!

Bill se inclinou na frente de Shannon para dizer:

— E agora, eles não podem perder a chance.

Era verdade. Eles tinham só quarenta e cinco segundos para percorrer o resto do campo.

A equipe de *kicker* correu e o ataque seguiu em frente. Caden ficou em campo.

— Eles terão que agir rápido — Sandy falou. O frio fez suas bochechas e a ponta do nariz ficarem rosadas.

Nenhum dos times tinha *timeouts*, como chamavam os pedidos de tempo disponíveis, então os jogadores correram para a nova posição. Eles tinham que se manter em movimento. Nos jogos universitários, se conseguissem o primeiro *down*, o relógio parava para mover as marcações de dez jardas. Eles tinham que fazer pelo menos isso.

Caden bateu na bola e o *quarterback* recuou. Agora, Bill e Shannon se levantaram, gritando pelo filho. Os quatro se tornaram amigos, algo novo para Andrew. Mas ele gostava dos dois, e essa amizade era muito importante para Sandy, que havia perdido a chance de confraternizar com os pais dos amigos de Caden enquanto criava seu filho sozinha, longe da cidade.

— Ah, não, ele está arriscando um passe! — Shannon gritou, mal conseguindo assistir e cobrindo os olhos.

A bola voou pelo ar e, a princípio, parecia que não havia ninguém para recebê-la, mas, do nada, um *receiver* saltou e roçou nela com os dedos, mudando sua trajetória para que pudesse agarrá-la. Ele caiu com força, mas eles ganharam vinte jardas.

Os árbitros pararam o relógio para mover as marcações.

— Eles estão no *field goal* — Bill falou, se referindo à posição no campo onde havia uma chance grande da jogada ser bem sucedida. — Oras bolas, eles conseguiram.

— Ele ainda precisa chutar — Shannon falou.

A mão de Sandy encontrou a de Andrew e a apertou novamente. Andrew riu consigo mesmo. Se esse era o preço para participar desses jogos com ela, ele pagaria.

Quinze segundos no relógio. A equipe correu novamente.

— Como ele está? — Sandy perguntou.

— Abra seus olhos e veja por si mesma.

Ela abriu. As equipes se alinharam e Caden fez o *snap*. O *kicker* correu para a frente e tudo no estádio ficou quieto enquanto a bola voava em direção à trave.

Ela voou na direção da área de técnicos e depois passou.

A resposta foi ensurdecadora. Os fãs dos Dragons gritavam, choravam, se abraçaram, batiam palmas e pés.

Sandy abraçou Andrew e o beijou na boca.

Ele guardou o momento. O ar fresco. Os sons felizes de gritos ao seu redor. O locutor contando os segundos enquanto o relógio terminava e a alegria secundária que se elevava.

E Sandy, com os braços ao redor do seu pescoço e os lábios nos seus. Os cabelos dela fazendo cócegas nas suas bochechas. O corpo quente e bonito pressionando o seu.

Era isso que ele esperou encontrar todos esses anos. Cidade pequena. Comunidade pequena. Grande vida. Grande amor.

E eles tinham tudo.

Epílogo

A qualquer momento, o trabalho de Sandy seria realmente exibido no Metropolitan Museum of Art.

Este era um grande dia. Um dos mais importantes. O Met Gala.

Sandy ficou ao lado do bolo, com medo de se mover e com receio de que a agitação de garçons, assistentes, gerentes e supervisores fizessem com que alguém esbarrasse na mesa.

Ela nunca esteve tão nervosa, nem mesmo quando ficou na frente de toda a comunidade com uma mensagem secreta em um bolo.

Aquilo não foi nada comparado a esse momento.

Um jovem de camisa e calça preta apertou a mão no fone de ouvido e caminhou até ela.

— O bolo está pronto? Está quase na hora.

Sandy assentiu. Seu corpo tremia.

— A equipe irá acompanhá-la em cinco minutos.

Seu telefone tocou. Ela esperou que o homem se afastasse, depois o puxou do bolso do uniforme branco de confeitaria. Ela recebeu o traje da equipe, que pediu que ela o usasse conforme as instruções.

Estava com uma touca branca plissada de trinta centímetros de altura na cabeça. A camisa branca era de mangas compridas e a calça branca tinha um corte impecável. Até seus sapatos eram brancos. Por cima de tudo, ela

amarrou um avental branco. Ela não tinha permissão para colocar nada nos bolsos da frente do avental, de acordo com as regras de segurança, por isso demorou um momento para pegar o telefone que estava no bolso da calça por baixo de tudo.

Era Andrew.

Está tudo bem?

Ela digitou uma resposta rápida.

Estou bem. Cinco minutos para o bolo. Como está aí fora?

Andrew enviou uma série de fotos. Ele teve que se esgueirar, porque não eram permitidos aparelhos. Metade delas tinham manchas pretas, porque a câmera não saiu totalmente do bolso quando ele as tirou.

Sandy teve que rir das imagens terríveis. Mas ela viu o rosto do ator famoso. E mesmo por trás dele, reconheceu os quatro membros da sua antiga *boy band* favorita da adolescência.

Sandy teve que se beliscar para acreditar que estava realmente ali. E ela havia projetado o bolo que todo mundo iria comer.

River Montgomery fez isso acontecer. Ele encomendou um bolo tão chique que demorou dias para terminá-lo. E depois foi enviado para Nova York.

Quando o diretor artístico que estava coordenando o baile de gala viu o bolo, ele imediatamente a contratou. Ela passou duas semanas em Nova York se encontrando com ele para planejar o que faria e, em seguida, executou

cada parte sob a supervisão de um assistente de diretor de arte e sua equipe.

Foi uma experiência estressante, mas naquele dia, o bolo foi fotografado por quatorze revistas nacionais e pela Associated Press. Mesmo que ele não fosse tão fotografado quanto as celebridades e seus trajes, faria sucesso em todas as revistas de gastronomia.

Ela se preparou para a avalanche de publicidade que certamente viria. Já tinha começado. Alguém já havia sussurrado que ela deveria ser levada de avião para a Inglaterra para o próximo casamento real.

Era muito para absorver.

O homem de preto voltou, desta vez seguido por uma modelo de revista, que tinha cabelos loiros bem penteados, maquiagem perfeita e um longo vestido de seda branca.

Ainda assim, ela segurava uma prancheta e estava com um fone de ouvido, o que significava que ela era parte da equipe, como Sandy. Parte importante, mas mesmo assim, da equipe.

— Marcella — o homem falou —, esta é Sandy Miller, a decoradora de bolos.

— Prazer em conhecê-la. — Os olhos de Marcella examinaram o bolo. — Tudo parece estar em ordem. — Ela se virou para o homem de preto. — Onde está o chef de confeitaria?

— Ele estava aqui.

Um homem baixo e idoso se aproximou, segurando a touca de chef no lugar enquanto se apressava. Ele também estava de branco.

— Estou aqui! Me desculpe. Emergência de touca.

Os olhos afiados de Marcella o observaram.

— Vire para a esquerda e para a direita — ela falou.

Ele virou a cabeça quando ela pediu.

— Consegui prendê-la agora.

Ela assentiu.

— Parece que estamos prontos.

Quatro homens vestidos exatamente como Sandy e o chef, mas com toucas mais baixas, se aproximaram e pegaram uma alça que se estendia de cada lado do carrinho.

— Vamos prosseguir em ordem — Marcella instruiu. — Primeiro, o chefe, depois a decoradora e depois o bolo. — Ela os colocou na posição.

Sandy prendeu a respiração quando colocaram o bolo em movimento, preocupada com uma possível queda. Não que isso tivesse sido deixado ao acaso. O carrinho foi testado e deslizava pelo chão como se estivesse flutuando.

Marcella abriu caminho enquanto se moviam pelo corredor.

— O chef será apresentado, em seguida a decoradora e vocês dois se afastarão para que o bolo entre. Vocês sairão para o lado direito do palco e permanecerão na base. Não falem. Não chamem a atenção para si mesmos.

Ela queria garantir que a equipe soubesse que eram parte do *staff*. Mas isso não importava. Era uma ocasião escandalosamente incrível, e a esnobe Marcella não iria estragar tudo para Sandy, não importava o que ela dissesse.

Pararam diante de um conjunto de amplas portas duplas. Marcella pressionou o dedo no headset e desviou o olhar, como se estivesse se concentrando.

— Sob meu comando — disse, como se fosse um general e eles estivessem prestes a lançar uma ofensiva.

Eles esperaram no corredor. Sandy conseguiu distinguir o som abafado de

um homem falando pelo sistema de som e as risadas da multidão. River e Andrew estavam lá fora. River comprou uma mesa, e Sandy tinha um lugar reservado para ela.

Assim que a apresentação do bolo terminasse, ela se trocava e se juntaria a eles. Ela havia perdido o jantar, mas ainda teria a chance de dançar e ver as celebridades.

— Em cinco — Marcella disse com firmeza. — Quatro, três, dois e vai. Pronto.

Dois segurança abriram as portas do outro lado enquanto o chef liderava o caminho para o salão principal.

Sandy se sentiu sobrecarregada demais. A sala brilhava. Vestidos, joias, decorações, luzes cintilantes. Em toda parte havia flores, pessoas e seguranças.

Marcella os conduziu para o centro do salão. Ela largou a prancheta em algum lugar.

O locutor falou.

— E, finalmente, temos o bolo glorioso que descreve o tema deste ano: tragédia e comédia.

A plateia aplaudiu em apreciação.

— Essa maravilha de seis camadas foi assada pelo renomado chef confeitoiro, Pierre La Tour. As camadas são feitas de chiffon de limão com cobertura de cream cheese de amêndoa. E todos nós vamos ganhar dez quilos só de olhar para ele.

A plateia riu.

— O bolo foi ricamente decorado para retratar a história das artes dramáticas por Sandy Miller, a decoradora favorita do artista River

Montgomery.

Sério? Decoradora favorita? Sandy abafou uma risadinha. Ela imaginou que eles tinham que falar algo para fazê-la parecer importante.

Marcella fez um gesto para ela e Pierre, e eles a seguiram até o canto do palco. Os quatro carregadores do bolo giraram a peça para que todos pudessem ver todas as partes.

Sandy olhou para ele com orgulho. Cada camada mostrava períodos diferentes, começando com as tragédias gregas, passando por Shakespeare, peças de ópera e teatro, filmes mudos e até a era moderna de Hollywood. Um total de setenta e cinco cenas foram cuidadosamente selecionadas por ela e pelo comitê, e esculpidas à mão para serem colocadas no bolo. Foi um trabalho importante. Ela provavelmente nunca faria algo assim novamente.

O locutor descreveu os elementos mais interessantes do bolo e, em seguida, Marcella acompanhou Sandy e Pierre de volta para dentro do prédio.

— Obrigado por sua contribuição para o baile de gala deste ano — Marcella falou com frieza. Sua prancheta reapareceu misteriosamente.

E com isso, ela se foi.

Sandy correu para o depósito dos fundos, onde os funcionários foram instruídos a deixar seus pertences. A recepcionista pegou sua bolsa e Sandy correu com ela para o lavabo.

Não foi fácil colocar um vestido de noite em um banheiro pequeno, mas Sandy estava acostumada a se virar. O vestido foi presente da mãe de Andrew, o que fez com que Sandy o considerasse valioso.

Doris McAllister amava Sandy. Já fazia um ano que os dois estavam juntos e nesse período, a sogra e ela criaram uma grande amizade. Doris se tornou a mãe que Sandy nunca teve quando criança. O único ponto de tensão

era a frequência com que a mulher sugeria que seu filho precisava tomar jeito e se casar.

Por que eles não se casavam? Sandy estava feliz com seu trabalho decorando bolos para Betty, embora grandes confeitarias em várias cidades tivessem lhe oferecido oportunidades. Isso ficaria ainda mais intenso depois desta noite. Ela seria capaz de se mudar para onde quisesse.

Não que ela fosse se mudar. Andrew havia se comprometido em ficar mais um ano na escola de Applebottom, pois nenhuma das vagas de faculdade que ele considerou pareciam se encaixar.

Mas havia muitas oportunidades diante deles.

Ela se virou para o espelho amarelo. Era pequeno, mas pelo menos era alguma coisa. Seu cabelo estava preso em um coque elegante, feito pela equipe do Baile de Gala. Colocou o vestido longo azul escuro com pedrinhas e cristais por todo o corpete e comprimento.

Fechou o zíper e depois se virou para a bolsa.

Sandy dobrou o uniforme e o avental branco da melhor forma que pôde. A roupa seria uma lembrança.

Voltou à sala de controle dos funcionários para guardar a bolsa. A garota pareceu surpresa sua nova roupa.

— Você está indo para o baile?

— Estou — Sandy disse com uma risadinha. — Sou a decoradora de River Montgomery.

Ela atravessou a cozinha, onde a atmosfera estava muito mais relaxada, agora que o jantar havia sido servido. O processo de cortar e servir o bolo levaria de quinze a vinte minutos, de acordo com o cronograma principal. Ela havia se trocado bem a tempo de comer um pedaço da sua própria criação.

Tirou o convite da bolsa e voltou correndo pelo corredor para entrar no salão principal como uma convidada dessa vez.

Foi parada pelos seguranças e mostrou seu convite a eles. Chamaram uma recepcionista para acompanhá-la. Ela ficou contente por isso, porque no mar de mesas, não conseguiu avistar River ou Andrew.

Ela se acalmou quando se sentou na cadeira vazia.

— Como foi o jantar? — ela perguntou.

— Magnífico — River respondeu. — Todo mundo está falando sobre o seu bolo.

— E o fato de eu ser a favorita do artista River Montgomery? — Sandy perguntou.

River riu.

— E isso também. Nunca disse que qualquer artista era meu favorito.

— Bem, estou mais do que honrada em ser a primeira.

Um garçom se inclinou em sua direção.

— Madame gostaria de um prato ou uma salada?

— Só gostaria do bolo — ela falou.

— Café?

— Seria ótimo — ela disse.

Andrew se inclinou e beijou sua bochecha.

— Você comeu?

— Ah, sim. Havia um buffet para a equipe. Não é exatamente o que vocês estavam comendo, mas foi bom.

— Extraordinário, não é? — Andrew perguntou. — Não me sinto vindo de uma cidade pequena agora.

Sandy balançou a cabeça.

— Definitivamente, não. Eles vão querer ter uma reunião na cidade só para nos fazer falar sobre isso.

Andrew riu.

— Com certeza.

— Não é uma visão triste para você? — River perguntou, apontando para o bolo que desaparecia rapidamente.

— Foi bastante fotografado — Sandy falou. — Eu não tenho um meio permanente.

— Deveria. Ouvi dizer que você está fazendo aula de escultura.

Sandy sorriu para Andrew.

— Ele me intimou. Então, sim.

— Excelente. Gostaria que uma representação completa do seu trabalho fosse enviada à minha casa para exposições temporárias o mais rápido possível.

As bochechas de Sandy queimaram.

— Não acho que vou ser tão boa.

— Bobagem — River retrucou. — Você é um génio. Um artista deve estar sempre cheio de si mesmo. Caso contrário, ficará cheio de dúvidas.

— Vou tentar me lembrar disso — Sandy falou.

O garçom voltou com seu café e uma fatia de bolo.

— Aí está — River falou. — Parece que você pegou Marilyn Monroe. Que perfeito.

— Estou surpreso por ter pegado um pedaço com alguma coisa — Sandy falou. — A maior parte do bolo será apenas de redemoinhos aleatórios.

Andrew olhou para o pedaço dele. Era quase todo branco.

— Obviamente, as moças bonitas têm as melhores partes.

— Como deve ser — River concordou. — Parece que eu tenho metade do cadáver de Romeu.

Sandy não conseguiu controlar a risada.

— Não acredito que cortaram bem no peito dele.

— É como se me conhecessem — River falou com um dramático floreio de seu garfo. — Vou apunhalar seu torso digno. — Ele enfiou o garfo na túnica dourada.

Após as considerações finais, os convidados foram instruídos a passear pelas áreas abertas do museu. River seguiu em frente com alguns de seus amigos das artes, e Sandy e Andrew andaram de mãos dadas e vagaram pelas exposições.

— Nunca estive neste museu antes — ele comentou.

— Eu nunca estive em Nova York antes. Essas duas semanas foram um turbilhão. Mal posso esperar para fazer alguns passeios de verdade.

Andrew parou diante do retrato de uma mulher e seu filho no meio de um dos salões menores. Ele olhou para a imagem da mulher segurando seu bebê. Os dois estavam vestidos com roupas simples de camponeses e tecidos rústicos, mas suas bochechas eram rosadas e a felicidade emanava de seus rostos.

Sandy não conseguia tirar os olhos de Andrew. De smoking preto, ele estava ainda mais bonito. Juntos, os dois pareciam ser da cidade grande. Ela nunca imaginou um momento como esse acontecendo em sua vida. Não em todos esses anos em que lutou com uma mãe zangada e um garotinho.

— Você acredita que estamos aqui? — ela perguntou.

Ele se virou para ela.

— Claro. Você sempre esteve destinada a ter seu trabalho exposto para

peessoas importantes.

Ela riu.

— Acho que consegui expor minha arte no Metropolitan Museum. Mesmo que ela acabe no estômago de todo mundo.

Ele a puxou para perto.

— É o começo de coisas maravilhosas.

— Já está maravilhoso.

Eles seguiram em frente, deixando a parte de trás da exposição e entrando no grande salão, cheio de pessoas e conversas. Passaram pelas fontes e foram para um jardim mais calmo, já que o ar tinha esfriado.

Um fotógrafo se aproximou.

— Posso tirar uma foto? — ele perguntou.

O aperto de Andrew em seus dedos aumentou.

— Na verdade, eu adoraria. Especialmente se você puder esperar um pouco.

O homem assentiu e levou a câmera ao rosto.

— Suba aqui — Andrew disse, guiando-a para ficar na ampla borda de mármore, a cerca de trinta centímetros do chão, em frente a uma fonte.

— Ah, eu não sou exatamente importante — Sandy falou, sentindo o rosto ficar quente. — Eu só decorei o bolo.

— Consegui fotografá-lo — o homem comentou. — Estava esplêndido!

— Obrigada.

Andrew estava esperando pacientemente que ela se aproximasse, então Sandy levantou a barra do vestido longo e subiu.

— Está lindo — o fotógrafo disse e se interrompeu abruptamente quando Andrew se ajoelhou, segurando uma caixa de veludo preto. — Oh! — Ele

começou a tirar várias fotos.

— Andrew?

O que ele estava fazendo? Ela levou as mãos as bochechas.

Andrew olhou para ela com uma expressão sincera.

— Sandy, há quase vinte anos, esperei muito e perdi minha chance de te fazer minha. Não vou cometer esse erro novamente.

Ele abriu a caixinha. No interior, um diamante de corte quadrado repousava sobre uma almofada de veludo. Brilhava na luz cintilante do ambiente.

— Eu te amo desde que era jovem demais para saber o que essa palavra significava. Mas sei disso agora. E ficaria muito honrado se você me permitisse amá-la pelo resto da vida. Você quer se casar comigo?

Uma pequena multidão se reuniu ao redor deles, percebendo que um pedido de casamento estava sendo feito. Todo mundo ama o amor.

Mas Sandy manteve o foco em Andrew. Os olhos dele ficaram presos aos dela, ansiosos por sua resposta. Ele já se sentia seu parceiro de vida. Isso só tornaria tudo oficial.

Alguns dos outros fotógrafos perceberam o momento e mais flashes espocaram nas contas de cristal de seu vestido.

— Sim! — ela disse. — Claro. Claro que aceito!

Uma grande comemoração soou da multidão e os aplausos a fizeram sorrir. Ela estendeu a mão e Andrew colocou o anel em seu dedo. Ela o puxou para que ficasse na beirada do mármore junto dela. Afinal, não havia sentido em se expor na frente de estranhos famosos, a menos que fizessem isso juntos.

Os flashes continuaram quando Andrew a virou para encará-lo. Sandy se

lembrou da primeira noite em que ele poderia tê-la beijado, depois de visitar River. E a primeira vez que ele fez isso, por trás da cortina no centenário de Applebottom, quando ela confessou como se sentia.

Agora, ele havia demonstrado seus sentimentos por ela.

Seus lábios se encontraram, quentes e familiares. Houve muitos beijos durante esse tempo, mas este superou todos. Era o beijo da promessa, do compromisso, o beijo da eternidade.

Seu amor por Andrew era tão fácil e maravilhoso quanto o que ela sentia pelo filho, algo forte e verdadeiro.

Eles superaram o passado, um pouco balançados e um pouco machucados. Mas livres. A única coisa que eles precisavam agora era aproveitar o futuro que estava diante deles.

Este era um bom começo.

Fim.

Torta de chocolate gelada de Gertrude e Maude

(Bom para engordar alguém.)

MASSA

- 1 1/2 xícaras de biscoito de chocolate bem trituradas (Gertrude come o creme do Oreo e usa as partes de fora. Maude, me deixe fora destas instruções. Você sabe muito bem que a parte branca do Oreo é a melhor parte, caso contrário, por que eles fariam a coisa em dobro?)

- 6 colheres de sopa de manteiga derretida

RECHEIO

- 1/4 de xícara de água quente
- 1 1/2 colheres de sopa de chocolate em pó (Maude nos faz comprar o tipo chique da Lindt, mas qualquer um serve. Não seja extravagante como Maude.)

- 2 colheres de chá de baunilha (pedimos baunilha mexicana, mas qualquer extrato serve. Maude está ficando extravagante de novo.)

- 1 xícara de gotas de chocolate meio amargo (Não, Gertrude, meio-doce. Não, Maude, isso se chama meio amargo. Sou eu que compro os ingredientes. Meio doce é o chocolate bem escuro).

- 1 xícara de creme de leite
- 2 colheres de chá de açúcar refinado
- 1/8 colher de chá de sal

INSTRUÇÕES

1. Pré-aqueça o forno a 190° C. Unte levemente uma forma de torta de 15 cm.

2. Para a massa: misture o biscoito triturado e a manteiga derretida e pressione a mistura no fundo e nas laterais da forma. Leve à geladeira por 20 minutos e asse por 8 minutos. Deve ficar dourado nas bordas. Deixar esfriar. (Gertrude, se lembra daquela vez que você se esqueceu de gelar e queimou demais? Não fale disso agora, Maude. Mas você tentou servi-la a Alfred Felmont, que não sabia que estava queimada porque já estava um marrom muito escuro, e ele foi educado e comeu tudo. Ele é um cavalheiro, Maude. E você comeu mais tarde e cuspiu na pia. Já chega, Maude. Essas pessoas estão tentando fazer uma torta.)

3. Para o recheio: Misture a água quente, o chocolate e a baunilha em uma tigela pequena e reserve.

4. Aqueça o chocolate em uma panela em fogo baixo. Mexa até derreter completamente e deixe esfriar por cinco minutos.

5. Bata o creme de leite, o açúcar e o sal com uma batedeira até formar picos macios.

6. Mexa a mistura no chocolate derretido.

7. Bata a mistura de chocolate no chantilly até a cor ficar uniforme.

8. Espalhe o recheio na massa resfriada.

9. Leve a torta à geladeira até que o recheio esteja firme. Não entre em

pânico se ela se agitar um pouco. (Como a Maude se agita quando ela está com pressa. Agora, Gertrude. Seus braços batem como asas de um pássaro quando você está animada. Ah, fique quieta.)

E se você chegou até aqui...

Temos uma surpresa especial!

A autora liberou um bônus!! É isso mesmo.. um Epílogo especial para vocês...

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo ou acesse:
www.editorabookmarks.com/ocasamento



Siga nossas redes sociais:

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Twitter](#)

E visite nosso site:

www.editorabookmarks.com